

# BOLÍVAR E O BRASIL

MINISTÉRIO DAS RELAÇÕES EXTERIORES

*Ministro de Estado* Aloysio Nunes Ferreira  
*Secretário-Geral* Embaixador Marcos Bezerra Abbott Galvão

FUNDAÇÃO ALEXANDRE DE GUSMÃO



*Presidente* Embaixador Sérgio Eduardo Moreira Lima

*Centro de História e  
Documentação Diplomática*

*Diretor* Embaixador Gelson Fonseca Junior

*Conselho Editorial da  
Fundação Alexandre de Gusmão*

*Presidente:* Embaixador Sérgio Eduardo Moreira Lima

*Membros:* Embaixador Ronaldo Mota Sardenberg  
Embaixador Jorio Dauster Magalhães e Silva  
Embaixador Gelson Fonseca Junior  
Embaixador José Estanislau do Amaral Souza  
Embaixador Eduardo Paes Saboia  
Ministro Paulo Roberto de Almeida  
Ministro Paulo Elias Martins de Moraes  
Professor Francisco Fernando Monteoliva Doratioto  
Professor José Flávio Sombra Saraiva  
Professor Eiti Sato

A *Fundação Alexandre de Gusmão* (FUNAG), instituída em 1971, é uma fundação pública vinculada ao Ministério das Relações Exteriores e tem a finalidade de levar à sociedade civil informações sobre a realidade internacional e sobre aspectos da pauta diplomática brasileira. Sua missão é promover a sensibilização da opinião pública nacional para os temas de relações internacionais e para a política externa brasileira.

O *Centro de História e Documentação Diplomática* (CHDD), da Fundação Alexandre de Gusmão / MRE, sediado no Palácio Itamaraty, Rio de Janeiro, prédio onde está depositado um dos mais ricos acervos sobre o tema, tem por objetivo estimular os estudos sobre a história das relações internacionais e diplomáticas do Brasil.

[www.funag.gov.br/chdd](http://www.funag.gov.br/chdd)

# BOLÍVAR E O BRASIL

Argeu Guimarães

Edição fac-similar



Rio de Janeiro, 2017

Direitos de publicação reservados à  
Fundação Alexandre Gusmão  
Ministério das Relações Exteriores  
Esplanada dos Ministérios, Bloco H  
Anexo II, Térreo  
70.170-900 Brasília - DF  
Telefones: +55 (61) 2030-6033 / 6034  
Fax: +55 (61) 2030-9125  
www.funag.gov.br/chdd  
chdd@funag.gov.br

**Coordenação Editorial:**

Wilma R. d'Oliveira Kroff  
Centro de História e Documentação Diplomática (CHDD)

**Capa:**

Camilla Barçante de Carvalho  
(sobre arte de Ingrid Erichsen Push)

---

Impresso no Brasil 2017

---

929

G963b - Guimarães, Argeu, 1892-1967.

Bolívar e o Brasil / por Argeu Guimarães: 1ª reed.. – Rio de Janeiro : Fundação Alexandre de Gusmão / CHDD, 2017.

274 p.: 22,5 cm

ISBN 978.85.7631.719-7

1. Bolívar, Simón, 1783-1830. 2. Brasil - Política e governo. I. Título

---

Bibliotecária responsável: Maria Simone de Oliveira Rosa, CRB – 7/3059

Depósito Legal na Fundação Biblioteca Nacional conforme a Lei n. 10.994, de 14/12/2004.

## APRESENTAÇÃO

---

Tiago Coelho Fernandes<sup>1</sup>

A presença de Bolívar na cultura brasileira pode ser relacionada às próprias variações na ideia de América, seja nas manifestações artísticas, nas elaborações intelectuais ou nas agendas políticas. As diferenças políticas e culturais do período colonial e pós-independência, as dificuldades de integração interna do continente, o olhar das elites (e seus interesses comerciais), predominantemente voltados para a Europa, ajudaram a formar fronteiras para além dos marcos geográficos.<sup>2</sup>

Fundado em um país-continente, o pensamento social brasileiro consolidou uma tradição criativa na reflexão do Brasil “nação”, mas certamente teremos certa dificuldade em um eventual esforço de traçar linhas de continuidade na interpretação do Brasil “na América”.<sup>3</sup> Trajetórias e obras que cruzassem tais fronteiras aparecem mais pontualmente do que como uma corrente de pensamento, ainda que possamos encontrar pontos de contato entre um Manoel Bomfim, um Oliveira Lima, um José Veríssimo ou, em outro momento, um Josué de Castro, um Celso Furtado, um Darcy Ribeiro... Na diplomacia, Duarte da Ponte Ribeiro, Miguel Maria Lisboa, Luis de Souza Dias

---

1 Pesquisador do CHDD-Funag.

2 Maria Lúcia Prado e Luís Claudio Villafañe destacam a tensão entre o Império e os regimes republicanos no reforço dessa imagem distanciada. Ver PRADO, M. L. C. *O Brasil e a distante América do Sul*. Revista de História: Universidade de São Paulo, São Paulo, n. 145, p. 127-149, 2001. VILLAFANE, L. C. *O Brasil entre a América e a Europa: o Império e o interamericanismo* (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington). São Paulo: Editora Unesp, 2004.

3 Em outro trabalho tive oportunidade de analisar distintos momentos de aproximação e divergência entre o Brasil e a América. Ver FERNANDES, Coelho Tiago. Entre Bolívar e Monroe: o Brasil nas relações interamericanas. In: SALAZAR, Luis Suarez; LORENZO, Tania Garcia. *Las relaciones interamericanas: continuidades y cambios*. Buenos Aires: CLACSO, 2008.

são alguns nomes presentes nas séries documentais já publicadas pelo CHDD que ajudam a compreender os traços iniciais de uma política americana do Império.

Argeu Guimarães (1892-1967) foi um dos muitos quadros do Itamaraty que dividiu sua trajetória entre a atividade diplomática e as escavações históricas, num período anterior à consolidação do campo acadêmico no Brasil. Serviu como encarregado de Negócios em Quito (1921), Bogotá (1922-1928), Copenhague (1929-1931), Santa Sé (1933), Lima (1936-1937), Helsinki (1937-1938), Paris. Foi delegado no Congresso Pan-Americano do Panamá em 1926 e chefe do Serviço de Cooperação Intelectual do Ministério das Relações Exteriores. Seus escritos abordam temas diversos de história, diplomacia, artes e temas militares. Também elaborou um Dicionário Bio-bibliográfico de personalidades ligadas à diplomacia brasileira, editado pelo próprio autor e recorrentemente utilizado nas pesquisas do CHDD.

O título “Bolívar e o Brasil” foi utilizado pelo autor para diferentes artigos para a imprensa brasileira e hispano-americana antes de ser publicada a presente versão, em 1930, por uma editora parisiense. Nele prevalece a tônica ensaística, de divulgação, mais que uma pesquisa monográfica detalhada. Conhecedor do ambiente intelectual colombiano e da historiografia em torno do mito de Bolívar, o autor parte das diferenças entre os processos de independência nas Américas espanhola e portuguesa para reforçar a urgência de apresentar a epopeia do “Libertador” ao público brasileiro. A abordagem que privilegia as memórias e as fontes secundárias possibilitou eludir os pontos de tensão registrados por Bolívar em sua correspondência, questão debatida por outros estudiosos do tema.<sup>4</sup>

---

4 LIMA, Nestor dos Santos. *A imagem do Brasil nas cartas de Bolívar*. Brasília, DF: Verano Editora, 2003; ALEIXO, José Carlos Brandi. *Simon Bolívar e o Brasil*. In: Síntese – Revista de Filosofia, Belo Horizonte, v. 10, n. 29, 1983. FREDRIGO, Fabiana de Souza. *O Brasil no epistolário de Simón Bolívar: uma análise sobre o descobrimento entre as Américas*. História Revista (UFG), Goiânia, v. 8, p. 89-115, 2003. No artigo a autora analisa as referências escassas, mas eventualmente ácidas e temerosas ao Brasil na correspondência de Bolívar.

Assim, a parte inicial da obra se dedica à trajetória de Bolívar, ressaltando seus feitos militares. Embora indique os excessos de certa literatura bolivariana mais exaltada, o próprio Argeu não esconde seu entusiasmo pelo biografado no decorrer das páginas, seja antevendo na insubmissão do jovem nacionalista o gênio futuro do Libertador, seja na narrativa grandiloquente da expedição ao Chimborazo.

A análise dos contatos entre Bolívar e o Brasil propriamente dita emerge a partir da metade do livro, concentrando-se no Congresso do Panamá e nas figuras de Natividade Saldanha e Abreu e Lima. Da postura global do líder caraquenho, é destacada a neutralidade diante dos conflitos no Prata, examinando suas possíveis motivações, que naturalmente passavam pelas de caráter estratégico defensivo, mas também incluíam os esforços de angariar simpatias para o projeto de união continental.

O Congresso Anfictiônico do Panamá representa ao mesmo tempo o auge desse esforço integracionista e o episódio no qual apresentaram-se mais diretamente as possibilidades – e os limites – do diálogo entre o nascente Império brasileiro e o projeto político bolivariano originário. Argeu reserva um capítulo para descrever o desenvolvimento da ideia e o seu desenlace, destacando as negociações para a participação de Brasil e Estados Unidos, que acabaram por não se concretizar. As causas para a ausência do delegado brasileiro nomeado para o Congresso, apenas especuladas nesta obra, permanecem indefinidas até os dias atuais.<sup>5</sup>

Os capítulos finais dedicam-se a dois personagens de trajetórias bem peculiares entre seus compatriotas, mesmo em período tão conturbado: o poeta José de Natividade Saldanha e o militar José Inácio de Abreu e Lima, ambos com o destino marcado pelos movimentos revolucionários pernambucanos de 1817 e 1824 que, por caminhos distintos, estabeleceram relação direta com o entorno bolivariano

---

5 Cf. ALEIXO, José Carlos Brandi. *O Brasil e o Congresso Anfictiônico do Panamá*. Revista Brasileira de Política Internacional, Brasília, v. 43, n. 2, p. 170-191, jul./dez. 2000.

mais íntimo. O autor expressa sua dedicação pessoal em investigar o legado do poeta republicano, lamentando seu esquecimento e seu destino trágico, buscando redimensionar sua obra e compreender suas motivações políticas. Dois anos após a publicação de *Bolívar e o Brasil*, completaria essa tarefa.<sup>6</sup> De Abreu e Lima, também podemos considerar este um resgate pioneiro. Biografia dividida entre as derrotas dos movimentos republicanos no nordeste brasileiro e as glórias e intrigas das jornadas de independência da América espanhola, foi tema de distintas análises e apropriações políticas desde fins do século XX.<sup>7</sup> Vale destacar, no interlúdio entre os dois capítulos biográficos, uma interessante reflexão sobre a ideia de monarquia na América, dialogando diretamente com o tema das fronteiras políticas e culturais historicamente estabelecidas no interior do continente.

Com esta reedição, esperamos trazer ao público interessado uma obra representativa de um certo olhar brasileiro sobre o continente, de um tema relevante apesar de pouco explorado, na linguagem de seu tempo. Prestamos, dessa forma, também o devido reconhecimento à dedicação e à curiosidade histórica do diplomata-historiador.

---

6 GUIMARÃES, Argeu. *Vida e morte de Natividade Saldanha (1796-1832)*. Lisboa: Edições Luz-Braz, 1932.

7 CHACON, Vamireh. *Abreu e Lima: general de Bolívar*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983. MAZIN, Angelo Diogo; STEDILE, Miguel Enrique. *Abreu e Lima: general das massas*. São Paulo: Expressão Popular, 2006.

# **BOLIVAR E O BRASIL**



A MINHA SANTA MÃE.



ARGEU GUIMARÃES

**B O L I V A R**  
— E O —  
**B R A S I L**



LE LIVRE LIBRE

EDIÇÃO DO «LIVRE LIBRE»  
141, Boulevard Péreire, 141  
P A R I S  
MCMXXX



## Bolivar e o Brasil

**A** gloria romanesca de Bolivar cada vez mais attrahe a curiosidade do mundo. Sua personalidade, seu heroismo, a pujança do seu cerebro, o desespero tragico da sua morte, despertam unanimes enthusiasmos. Sobre a trama genial da sua acção, sobreleva a belleza hespanhola dum «caballero» de antiga estirpe, denodado, sonoro, vibrante, varonil na attitude, eloquente na palavra, theatral no gesto. Compulsando os documentos conservados e transmittidos pela memoria e veneração de muitos povos ligados á sua gloria, não podemos fugir á evidencia dum pensamento superior á mentalidade que lhe foi contemporanea, profundo, inspirado, clarividente, magnanimo.

Destaca-se, afinal, o que o senhor Goulart de Andrade classificou com exactidão—apice da humana orographia continental. O seu vulto emparelha, na taxionomia dos valores humanos, com o Aconcagua, o Potosi e o Chimborazo, que lhe impressionaram tambem o cerebro potente e torturado e lhe arrancaram hyperboles dignas dum poeta hugoano. Esse o Bolivar fascinador, magnetizando a intelligencia universal, deslumbrando-a, edificando-a.

Depois que, do Mexico á Argentina, mil tubas da fama lhe apregoaram o renome sem par, a majestade do seu exemplo, a immensidade da sua obra, começaram a apparecer, por varios paizes, novos fieis ao culto da sua gloria. Pariz, que sanciona, por assim dizer, a celebridade e a faz correr mundo, abriu novas perspectivas para a admiração da carreira deste insigne varão plutarchiano. Ainda agora, por escrever estes desataviados apontamentos todo um punhado de escriptores francezes nos ajuda. Já não fallando no sympathico Paul Adam (*L'Esprit de Miranda*) queremos lembrar, como glosadores e divulgadores francezes de Bolivar, o claro e suggestivo Marius André (*Bolivar et la démocratie*), Michel

Vauclaire, que fabulou o romance e a tragedia do heroe (*Bolivar el Libertador*) e Jules Mancini, animado ainda do sangue columbiano que lhe corre nas veias (*Bolivar et l'émancipation des colonies espagnoles*). Dedicam-lhe phrases de entusiasmo Poincaré, Mauclair, Caillaux, Valery, Farrère, Régnier, Lichtemberger, Brulat, outros muitos, com breves ou longas contribuições criticas e historicas.

Seduzidos embora por tantas vozes de alentado panegyrico, foi o convivio com os herdeiros universaes da gloria de Bolivar que melhor nos ensinou o seu culto. No exercicio e á margem da diplomacia, durante quasi uma decada, fomos percorrendo larga porção daquelles mesmos accidentados territorios trilhados outr'ora e cobertos de louros pelas armas libertadoras, na epopeia da independencia hispano-americana. Nas grandes e nas pequenas cidades as proprias pedras dos caminhos fallam á imaginação sobre a obra gigantesca realizada naquelles dias de triumpho e delirio. Espontaneo, irresistivel entusiasmo nos colhe. Nem podemos quedar insensiveis á memoria dessa existencia cyclica de conductor de homens, plasmador de povos, paladino da

democracia, heraldo da America unida, indivisivel e eterna. Brasileiros, assalta-nos o contraste com a nossa Historia, com a calma formação da nossa nacionalidade, obra afortunada e tranquillada dum elite em torno dum dynastia. Falta-nos o vehemente duelo de ideias, o vibrante entrechoque de paixões, o vasto scenario dum grande guerra. No Brasil, o libertador principal é um diplomata e estadista e o principe regente realiza, sem derramar uma gotta de sangue, entre fulgores apothoticos, a transição da vassallagem para a soberania. Na America Hespanhola, de formação diversa, constituída sobre castas sociaes, politicamente fragmentada em multiplos vice-reinos, capitancias geraes e audiencias, atormentada por ferreo regimen de obscurantismo e tyrannia, prepara-se o ambiente capaz de justificar o apparecimento dum formidavel redemptor, seguido, de perto ou de longe, por vigorosos acolytos. Emquanto nossa formação politico-social é um artificio do accaso, na America Hespanhola ella se processa mercê de factores mais humanos, que cimentam desde os primeiros dias a egualdade e a democracia.

Esse contraste está palpitante ainda, um

seculo depois da epopeia. E nada mais suggestivo que percorrer aquellas mesmas cidades onde se desenrolaram episodios augustos, sobretudo Lima, La Paz, Quito, Bogotá, Caracas, Panamá. A lição symbolica dos monumentos, a incessante exaltação de Bolivar, pelo orgão de insignes historiadores e publicistas, acendrou-nos esse culto a ponto de volvel-o empolgante a breve lapso. Sobretudo em Bogotá, a velha Santa Fé, capital da extincta Columbia Maior, foi-nos propiciado o convivio de selectos espiritos, cujos nomes não deixaremos de lembrar no curso destas notas, sobretudo Cornelio Hispano, subtil e elegante glosador da epopeia, Eduardo Posada, paciente rebuscador de archivos, Guilherme Valencia, incomparavel poeta amigo do nosso Bilac e endeusador de Bolivar, Affonso Robledo, nobre e puro historiographo.

Desde 1922 este titulo—Bolivar e o Brasil—serviu-nos de mote a varios escriptos publicados nos jornaes do Brasil e da America Hespanhola. Foram a principio variações em torno dos melhores depoimentos sobre a epopeia. Assim Juan Montalvo, equatoriano, principe da prosa castelhana, de estylo derramado e sonoro, traçando o

elogio do libertador em phrases de amplo e castigado boleio classico. Assim Garcia Calderon, elegante e sagaz sociologo peruano, conciso e eloquente na sua pagina de calorosa exaltação bolivariana. Assim Rufino Blanco Fombona, critico venezuelano de vasto descortino, embora ás vezes apaixonado e pouco justo. Assim Miguel de Unamuno, philosopho hespanhol, enxergando em Bolivar o novo sublime Quixote da liberdade. Assim Mitre, o nosso nobre amigo do Prata, empenhado em ligar a gloria columbiana á argentina, num élo de carinhosa solidariedade historica. Assim o venezuelano P. M. Arcaya, demasiado atreito á these lombrosiana das anomalias cerebraes do heroe. Assim o mexicano Duarte Level, encarando a guerra da independencia pelo prisma estrategico. Assim o primoroso estylista uruguayo José Henrique Rodó, esculpindo os mais inspirados relevos em bronze. Assim os chronistas contemporaneos do paladino, Daniel Florencio O'Leary, irlandez, seu primeiro ajudante de campo, e José Manoel Restreço, seu ministro da justiça, ambos conspicios e exhaustivos, o primeiro deixando paginas que lembram excerptos de Macaulay. Assim

o biographo Felipe Larrazabal, minucioso e fiel, tambem sobrevivente da epopeia. Assim os alludidos Hispano e Posada. Assim Olmedo, epico equatoriano, intelligencia classica, cantor do pro-homem em estancias modeladas nos melhores paradigmas antigos. Assim F. J. Arraiz, em seu *Camiño de gloria*, dando especial relevo ás jornadas de Junin e Aiacutcho. Assim Vicente Lecuña, annotando a correspondencia do libertador. Assim o norte-americano William A. Sherwell, fervoroso e imparcial apologista. Assim o nosso Abreu e Lima, argumentando com sinceridade, embora sem brilho, pela defeza dum chefe amigo durante quinze annos de batalhas. Assim muitos e muitos outros que souberam pôr em fóco, por varios prismas, as multiplas facetas duma figura complexa e dominadora.

Vae longa a ennumeração, mas serve para dar uma ideia da vasta e copiosa bibliographia, que merece divulgada no Brasil, embora pela penna de inexperto commentador. Puzemos na epigrapha: *Bolivar e o Brasil*. Ha pouco, folheando a edição dominical do *Jornal do Commercio*, encontramos esse mesmo titulo, com a assignatura de Derveval Lessa e citação do dilecto Ronald de

Carvalho, ultimamente affeiçãoado ás pacientes e reveladoras pesquisas dos nossos archivos diplomaticos. O assumpto, de nossa predilecção desde 1922, despertou-nos o desejo de repassar e recapitular antigos estudos.

E como nem sempre se ajustan os pontos de vista dos dois alludidos escriptores e de outros, da talha de Oliveira Lima ou de Helio Lobo, parece-nos interessante devassar-lhes o horizonte em mais demorada analyse.

Bolivar e o Brasil—eis uma associação de nomes que se justifica por muitos motivos. O Brasil não foi extranho ao pensamento do grande homem. Os brasileiros souberam amar-lhe a gloria desde os primeiros tempos, ainda contra o ideal monarchico. Bolivar jamais pensou em fazer-nos a guerra, em que pese á maioria dos nossos mestres da Historia. Sobre a intransigencia dos seus principios republicanos, collocava o alto ideal americanista, respeitando a peculiaridade da nossa formação ethnica e politica. Firme nessa convicção e sonhando com o projecto amphictyonico do congresso do Panamá, preferiu dar de hombros ás insistentes e cavillosas insinuações que lhe foram

dirigidas por interessados e interesseiros inimigos do Imperio. Bolivar não fez, não quiz fazer a guerra ao Brasil.

Porque justificar, entretanto, a sua abstenção unicamente pondo em fóco razões de prudencia e temor ante a Santa-Alliança ou em face da Inglaterra de Canning, quando a belleza e a magnanimidade do seu genio obedeceram sempre a moveis crystallinos de nobre, elevada e sã politica? Porque paraphrasear estreitos criterios de Fombona, quando a finalidade toda da obra bolivariana protesta contra mesquinhos e tortuosos pensamentos? Se Bolivar dêsse ouvidos aos emissarios de Buenos Ayres, se attendesse aos seus malevolos intentos, teria feito a guerra, com prejuizo do seu prestigio e da sua fama, sobretudo do seu ideal, não ao Imperio, o que não seria extranhavel, mas ao Brasil, cuja entidade internacional, naquelles imprecisos tempos, não se podia separar da dynastia de Bragança. Se em Potosi escapam a Bolivar expressões de animosidade contra o Brasil, são ellas reflexo de longa, pertinaz, diabolica acção persuasiva de dois plenipotenciarios empenhados em distrahil-o do pensamento gigantesco que de facto o empolgava—da união

total e integral da America no congresso do Panamá. Paladino embora da democracia, Bolivar ficou onde devia, abstendo-se de assumir equivocadas e antipathicas attitudes, fazendo ouvidos moucos ás perfidas insinuações de Potosi e Chuquissaca.

Pouco depois, em Bogotá, reage ainda contra identicas proposições, inspiradas, aliás, desta vez, em nobres objectivos—desse meigo e desgraçado Natividade Saldanha, emissario secreto dos republicanos fugitivos de Pernambuco. Desejamos trazer a esses controversos assumptos uma desvaliosa contribuição, que talvez sirva de base a posteriores pesquisas. Desejamos combinar e affeição documentos de diversa origem e indole diversa. Se é verdade, como dissemos alhures, que ninguem deve escrever obras de intelligencia continental sem previa consulta a fontes hispano-americanas, yankees e brasileiras, —tres documentos psychologicos diversos—é tambem certo que, dentro da propia America Hespanhola, descobre-se profunda disparidade de opiniões, ás vezes contrarias e irreductiveis entre si. Os argentinos têm sido muitas vezes contradictados pelos columbianos. Fombona, da Venezuela, se oppõe a Mitre, da Argentina, no

ingrato paralelo de Bolívar e San-Martín. Os venezuelanos não aceitam a glória colombiana de Santander. Os peruanos buscam conciliar correntes extremas. Outro é o ponto de vista dos chilenos. Difficilmente se concebem tão fundos antagonismos, tal diversidade de pontos de vista, entre povos affins e solidarios.

Tentaremos compulsar todos, *de commodo et incommodo*. E desenvolvendo os capitulos de mais directo interesse para o Brasil—taes como os primordios da carreira de Labatut, desaffecto de Bolívar em a Nova-Granada, a collaboração heroica do nosso Abreu e Lima na epopeia, a desventura do meigo Saldanha, crispada de decepções e agonias, a emocionante entrevista anti-brasileira de Potosi, a nossa mysteriosa ausencia no congresso do Panamá—teremos estudado em largas palhetadas a vida e a obra do Campeador sul-americano. Tere-mos resumido, talvez, sob um ponto de vista brasileiro, a Historia de Simão Bolívar.



## Primeiros passos de Bolivar

**S**IMÃO Bolivar nasceu em Caracas, séde da capitania-geral da Venezuela, em 24 de Julho de 1783. Pertencia á nobreza colonial, a nobreza *criolla* dos chronicistas castelhanos. Era, por outras palavras, um *hijo de algo*, um fidalgo da *gemma*. No elogio que todos os criticos e historiadores lhe tributam, apparece sempre este primeiro titulo de primazia: o sangue aristocratico. Era, em linha recta, um basco, descendente das melhores familias do paiz cantábrico, raça guerreira e ousada que nutriu, desde eras remotas, entre o mar hostile e a montanha abrupta, um espirito de rude independencia. Vascuense de origem, nascia

fadado a possuir uma tempera de aço, peculiar ao povo de onde provinham os seus avoengos hespanhoes. Se, pela linha paterna, a sua arvore genealogica estabelece a clara ascendencia dos velhos Bolivares de Biscaya e de la Rementeria, é justo não esquecer, pelo lado feminino, a fusão d'outros sangues ibericos, sobretudo da Galliza, visinha de Portugal, na evidencia dos sobrenomes de Andrade e Ponte. Querem os historiadores, com a lembrança dessa illustre e pura estirpe, assignalar a authenticidade do sangue e do temperamento hespanhol de Bolivar.

Erra, porem, quem não descobrir no seu perfil um nitido facies latino-americano. Mais adeante, debuxando-lhe o retrato, abroquelados nas melhores paginas dos seus biographos e nas mais famosas telas dos pintores seus contemporaneos, poderemos chegar á conclusão de que a antiga raça de que Bolivar foi lustre e gloria, achava-se, na Venezuela, intensamente affeiçoada ao meio ambiente, seja pelas notações physicas, seja pelo aspecto moral e intellectual. Examinando-lhe a iconographia, em verdade, parece-nos mais um caboclo—se nos permittem o deslocado brasileirismo do voca-

bulo—do que um euro-americano. Meão, magro, moreno, de cabello crespo, maçãs salientes, labios carnudos, olhar mobil e brilhante, resistente e vibratil como um feixe de nervos e de musculos, elle representa, tambem pela audacia dos seus ideaes e pela vivacidade das suas paixões, um soberbo exemplar de homem das nossas latitudes tropicaes, no qual se tivessem fundido e apurado as melhores virtudes e as mais insignes faculdades duma raça. Preferimos enxergar em Bolivar essa physionomia nitidamente americana, que antes lhe aprimora e acrisola virtudes e qualidades ancestraes e mostra o benefico influxo do ambiente onde o seu genio se expandiu. E poderemos concluir com Jules Mancini: Bolivar era visceralmente romantico, porque estava impregnado daquella plethora de vida que Chateaubriand descobriu nas livres e ferteis solidões do Novo Mundo. As origens hespanholas, exaltadas pelo sol tropical, predispuham sem duvida Bolivar a ser, neste sentido, o mais genuino representante da sua epoca. Operava-se uma perfeita integração desta com elle. Ninguem, em mais alto grau, sentiu as tormentas, o orgulho, a vangloria, as chimeras do romantismo e ninguem abusou

mais das prosopopeias e grandiloquencias.

Orphão de pae aos tres annos e de mãe aos quinze, um seu parente e preceptor de Caracas resolveu envial-o á Europa, na companhia dum frustrado philosopho, Simon Rodriguez, leitor de Jean-Jacques, á procura dum novo e authentico Emilio. Esse homem acompanhou longamente Bolivar e, emborã desequilibrado e bohemio, exerceu incontestavel influencia sobre a sua mentalidade juvenil, curiosa e alerta. Desvendou-lhe, desde a infancia, póde dizer-se, os rumos e as inquietudes do pensamento contemporaneo.

Chegou a Pariz nos dias inesqueciveis do advento de Napoleão Imperador. O Corso o fascinou, desnorteou-lhe a mente, provocou-lhe explosões de delirante entusiasmo, embora o preferisse como paladino da republica e o abominasse como testa coroadada. Adoro-o, confessava o discipulo ao mestre, adoro-o como «brilhante estrella da gloria, genio da liberdade»... usando daquellas mesmas sonoridades verbaes que não o abandonam até o tumulto. Napoleão exerceu sobre a formação de Bolivar uma influencia nunca assaz ponderada. O genio proteico, o invencivel capitão, o homem

capaz de abalar os alicerces dum mundo, foi, para Dom Quixote Bolivar, na feliz comparação de Unamuno, um authentico Amadis de Gaula. Aquelle exemplo devia inspirar o moço revolucionario e animal-o na tenacidade dos primeiros passos, como na genialidade das ultimas emprezas.

Em Madrid, Bolivar frequentou os paços reaes. Voltou á Venezuela casado com Maria-Thereza Del Toro, filha de grandes d'Hespanha, creatura anemica e meiga, com quem entretivera breve e poetico idyllo nos paços paradoxalmente beatos e donjuanescos do Escurial e do Aranjuez. A mudança de ares foi-lhe fatal e, antes de aportar ás plagas americanas, fanou aquella melindrosa flôr de nobreza.

Ante a magua do passamento prematuro, Bolivar resolveu voltar á Europa. Peregrinou como doido e perdulario por Pariz, Roma, Madrid e Lisbôa, procurando d'ess'arte afogar em prazer a immensa dor. De novo Simon Rodriguez o ampara e consola e em sua companhia, no monte Aventino, o moço Bolivar dá largas a sentimentos insopitaveis, em mystica explosão commovidamente transmittida pela Historia. Evoca o poderio glorioso de Roma

e jura, pelo Deus de seus paes, consagrar a vida ao ideal da independencia da America. Os factores moraes ligeiramente indicados antes, culminavam, assim, numa bella promessa para o futuro, numa prophetica antevisão de gloria. Insatisfeito, embora com os nervos menos tensos, cede á saudade do solar paterno e torna á sua amada Caracas.

O fermento revolucionario começava a effervescer. O phenomeno da ancia pela liberdade se manifestava alli como em todo o continente. O pretexto da reacção contra pesados impostos, levava as populações a attitudes de revolta, geralmente suffocadas sem mais graves consequencias. Isso mesmo se observa como movel dos primeiros movimentos autonomistas nos Estados-Unidos, na America Hespanhola, no Brasil, desde o seculo XVII. Os exemplos poderiam ser multiplicados. Ha uma perfeita semelhança de premissas historicas, atravez e apezar das diversidades ethnicas e politicas. A identidade de destinos do continente se manifestava desde dias remotos na paridade desses impulsos iniciaes, em todas as colonias americanas, da Inglaterra, de Portugal, da Hespanha.

A Venezuela não escapava á regra. Era, além disso, uma colonia desherdada, uma capitania-geral de parco rendimento, pobre de ouro e prata, secundaria para a Hespanha. Por isso mesmo, das mais castigadas. Os habitantes illustrados, porem, nutriam o espirito com a diuturna leitura de Rousseau e Montesquieu e admiravam a vigorosa formação dos visinhos Estados Unidos da America do Norte. «A capital das provincias da Venezuela, Caracas—diz Marianno Torrente em sua *Historia da Revolução Hispano-americana*—foi a forja principal da insurreição. Seu clima vivificante produziu os homens mais politicos e ousados, os mais emprehendedores e esforçados, os mais viciosos e intrigantes e os mais distinctos pelo precoce desenvolvimento das suas faculdades intellectuaes.»

O mais illustre dos venezuelanos vivia na Europa e se chamava Francisco de Miranda, um nome que devemos respeitar e admirar em toda a America. Tinha feito a guerra da independencia nos Estados Unidos, fôra general de Revolução Franceza. Pensou desde cedo, tambem, na independencia da patria. Logo que poudo, reuniu recursos, soldados e navios, nos Estados Unidos,

para atacar e libertar a capitania geral do seu berço. Realizando um primeiro assalto frustrado, Miranda luctou contra os hespanhoes e luctou, sobretudo, contra os venezuelanos fieis ao regimen colonial, mercê do aviltamento e ignorancia em que jaziam. Assim se explica a sua primeira derrota.

Entrementes, os Bourbons da Hespanha cahiam na cilada que lhes armara Napoleão. O rei Carlos IV abdicara em favor do filho Fernando VII, que, por sua vez, cedera seus direitos, na famosa entrevista de Bayonna, em favor dos Bonaparte. José Bonaparte subiu assim ao throno de Madrid. As colonias hespanholas, informadas da usurpação, repelliram o dominio francez e preferiram jurar fidelidade a Fernando VII. (1) Foi uma passageira distração no

---

(1) Foi incumbido de transmittir a mensagem de Napoleão á Venezuela e outras colonias, o governador de Cayenna, Victor Hughes, no mesmo anno em que viria a ser deposto pela expedição militar brasileira que tomou a Guyana. Hughes nasceu em Marselha, foi commissario da Revolução Franceza nas Antilhas. Governador da Guyana durante dez annos, o governo francez o submetteu a conselho de guerra depois da capitulação de Cayenna. Absolvido, voltou a essa colonia, onde viveu até 1822, ficando completamente cego e regressando definitivamente á França (1770-1826).

rumo natural dos ideaes pela independencia.

Voltemos as vistas sobretudo para Caracas. A Venezuela não se sentiu com forças para romper de vez com a metropole. Os patriotas tergiversaram. O ideal da independencia pareceu ceder ante a fidelidade ao monarcha hespanhol destituído. Só a 19 de Abril de 1810 os venezuelanos resolveram aprisionar o capitão-general hespanhol e pedir a autonomia, mas só a autonomia, sem ruptura definitiva com a metropole. Bolivar, tendo regressado, como vimos, ao paiz natal, foi um dos conjurados de 1810. O movimento parecia, entretanto, timido. Requeria-se a autonomia e nada mais. Uma junta provisoria formou o governo. Enviou missões diplomaticas. A mais notavel foi a confiada ao mesmo Bolivar, ante a côrte de Saint-James. Em Londres, lisonjeiramente acolhido, assustou o governo inglez, ao revelar propositos menos timidos que os dos mandatarios de Caracas. Bolivar preconizava, desde então, a independencia absoluta.

Mas viu breve a inutilidade da sua viagem diplomatica e voltou á Venezuela, trazendo em sua companhia Francisco de Miranda, a quem a junta revolucionaria, sem

vacillar, entregou o commando em chefe do exercito. Bolivar prestou a Miranda apoio fervoroso. Ambos fundaram a Sociedade Patriotica, de cujo seio partiu, pouco depois, uma suggestão em prol da independencia absoluta. Obedecendo a esse dictamen, o congresso venezuelano proclamou a Republica, a 5 de Julho de 1811.

Erguida a viseira, abria-se a lucta, com todo um cortejo de violencias e atrocidades. Os hespanhoes se organizaram e combateram com furia, para responder ao desafio. Miranda, na sua bella apostura de general da Revolução Franceza, multiplicou-se em actividades politicas e bellicas e sustentou com honra, no campo de batalha, o primeiro estandarte venezuelano. Mas os realistas, os fieis á Hespanha, encontraram, por seu turno, em Domingos de Monteverde, um chefe denodado. Foi Monteverde a sombra cruel de Miranda. Em 1812 levou de vencida as armas da Republica. Miranda capitulou com um grande exercito, pretendendo, dess'arte, atravez honrosas condições, salvar milhares de vidas. Bolivar surprehendeu a traição á patria, no gesto do velho batalhador, e favoreceu a sua entrega ao inimigo implaccavel, em cujas

mãos encontrou Miranda o degredo, o martyrio e a morte.

Fugiu Simão Bolivar, com outros patriotas, para a ilha de Curaçao, enquanto o despotico Monteverde saciava, nos infelizes habitantes de Caracas, a sua sêde de vingança. Em Curaçao continuou conspirando e agindo e não tardou em embarcar para o porto de Carthagena-de-Indias, Nova-Granada, que tambem tinha proclamado a independencia, com mais duradoura fortuna. Carthagena—seja dito de passagem—continua a ser, em nossos dias, uma das mais typicas cidades coloniaes da America, com o seu castello, as suas torres, as suas muralhas, a reflectirem as altas e solidas paredes de granito nas aguas tranquillias e azues do mar dos Caribas, brilhando ao reverbero dum sol de quarenta graus de equador thermico. Os castelhanos, bem prevenidos contra ataques de piratas septentrionaes, inglezes, francezes, scandinavos, puzeram hombros a essa obra de titans, sem rival no continente. Ao contemplar hoje as altivas ruinas desses castros e cidadellas famosas, evoca-se o poder antigo de Castella, quando, naquelle immenso e orgulhoso imperio, *no se ponía jamás el*

sol. Aqui se desenha a massa alta e pesada dum authentico castello, que parece extemporaneo nas terras do Novo-Mundo. Eis alli as torres de menagem, com as suas invulneraveis ameias. As setteiras, as barbancans, os baluartes, os fossos, os torreões de vigia, distinguem-se ainda, num violento protesto da grandeza humana á acção demolidora do tempo. As plantas tropicaes começam a tapizar aquelles recintos formidaveis abandonados pelo homem e algumas flebeis palmeiras balouçam os seus capiteis acima das rijas molles de granito, como se pudessem arrancar o humus á propria entranha esteril da pedra. Uma vasta muralha aperta, dentro duma cinta indestructivel, o burgo antigo. Dentro, nas ruas estreitas, a architectura arabe conserva toda a authenticidade e poesia de outr'ora. Ao contemplar essa incomparavel cidade-tradição, queremos ver ainda, phantasticamente, fluctuando sobre uma alta torre hespanhola, o poderoso pendão de Castella...

Nessa mesma evocadora Carthagena de Indias Bolivar publicou um *Manifesto aos granadinos*, apresentado pela Historia como um dos primeiros attestados da sua larga visão politica. Traçou uma longa e judiciosa

recapitulação das vicissitudes soffridas pela Venezuela reconquistada, sem esconder a fatidica moderação de Miranda. Fez uma analyse profunda da situação social das colonias hespanholas, com seus vicios, ignorancia, rotina, incapacidade para a pratica immediata do regimen republicano. Esboçou um vasto programma de organização politica, attendendo ás necessidades reaes das populações. Dirigiu conselhos e incitamentos para a simultaneidade da offensiva contra os castelhanos, fallando principalmente aos granadinos, cuja precaria independencia ficaria sempre á mercê do inimigo, se este não fosse desalojado da visinha Venezuela. Mostrou que a acção combinada das duas colonias podia redundar em beneficio para a libertação de todas as outras. Erudição e dialectica completavam o effeito da eloquente plataforma. O governo de Carthagena se deixou seduzir pela palavra prophetica e alentadora. A data da publicação deste Manifesto, 15 de Dezembro de 1812, marca, de facto, a primeira etapa da carreira triumphal de Bolívar e revela o pensador, o guerreiro, o apostolo, o estadista, na plenitude das suas faculdades. —«Correi sem detença para vingar os mor-

tos, dar alento aos moribundos, redimir os oprimidos, restituir a todos a liberdade.» Traçando um plano de operações susceptível de applicar-se ao continente todo, proclamou, num arroubo de eloquencia: Caracas é a America inteira!

O presidente do Estado de Carthagena accitou logo os serviços de Bolivar, pondo-o, como coronel, á disposição do general Pedro Labatut, immigrado tambem da Venezuela reconquistada e commandante duma divisão. Esse militar francez não soube comprehender o moço venezuelano e pretendeu mesmo oppôr-se ao rapido desdobramento dos seus planos e idéas. Dahi os anathemas com que o ferem os historiographos hispano-americanos. Praz-nos desenvolver este ponto, pelo interesse que sóe despertar o curioso vulto do militar francez transformado, mais tarde, em vencedor de Pirajá e marèchal do Imperio. Abramos, pois, um parenthese, neste resumo da epopeia bolivariana, para estudarmos o episodio de Nova-Granada e vermos como e porque se incompatibilizou Labatut com Bolivar.

## Labatut, desaffectedo de Bolivar

**Q**UANDO Bolivar, emissario dos insubmissos venezuelanos de 1810 ante o governo inglez, regressou á America para aconselhar a independencia absoluta das colonias hespanholas, trouxe em sua companhia o illustre patricio Francisco de Miranda, velho guerreiro adestrado nas guerras européas de Napoleão e nas campanhas norte-americanas de La Fayette e apaixonado tambem pela causa redemptora do Novo Mundo, em cuja empreza metterá hombros desde antes. Parece provavel que Miranda, pensando na organização do exercito venezuelano, tivesse obtido a collaboração de alguns dos seus antigos camaradas francezes e os induzisse a embarcarem para a America. É uma ver-

dade até certo ponto conjectural, mas estribada em indícios vehementes. Foi Miranda o instigador de Emmanuel de Serviez, Raphael Châtillon, Du Cayla, Schombourg e outros que vieram prestar relevantes serviços em Caracas, organizando e instruindo a infantaria e a cavallaria. Entre esses outros, figurou Pierre Labatut, cujos meritos procuramos pôr em destaque num estudo que corre impresso sob o título generico de—*Os francezes na independencia da America Latina*.

Labatut veiu, pois, á America em 1810, sob a inspiração provavel do precursor Miranda e, indirectamente, do proprio Simão Bolivar. Elle e demais patricios tinham em mente, segundo Marius André, a Fala do Throno de 11 de Dezembro de 1809, na qual Napoleão declarara «não poder oppor-se jamais á independencia da America, porque essa independencia decorria da ordem imperiosa dos acontecimentos», e a França, «que tinha amparado a formação dos Estados Unidos da America do Norte e contribuido para que augmentassem suas provincias, estaria sempre prompta a defender a sua propria obra». Nem é inopportuno lembrar que La Fayette e Rocham-

beau, pouco antes, abriam, para estes outros francezes, uma esteira luminosa, em cujos clarões podiam retemperar a fibra heroica e o amôr da liberdade e da democracia. Muitos francezes, compenetrados da ideologia da emancipação americana, vinham, sem quebra de principios, buscar o baptismo de fogo na guerra da independencia. Liberaes convictos, preferian mesmo servir á causa emancipadora do Novo Mundo, a apoiarem o cesarismo final de Napoleão.

Labatut pertenceu á mesma grei, nem é licito duvidar das suas ligações com Miranda e da paridade da sua situação com os citados Du Cayla, Schombourg, Châtillon e Serviez. Todos, não só francezes, mas inglezes e filhos das mais diversas nacionalidades, sentiam a attracção dum iman irresistivel e obedeciam a impulsos generosos. As mesmas razões os encaminhavam para as praias da America. Razões que eram, como compendiou André, o amôr duma nobre causa, tal a liberdade dos povos; por certo, tambem, o amôr da propria patria, a que serviam contribuindo para destruir o poder colonial hespanhol. E ainda, devemos acrescentar, amôr da aventura, que em toda a parte, em todos os tempos, foi gerador de

gestos magníficos. Possuía Labatut um singular temperamento, retrahido e concentrado, em cujos refólhos escondia primores de caracter e olvidava os prodromos da sua carreira na França e na Columbia. Mera peculiaridade de caracter pouco amigo de exhibições. Negligente com os detalhes da sua vida primeira, não se preocupou em legar-nos nem mesmo o seu genethliaco. Seria 1776, segundo Max Fleiuss. Desconhece-se o seu berço: Marselha ou Cannes, a adoptar-se o depoimento de Rio-Branco.

Talvez as lacunas e deficiencias que cercam a biographia do vencedor de Pirajá, constituam tropeço para se reformar de modo categorico o juizo sobre um militar de tantos meritos evidentes e com tantos serviços indiscutíveis. Delle quisá se possa affirmar sem paradoxo que tinha os defeitos das suas mesmas qualidades. Contemporaneo de Napoleão e Bolivar, os dois derradeiros gigantes da grandeza militar e do poder politico, havendo servido com galhardia junto delles, seja como inferior, seja no caracter de commandante, teve ensejo de notar que a mola real das duas estuendas carreiras residia na ambição. A am-

bição, claro, encaminhada para altos desígnios. Também elle, dotado de intelligencia pouco vulgar, dava largas á ambição, crente no desdobramento dos seus triumphos. Dahi, por ser presa dessa tendencia moral que tanto póde resultar abjecta como sublime, a reincidencia com que obedeceu a condemnaveis impulsos e pareceu algumas vezes cruel e quem sabe mesmo se vingativo. Nem ousamos affirmal-o definitivamente. Nem seria a ambição o unico factor delecterio. Cumpre não esquecer o rude ambiente em que veiu lidar na America e as condições de varonilidade, de ferrea energia, iamos dizer de brutalidade, requeridas pela situação. A rija tempera de Labatut não era de molde a fugir ás asperezas da realidade circumstante. Procurou adaptar-se á rudeza do momento. Encarando a sua gloriosa e fecunda vida por um prisma amplo e comprehensivo, é força desprezar as lamentaveis cincadas que nella contrastam frisantemente com altas, claras, desassombradas virtudes.

Ao ser attrahido por Miranda e Bolivar para vir á Venezuela, já era official superior, parecendo certo, segundo muitos auctores, que serviu na guerra da Hespanha,

como sustentaculo de José Bonaparte, sendo destituído por insubordinação. Não seria para extranhar, conhecendo-se o temperamento pouco malleavel de Labatut, tivesse elle comprehendido a injustiça da guerra peninsular e preferido retirar-se, a combater contra os hespanhoes naturalmente empenhados na expulsão do invasor. Na Venezuela, foi admittido com a patente de coronel. De sua acção na ephemera republica venezuelana de 1811, não existem maus attestados. Official competente e destemido, prestou serviços reaes á causa patriótica. Vencido e prisioneiro Miranda, restaurado o poder hespanhol pelo órgão implaccavel do general Domingos de Monteverde, occorreu, entre os revolucionarios, um verdadeiro salve-se quem puder. Foi uma debandada geral, para escapar aos fusilamentos e ás degolas. A 1º de Agosto de 1812 fugiram para Curaçao, a bordo da galera «Mathilde», commandada por um official reformado da marinha franceza, o licenciado Francisco Xavier Yanez, o Dr. Antonio Nicolau Briceno e o commandante Pedro Labatut. Noutras embarcações tomaram egual destino o Dr. Pedro Gual, o coronel P. Arevalo, finalmente Bolivar, dos

ultimos, acompanhado do seu antigo ajudante de campo e secretario Francisco Ribas. (1) De Curaçao, foram todos passando a Carthagena de Indias, porto principal do visinho vice-reino da Nova-Granada, onde tambem soara, pouco antes, com bons augurios, o grito de independencia. Carthagena, inexpugnavel praça forte, proclamara a Republica e obedecia a um governo chefiado por um moço patriota granadino—Rodriguez Torices.

Pedro Labatut partiu da Antilha hollandeza antes de Simão Bolivar, não tardando em offerecer seus prestimos a Carthagena, que os acceitou, confiando-lhe o commando do exercito. A independencia de Carthagena parecia precaria. Por todo o vice-reino da Nova-Granada campeavam os hespanhoes em nucleos de formidavel resistencia. Restaurada a colonia da Venezuela, mais terriveis se afiguravam as ameaças aos libertadores da Nova-Granada. O perigo estava

---

(1) Apud Larrazabal in *Vida del libertador Simon Bolivar*. Todas as datas e informações deste artigo são rigorosamente controladas pela combinação de varios depoimentos, entre outros, dos historiadores O'Leary, Restrepo, B. Mendez, Larrazabal, Scarpeta, Vergara, Soledade de Samper, Mancini, Carbonell, Posada, Fombona (Vide: *Labatut, os francezes na independencia da America Latina*, do autor, Pariz, 1929).

muito perto para não inspirar temores. Os hespanhoes, com tantos pontos de apoio, acabariam por eliminar os ultimos reductos de patriotas. A situação do vice-reino era, aliás, muito peculiar. Colonizado, desde os primeiros tempos, nos planaltos interiores, vivia dum systema de communições fluviaes que articulava o paiz, ligando o centro á peripheria. A grande arteria desse diuturno commercio era (e ainda hoje é) o rio Magdalena, estrada liquida de vital importancia, atravez da qual se uniam as duas porções do territorio, tendo por pontos extremos as cidades de Carthagena, no littoral, e Santa Fé de Bogotá, no interior. Ora, os hespanhoes tiveram o cuidado de interceptar essa via de transportes, derrotando mesmo, em varios recontros, os soldados de Carthagena. Tal a grave situação encontrada por Labatut, exigindo providencias rapidas, energicas, salvadoras. Alem das posições ao longo do curso do rio Magdalena, havia ainda, em poder do inimigo, a praça de Santa Martha, situada entre Carthagena e a Venezuela.

Labatut propoz um plano vasto de reacção, começando pelo ataque geral ás trincheiras hespanholas ao largo da costa,

visando a praça forte de Santa-Martha. Corria Setembro de 1812. Organizou em poucos dias uma flotilha de chatas canhoneiras, sahiu ao encontro dos castelhanos fortificados nas margens do rio, atacou-os em Novembro, até poder restabelecer a navegação no curso inferior do Baixo Magdalena. Apesar deste successo, Carthagena não se sentia segura, com as bases hispanas de Panamá, dum lado, e Santa Martha e Caracas, do outro. Eram flancos vulneráveis.

Entremettes foi Bolívar admittido como coronel e collocado sob o commando de Labatut. Este, por continuar o desenvolvimento do seu plano, destacou-o para Barranca, ás margens do rio, incumbindo-o de manter em respeito as linhas hespanholas, sem comtudo procurar avançar para o interior enquanto não tivesse o francez, em pessoa, terminado a campanha que devia culminar com a tomada de Santa-Martha. Vejamos a rapidez, o denodo, o brilhantismo dessa lucta inicial, coroada por triumpho memoravel.

Labatut bateu o inimigo em São Thomaz, Sitio Nuevo, Guaimaro, San Juan de las Sabanas, tanto vale dizer, destruiu as prin-

cipaes posições hespanholas do Baixo Magdalena. Eduardo Posada, em recente estudo, citou as ordens do dia e proclamações do francez, concebidas sempre em linguagem elevada, animando os soldados, exhortando-os carinhosamente, excitando-lhes o patriotismo. Em Sitio Nuevo intimou o inimigo a render-se em cinco minutos. O general hespanhol Martinez Malo tentou resistir e, após encarniçado combate, teve que entregar-se sem condições. Foram implacaveis as represalias. Cheio de esperanças, conquistou logo depois Palmar e Sitio Viejo. Com 340 homens tomou em seguida Guaimaro de assalto, recolhendo valiosas presas, artilharia, munições, canhoneiras fluviaes. Continuou subindo o Magdalena, até os comoros de Santo-Antonio, á margem direita, e dahi abriu a marcha triumphal a Santa-Martha. Estes dados se encontram sobretudo em Restrepo e O'Leary. Labatut atravessou La Ciénaga—o treme-dal—onde a natureza hostile multiplicava os obstaculos. Semeando o panico entre os inimigos, por meio de sortidas e ataques de surpresa, avançou ininterruptamente, tomou varios reductos. Proximo a Santa-Martha, dividiu o troço de patriotas em

duas columnas, uma das quaes tomou o rumo do littoral. O governador militar da praça, general José Castillo, debandou rapidamente, embarcando, com seus asseclas, para Porto-Bello, em Panamá, depois de ter saqueado a cidade e destruido o parque bellico.

Tendo, no dia 6, acampado á vista das primeiras trincheiras, a 10 de Janeiro de 1813 Labatut occupava Santa-Martha. Compreendeu, num golpe de vista, que nada conseguiria com providencias moderadas. Puniu os hespanhoes com extraordinario rigor. Esse rigor, entretanto, não ficava áquem das tropelias e atrocidades commetidas antes pelos vencidos. Eduardo Posada o demonstrou em recente estudo, á luz meridiana. O governo de Carthagená exultou com a victoria do francez. Promoveu-o, galardoou-o com o «daço tricolor», concedeu-lhe uma pensão vitalicia de cem piastras mensaes. Labatut organizou o governo republicano em Santa Martha. Os erros de administração que lhe foram attribuidos se devem, pela clara demonstração de Posada, ás proprias instrucções emanadas de Carthagená. Santa-Martha, descontente, preferiu voltar ao dominio europeu.

A 5 de Março de 1813 o nosso general abandonou a praça e embarcou numa corveta aprisionada aos hespanhoes, voltando a Carthagena.

Entrementes Bolivar, em desobediencia ás ordens superiores, sahiu de Barranca para levar a guerra ao interior da Nova-Granada. Em frente a Barranca se erguia o reducto hespanhol de Teneriffe, a desafiar os seus brios de patriota, os seus impetos de juventude. Sciente, Labatut desprezou o plano e prohibiu formalmente o inicio de qualquer ataque, dedicado inteiramente á victoriosa campanha de Santa-Martha. Bolivar appellou para o governo da provincia, que o recebera com tão inequivocas sympathias. Expoz o alcance e vantagem do projecto que, convenientemente desenvolvido, começaria pela tomada de Teneriffe e iria até abrir communições com a importante villa de Mompox, em pleno sertão da Nova-Granada, ás margens do Magdalena. O Estado de Carthagena, pelo orgão de seus governadores e legisladores, approvou sem rebuços o ousado plano, confiando na intelligencia e tenacidade de Bolivar: concedeu-lhe ampla auctorização para agir e, sobretudo, poz de lado Labatut, deixando de

communicar-lhe a importante deliberação.

Cheio de jubilo, Bolivar se preparou para desferir contra o inimigo um golpe famoso. «Confiado em suas proprias forças (commenta O'Leary com toda a opportuni-  
dade) resolveu acarretar sobre os hombros com uma enorme carga de responsabilidade, seguro de que o brilhantismo da sua intemerata empreza havia de eclipsar a immensa falta que se propunha perpetrar. Raro é o militar elevado a postos de destaque nas fileiras que não se tenha encontrado alguma vez sob as ordens de chefes inferiores em talento, e poucos tambem serão aquelles que não tenham experimentado a desgraça de cahir em conjunctura semelhante a esta em que a inveja e o mau character de Labatut collocaram Bolivar (*sic*). Não faltará, pois, entre militares, quem desculpe o gesto de Bolivar, embora ninguém ouse apresental-o como paradigma, porque a desobediencia, mesmo quando coroada pelo triumpho, destróe a disciplina.» Assim fala um militar distincto e correcto entre os que mais o foram: o celebre primeiro ajudante de campo de Bolivar, o seu *fidus Achates*, fiel e devotado historiadore do majestoso idolo. Importa, dess'arte,

desculpar a attitude do rebelde que, faltando á disciplina, em vez de receber a execração do castigo, ganhou a primeira aureola de gloria. A desobediencia a Labatut constituiu em verdade o ponto de partida da mais triumphal carreira militar das Americas, por um desses paradoxos que não são raros na Historia, carreira culminada no alvamento monte do Potosi, na Bolivia, e illuminada pelos clarões da liberdade.

Pouco acima de Barranca e á margem direita do rio Magdalena se situa o porto de Teneriffe, num promontorio a cavalleiro da corrente. Fortificados nesse ponto de invejavel topographia os hispanos cortavam as communições fluviaes entre o alto e o baixo Magdalena. Era um terrivel engarrafamento do interior. Para quem conhece a Columbia, é facil imaginar o vulto das difficuldades oriundas dessa interceptação da unica via de communições do paiz com o exterior. Bolivar, realizando um esforço tenaz, adestrou duas ou tres centenas de infantés e, embarcando todos em jangadas, chalupas e canôas, subiram rio acima pela calada da noite (23 de Dezembro). Fez-se preceder dum parlamentar propondo a rendição. O chefe hespanhol recusou-a com

insolencia. Subitamente surge, junto ás boccas da artilharia inimiga, o temerario troço de valentes patriotas. A surpresa desorienta os realistas. Retiram-se precipitadamente na direcção de Valle Dupar, deixando, com Teneriffe, um precioso arsenal e uma flotilha de navios fluviaes. Começa a palpitar em pleno fulgor a estrella de Bolivar. Reune em assembleia os notaveis da villa e fal-os jurar a Carta da independencia, aproveitando o pathetico momento para exortal-os em prol da grande causa.

Expellidos do ponto de apoio de Teneriffe, os hespanhoes não puderam resistir em posições inferiores que mantinham mais para dentro. Bolivar foi libertando as ribeiras do Magdalena e a 27 de Dezembro entrava em Mompox, recebido com jubilo e entusiasmo pela administração e habitantes daquella prospera cidade. Acclamaram-no commandante militar do districto. Numerosos moços ingressaram nas fileiras do chefe que seduzia pelo tom prophetico das suas palavras. Já com um pequeno exercito e recursos novos de artilharia, comprehendeu a oportunidade de não se deter e buscar novas victorias. Com 500 homens tomou

os fortes de Banco e encetou a perseguição do inimigo em retirada. Alcançou-o a 1º de Janeiro de 1813 e derrotou-o á vista de Tchiriguana. Éo primeiro combate serio de que sahe vencedor, apresando quatro unidades de guerra, duas peças de campanha e numerosos fuis com abundante munição. Volta ao rio. Apodera-se do porto de Tamalaméque. Occupa sem resistencia a villa de Puerto Real a 7 de Janeiro. Finalmente conquista a cidade de Ocana. Termina ahi a famosa campanha do Magdalena e abre-se o cyclo immortal das victorias de Bolivar. Carthagense communica, desde então, com Santa-Fé pela via fluvial. Cessa, portanto, o engarrafamento do interior da Nova-Granada. O impulso inicial, acelerado desde o assalto de Teneriffe á tomada de Ocana, multiplica-se, desdobra-se, propaga-se; em 1813 Bolivar, a despeito das vacillações do congresso granadino, avança pelos Andes, liberta varias provincias da Venezuela e restitue a Caracas, em Agosto, a integridade e a independencia.

Labatut agiu contra Bolivar logo que soube da victoriosa investida de Teneriffe. Deu-lhe ordem para abandonar a posição e retrahir-se sobre Barranca, em obediencia

stricta ás ordens do commando superior. Já estava, porem, consumado o esplendido feito de guerra e o rebelde enviou ao general uma arrogante resposta, que era a alta-neira narrativa do seu triumpho, e, por justificar a sua conducta, deu mostras de erudição e argumentou allegando a vulnerabilidade da posição de Barranca, exposta aos faceis ataques do inimigo, o qual, expellido das margens do rio, como tinha sido, já não constituia uma permanente ameaça para a provincia inteira. Labatut correu á capital da provincia, num incontido assomo de ira, verberou amargamente a indisciplina e pediu para Bolívar um immediato conselho de guerra. Em extenso e bem fundado memorial, affirmava que a moral do exercito exigia um acto de severa justiça, capaz de fazer conhecer aos subalternos os seus deveres. (*sic*) Tal petição não podia ser attendida. Torices, o governador de Carthagena, em vez de consentir no conselho de guerra, deliberou attribuir a Labatut outras funcções: a missão de libertar o alto Magdalena.

Mais uma vez se debatia no fôro intimo do francez, com a intransigencia do sentido disciplinar, o demonio das paixões. Era

bastante orgulhoso para não tolerar a evidente e premeditada *capitis diminutio maxima*. Sobrada razão teve Bolívar para desobedecer, é verdade; os factos posteriores o demonstraram á saciedade; a Historia viu com olhos maravilhados o despontar duma luminosa carreira. Porque, entretanto, incriminar Labatut pelo amôr á disciplina e pela irreductibilidade de temperamento? Elle não podia adivinhar a suprema missão que se escondia no gesto impaciente do seu subalterno. Vislumbrava apenas a quebra da propria autoridade. Foram inuteis rogos e ameaças. Bolívar transpunha os humbraes da celebridade. Erguia-se no horizonte uma estrella de primeira grandeza. Já não era um simples insubmisso deante do francez. Era em realidade um rival victorioso. Desattendido, o nosso general de divisão adoptou a unica plausivel attitude: retirar-se. Foi o que fez, depois que se convenceu da inutilidade dos seus protestos. Sahiu, ao que parece, como os factos estão indicando, espontaneamente, de accôrdo com o testemunho dos seus propios desaffectedos, em que pese á opinião de alguns historiadores. Segundo outra versão, Labatut teria sido deposto e preso pelo coronel venezuelano

Miguel Carabano, enviado a Carthagená, e, dahi, expulso para as Antilhas, ficando no seu logar outro francez, Raphael Châtillon (Agosto de 1813).

Má estrella, como vemos, contribuiu para encarniçar as detractações aos meritos de Labatut. *Victrix causa diis placuit*. O brocardo de Lucano se applica a talho de foice. Bolivar, bafejado pelos deuses, nas auras da victoria, apressou-se em expellir o adverso estrangeiro, aliás temível, não se póde negar, porque combatia nas mesmas fileiras e gosava de immenso prestigio entre os seus soldados. Extremaram-se na incompatibilidade pessoal. Acabou o francez por perder a cartada. Retirou-se precipitadamente da Nova-Granada. Vaidade ferida, orgulho burlado, consciencia do propio valor, eis os moveis reaes da sua partida. Veiu ao Brasil começar pela terceira vez a vida e entre nós ficou, coberto de louros, para todo o sempre. Persiste indelevel, entretanto, o estigma da desavença com o genio hispano-americano, cuja gloriosa indisciplina elle não quiz sanccionar, fiel á severidade dos seus principios de militar presante. Foi um condemnavel gesto de ciume, dizem os escriptores hispanos, e o indicam

á execração da posteridade como réo antibolivarista, imprudente que ousou duvidar do luminoso destino do libertador da maior porção da America Hespanhola. No mesmo consoante, por coherencia, desvendaram á luz meridiana os defeitos de Labatut, implacavel perseguidor dos vencidos, ciumento rival dos vencedores. Nas dobras desse terrivel anathema não será impossivel descobrir attenuantes e dirimentes, atravez das qualidades de energia, varonilidade, destemor do marechal. Na America Hespanhola quasi todos ou todos os historiadores mostram ignorar o desdobramento glorioso da carreira de Labatut no Brasil. São sobremodo severos, para serem imparciaes, Barros Araña, Soledade de Samper, Felipe Larrazabal, Restrepo, B. Mendez, D. Carbonell, B. Fombona.

Por honra de Labatut o conspicuo O'Leary, ao descrever este notavel episodio, reconhece expressamente que «desde o principio da campanha o francez se havia distinguido em fórma assaz nobilitante e util á provincia a cujo serviço combatia, derrotando o inimigo e desalojando-o de pequenas aldeias ás margens do rio Magdalena, as quaes, embora insignificantes, pelo

facto de estarem nas mãos dos hespanhoes, interceptavam a navegação fluvial e mantinham a margem opposta em constante sobresalto.» Estudando a figura dramatica de Labatut tivemos ensejo, ha tempos, de pulverizar as numerosas accusações que lhes são irrogadas pelos historiadores de Bolívar. Mostrámos, então, não haver incompatibilidade na exaltação de ambos, tão diverso foi o rumo que o destino lhes indicou. Nem o elogio fervoroso de Bolívar prejudica o reconhecimento dos meritos militares deste illustre francez, em quem enxergamos, nos primeiros tempos do Imperio, um forte sustentaculo do partido nacionalista.

Eduardo Posada, mestre columbiano, analysou com imparcialidade a desastrada intervenção dos primordios da epopeia bolivariana e traçou o seguinte definitivo julgamento da personalidade do futuro marechal de Pirajá: «Labatut (pondera o secretario perpetuo da Academia Historica da Columbia), Labatut teria commettido faltas ao passar pelo nosso paiz; não será mesmo impolluta a sua memoria depois de tão fugaz intervenção; entretanto, é força reconhecer que desenvolveu uma acção proficua na alvorada da nossa independencia; formou

um exercito, ensinou o caminho do triumpho, reanimou com as suas proezas os espiritos desalentados. Teria sido consideravel o seu papel se houvesse proseguido na lucta até o maravilhoso desfecho. Assim como rendemos louvor aos protagonistas do epilogo, assim tambem devemos exaltar os primeiros actores, os que fizeram despenhar irresistivel e gloriosamente a allude desde as montanhas do sul até as praias do norte do continente. Suas crueldades, se não se justificam, merecem, sim, attenuadas, tendo em vista o meio, a epoca, as circumstancias. Filho, sem duvida, da Revolução Franceza, surgido em meio do terremoto napoleonico, tendo aportado á America nas horas sombrias da guerra sacrosanta, o seu character devia ser ineluctavelmente rude, nem lhe cumpria banhar a lamina da espada nas aguas da bondade e do perdão.»

Bolivar não olvidou, até á morte, a rude opposição de seu primeiro chefe, e ainda em 12 de Dezembro de 1826, escrevendo ao general José Antonio Paez, seu legendario tenente, que, no crepusculo da epopeia, se preparava para fragmentar a Columbia Maior, contribuindo para a proclamação da

independencia da Venezuela, concita-o a desistir do ideal regionalista em prol da integridade da patria grande, evocando a sombra fatidica de Labatut. Recorda os seus copiosos desaffectedos, todos perseguidos pela adversidade. «Commigo venceste, commigo conquistaste a gloria e a fortuna, commigo debes esperar tudo. Pelo contrario, contra mim o general Labatut se perdeu...».

Bolivar não esqueceu nem perdoou a intransigencia disciplinar do antigo chefe de Carthagená de Indias.



## A formação da Grã-Columbia

**A** desobediencia a Labatut assignalou, como vimos, o preludio da gloria de Bolivar, na victoriosa «campanha do Magdalena». Admittido ao serviço republicano de Carthagen de Indias, destacado para um posto secundario, elle reagiu, desenvolveu a lucta por sua conta e risco, seguindo rumo autonomo, penetrou no amago da Nova-Granada e destruiu importantes posições hespanholas. Desde então até 1819, quando foi proclamada a republica da Columbia, teve que sustentar uma lucta infernal contra exercitos incessantemente vencidos e vencedores, em alternativas sangrentas, heroicas, desnorteadoras. Cem vezes triumphou. Cem vezes foi derro-

tado ou bateu em retirada. Cem vezes teve que tirar recursos do nada, para usar duma phrase predilecta de O'Leary. Luctou contra o oppressor, contra a ignorancia dos seus proprios patricios, contra a feloniam dos seus mesmos tenentes. O theatro da guerra era dilatado e ingente, entre charnecas torridas e insalubres, rios caudalosos, montanhas inaccessiveis. Tem sido debuxado pelo pincel de mestres. Os lances heroicos se multiplicam como nos mais bellos dias da Historia. Bolivar dominou todos os elementos adversos, a despeito de serios e constantes revezes. E acalentou os dois sonhos dourados que no seu cerebro e no seu coração se conjugam e se completam: a patria e o continente unido. Primeiro, formou a patria, robusta expressão geographica e politica, pela reunião do vice-reino da Nova-Granada, da capitania geral de Caracas e da audiencia de Quito. A nação assim constituida, abrangendo a Nova-Granada, a Venezuela, o Equador e o Panamá, sobre um territorio de cerca de dois milhões de kilometros quadrados, recebeu o baptismo de *Columbia*, que os historiadores converteram mais tarde em Grã-Columbia ou Columbia Maior, para differenciar da poste-

rior republica designada pelo mesmo nome. O segundo sonho foi de mais lento evolver: o do pan-americanismo. Bolivar, depois de construir a patria e libertar outras, pensou effectivamente em unir a America por laços moraes dignos dum destino solidario e glorioso. Queremos conhecer agora apenas a formação da Grã-Columbia, mas forçosamente nos limitaremos a uma synthese, tão complexo e multiplo é o quadro militar que se nos depara. Em largas palhetadas procuraremos descrever esta phase vibrante da epopeia.

Apeiado Labatut das funcções de chefe do exercito, o governo de Carthagena confiou a Bolivar a commando supremo em fins de 1812. A victoria coroou os seus esforços. Libertada a cidade de Ocana, no interior, elle se communicou com o congresso revolucionario da Nova-Granada, reunido em Tunja, perto de Santa-Fé de Bogotá. Dirigia a campanha visando agora os objectivos de Cucuta e Pamplona. Conquistou palmo a palmo, a ferro e fogo, essas cidades bravamente defendidas pelo inimigo. De Cucuta, já na fronteira da Venezuela, premeditou o avanço até Caracas. Envolvia assim, num abraço fraternal, as duas colo-

nias, ligando, num prodigioso raid, os pontos cardeaes de Carthagena, Ocana, Cucuta e Caracas. Convem reter na memoria o ardor divinatório das suas palavras, fallando a um punhado de bravos nas vespas de redimir o paiz natal:—A America inteira espera de vós a liberdade e a salvação, imperterritos soldados de Carthagena e da União!

Nomeado brigadeiro pelo governo grandinino, encetou a campanha da Venezuela. Em meados de 1813 a lucta attingira tal ferocidade que Bolivar se viu na contingencia dolorosa de decretar a «guerra de morte», applicando a pena de talião ao exercito hespanhol sob o mando do general Domingos de Monteverde. Olho por olho, dente por dente. O preço de cada cabeça de patriota eram duas vidas de hespanhoes. Bolivar atravessou pela primeira vez os Andes. Começam a sobresahir alguns de seus legendarios tenentes. Ribas se celebra na carga de baioneta de Niquitau. Barinas, São Carlos, Valença, eis tres etapas da marcha libertadora. Emquanto isso, outro caudilho patriota, Santhiago Marino, organiza um exercito em Trinidad e invade a Venezuela pela cidade de Cumaná. A 6 de

Agosto de 1813 entra Simão Bolivar em Caracas e restaura a Republica, com o auxilio de Marino, recebendo solememente o cognome de Libertador, com que passa á Historia.

Mas a lucta proseguia formidavel. A reacção hespanhola era violenta, desdobrava-se em actos de indizivel crueldade. Celebrizaram-se os nomes de Morales e Boves, dois tigres da conquista, cuja sêde de sangue parecia não ter limites. As alternativas da guerra eram diabolicas, sem esmorecer nunca o ardor dos dois partidos irreductiveis. Feriram-se heroicos combates e grandes batalhas. Entre estas avultou a de Araure, ultimo triumpho militar de 1813, grave revez para o exercito oppressor. Bolivar, apesar do torvelinho estonteante da lucta, preocupava-se desde então, como estadista, pela organização da republica. Conservou, aliás contra a vontade, o poder civil, instado pelos seus compatriotas, pois só desejava que a sua espada servisse á obra da redempção. Numa mensagem famosa expoz ideias que são das mais antigas affirmações do pan-americanismo: «E'mister que a força da nossa patria seja bastante para resistir a quaesquer aggressões intenta-

das pela ambição européa; é preciso oppor áquelle colosso de poder outro colosso constituido pela união de toda a America meridional num só organismo com um unico governo, dispondo de vastos recursos, dedicados ao objectivo de resistir collectivamente ás tentativas interiores e exteriores, numa collaboração reciproca de todos os membros, capaz de levar-nos ao apogeu do poder e do progresso.»

Deposto afinal Monteverde, a sanha sanguinaria dos hespanhoes proseguiu pelo braço assassino de Bóves e de Morales. Em 1814, Bolivar enfrentou serias difficuldades. Marino, ciumento e ambicioso, não attendeu aos seus apellos e se conservou á margem, dispersando esforços affins. Ribas deu um golpe de mestre com a batalha de La Victoria. A «guerra de morte», porem, attingira tal insania, que o libertador se viu constrangido a ordenar, duma assentada, a chacina de novecentos prisioneiros. 1814 seria ainda assinalado por outro triumpho memoravel—Carabobo—batalha em que Bolivar poz de novo em cheque os reinóes, para, pouco depois, soffrer o revez de La Puerta, que acarretou novamente a capitulação de Caracas. Atravez dessas sangrentas

refregas se destacaram figuras spartanas, Girardot, Ricaurte, Bermudez, Ribas, Piar, sacrificadas algumas em rasgos de autentico heroismo. Batidos, Bolivar e Marino se retiraram para Carthagena de Indias, enquanto a Venezuela conhecia inaudito terror, sob o governo leonino de Morales.

De Carthagena o libertador se dirigiu a Tunja. Os hespanhoes dominavam Santa Fé de Bogotá. Bolivar os desalojou e o governo independente da Nova-Granada poudes transladar-se para a capital. Voltou á costa. Procurou expulsar os occupantes de Santa-Martha, mas a sorte foi-lhe adversa. Demittiu-se e partiu desilludido para a Jamaica. Tudo parecia conspirar contra a sua vontade de ferro. O paiz era nesse mesmo anno invadido por copioso exercito, sob o commando doutro implacavel carrasco, o general Paulo Morillo. Carthagena subjugada, a Republica foi de novo submettida á condição de colonia. Restabeleceu-se o vice-reinado. Santa-Fé conheceu horas amargas, os patriotas foram fusilados em massa. A tyrannia se restaurava sobre montões de cadaveres. 1814 e 1815 foram os annos fatidicos em que o leão hespanhol colheu de novo sob as garras as

duas mais impacientes presas, a Venezuela e a Nova-Granada, que vinham assim a receber o premio vil por tanto brio e tanta coragem.

Para Bolivar, 1815 constituiu uma quadra de funda meditação e concentração psychologica. Passeava pelas Antilhas o seu inconsciente desespero. Um nobre inglez da Jamaica e o presidente Pétion do Haiti se mostraram então prestimosos sustentaculos das suas frustradas ambições. Tomou fórmula palpavel no seu cerebro o sonho da fundação da Columbia, a Maior, como vieram a chamal-a mais tarde. Em *Carta ao nobre da Jamaica*, documento historico de maxima valia, Bolivar bosquejou claramente a majestade dos seus planos e mostrou quanto a America inteira palpitava no seu coração e merecia os desvelos do seu cerebro. Ao projecto da federação nacional da Grã-Columbia ajuntava elle o majestoso plano da confederação continental.

Documento complexo, sobre o qual não será ocioso insistir, é esta longa epistola, transbordante e palpitante de sentimento americano. Nella se surprehende a garra do genio. A'distancia dum seculo, enxergava o futuro com tanta clarividencia

quanto o presente. Photographava o caracter irrequieto e o temperamento agitado das nações egressas de Castella. Preconizava a ordem, a união, a federação continental, mostrando, entretanto, a necessidade do respeito mutuo em varias espheras soberanas. Analysava os defeitos e exaltava as qualidades dos varios povos hispano-americanos. Retratava o aspecto social das colonias hespanholas, aviltadas por secular systema de inacreditavel obscurantismo: «Creado o Novo Mundo sob o imperio fatal do servilismo, não póde arrancar as algemas sem lacerar os proprios membros; inevitavel resultado dos vicios da escravidão e dos erros duma ignorancia tanto mais arraigada quanto era oriunda da mais fanatica superstição que haja corroido a especie humana. Os americanos se acham rebaixados á categoria de brutos pela tyrannia e pela inquisição hespanholas.»

Descreveu o theatro da lucta atravez toda a America Hespanhola, do Mexico á Argentina. Criticou e acceitou em parte a divisão politica preconizada pelo arcebispo de Malines, abbade de Pradt, prevendo a fragmentação do immenso imperio em quinze ou dezeseite soberanias diversas. Encarou a

união da America inteira, sem acreditar, entretanto, na viabilidade duma só republica em tão vasto territorio. Estudou os regimens mais adequados e preferiu resolutamente o democratico adaptado ao ambiente.

Importa ler e meditar as suas proprias palavras, no seguinte excerpto:

*«Mais do que ninguem desejo que se forme na America uma grande nação, a maior nação do mundo, menos pela extensão e riqueza do que pela liberdade e pela gloria. Anhelando, embora, o aperfeiçoamento do governo da minha patria, não me illudo até o ponto de acreditar que o Novo Mundo possa ser regido por uma só republica; nem ousou prognosticar isso, que se me antolha um impossivel, e menos ainda uma monarchia continental, projecto inexequivel, sobre ser ocioso. Persistiriam os mesmos abusos e a regeneração seria infructifera. Os Estados americanos carecem antes de governos paternaes, que lhes pensem as feridas e as chagas do despotismo e da guerra. A metropole, por exemplo, poderia ser o Mexico, unico detentor de poder intrinseco, sem o qual não pôde*

haver metropole. Suppondo que fosse o isthmo do Panamá, ponto equidistante dos extremos do vasto continente—não persistiria, porventura, a mesma fraqueza e a desordem actual? Um governo unitario capaz de galvanizar, dar vida, pôr em movimento todas as molas da actividade publica, corrigir, instruir e aperfeiçoar o Novo Mundo, necessitaria das faculdades dum deus, ou, pelo menos, as luzes e virtudes de todos os homens reunidos. O abbade de Pradt dividiu sabiamente a America em quinze ou dezeseite Estados independentes entre si, governados por outros tantos principes. Concordo com a primeira parte, pois o continente comporta a criação de dezeseite nações; quanto á segunda, embora mais facil de realizar, parece-me menos util, porque sou infenso á monarchia na America...»

Philosophando assim, com singular dom prophetic, sobre os destinos da America Hespanhola, Bolívar acalentava tambem o sonho de dilatar ainda mais a orbita das suas ambições democraticas. No terreno da acção, não repousava igualmente e, decepcionado e trahido, embora, obtinha de

Alexandre Pétion, chefe da Republica haitiana, o desejado auxilio indispensavel para novas incursões no continente. Varias columnas libertadoras surgiram, entrementes, em todos os ambitos da Venezuela, e constituiram outros tantos sustentaculos do insigne paladino. Episodios transcendentales se succedem com uma rapidez vertiginosa. Em 1815 Bolivar tinha desembarcado na ilha de Margarita e passado ao continente. Successivamente vencedor e vencido, foi deposto, refugiandose de novo em Porto-Principe. Só a 1º de Janeiro de 1817 ingressava na Venezuela para não mais abandonar o theatro da acção.

Ao impor-se a superioridade da sua vontade e da sua intelligencia, naturalmente, sobrevieram alguns dissidios, que não affectaram a pureza e a unidade da sua obra. Moços de merito real o coadjuvaram, como Piar, Marino, Bermudez e Paez. Entre gestos de confraternização e condemnaves rivalidades, Bolivar, já investido da presidencia em Caracas, viu-se na dolorosa contingencia de ordenar, por exemplo, o fusilamento de Piar, que se distinguira entre os mais preclaros e denodados defensores da independencia, mas não soube, pela obe-

diencia, compreender a missão sublime do chefe. Este Piar, seja dito de passagem, bella figura de soldado, nascido em Curaçao, inculcava-se filho natural dum príncipe portuguez, cuja identidade até hoje não se estabeleceu. Paez, symbolo da bravura e do desprendimento, foi o commandante dos famosos *llaneros* da Venezuela, valentes cavalleiros das planicies torridas do Orenoco, comparaveis aos gauchos das nossas frias campinas do sul. Bolívar foi batalhar ao lado de Paez e dos invenciveis *llaneros* (de «llano», planicie) e tomou parte na rapida e heroica arrancada de Quezeras del Medio, combate de um contra cem, descripto com entusiasmo pelos historiadores, pelo que inculca de astucia e bravura.

Bolívar não esquece os seus ideaes, em meio da homérica refrega contra as forças do general Morillo, chegadas da península, numerosas e disciplinadas, e envia a Pueyrredon, director das provincias unidas do Rio da Prata, uma mensagem em que sobreleva esta affirmação de optimismo: «A Republica da Venezuela, embora coberta de luto, deseja exprimir-vos um sentimento fraternal e quando, coberta de louros, tiver destruido seus ultimos tyrannos, ha-de

convidar-vos, então, para uma só sociedade, na qual o nosso lemma possa ser: «Unidade na America Meridional.»

Em 1818 proclamou: Granadinos, o dia da America chegou! Convocou para Janeiro de 1819 o congresso constituinte em Angostura, hoje Ciudad-Bolivar. No discurso inaugural, affirmação das suas faculdades de estadista, lançou os fundamentos da sua amada Columbia.

Depois de Quezeras del Medio, Bolivar resolveu atravessar os «llanos» inundados pela estação das chuvas, remontar os Andes e restituir a independencia á Nova-Granada, num gesto de fraternal retribuição de esforços communs. Seja-nos licito lembrar que, em Quezeras del Medio, um brasileiro se cobriu de gloria, e, desde então, durante quinze annos, acompanhou Bolivar até os extremos dias da sua carreira—o general José Ignacio de Abreu e Lima—. Em capitulo especial estudaremos a figura digna e heroica desse condottiere pernambucano, cuja memoria se ennobrece com a recordação da amizade generosa do fundador da Columbia e de varios dos seus mais illustres tenentes. Preparou-se Bolivar para levar a cabo uma ingente campanha: operar a

juncção com as forças do granadino Francisco de Paula Santander em Casa-Nare e iniciar dahi a marcha libertadora atravez da Nova-Granada. Os chefes principaes que o secundavam no patriotismo e na bravura se chamaram, alem de Paez e Santander, Revenga, Soubllette e Anzoategui.

Foi nesse instante que elle concebeu a famosa escalada dos Andes, atravez treme-daes e abysmos, contra os mais ingentes obstaculos da natureza. «Os *llaneros* (diz O'Leary, insigne participe e historiador da epopeia, a cujo sobrio e fidedigno depoimento teremos que voltar muitas vezes) os *llaneros* contemplavam as immensas alturas entre o espanto e o assombro e não podiam crer que existisse tão perto um paiz assim differente dos pampas nataes. A' medida que iam escalando montanhas sobre montanhas, multiplicavam-se os motivos de surpresa: por isso que ao attingirem uma cumiada, que parecia a derradeira altura, o panorama se desdobrava, e era apenas o inicio doutras perspectivas mais elevadas, de cujos cumes ainda se descortinavam montanhas, cujos picos pareciam confundidos com as brumas do firmamento.» Só o verbo illuminado de Olmedo poderia des-

crever mais tarde esse monstruoso cenário digno das iras dum titan:

...los sublimes montes, cuya frente  
a la región etérea se levanta,  
que ven las tempestades a su planta  
brillar, rugir, romperse, disiparse;  
los Andes... las enormes, estupendas  
moles sentadas sobre bases de oro,  
la tierra con su peso equilibrando...

Ainda O'Leary: «Homens afeitados, na planície, á travessia de caudalosas correntes, acostumados a domar cavallos selvagens, a vencer corpo a corpo o touro bravo, o mesmo crocodilo e o tigre, tergiversavam agora ante aquelle inaudito espectáculo da natureza. Na desesperança de poder dominar difficuldades tão acabrunhadoras, com as alimarias mortas de cansaço, a empreza se lhes antolhava um doido intento, e pensavam em desertar daquelles climas hostis que lhes gelavam os membros. Chovia dia e noite, sem cessar. O frio augmentava á proporção que subiam... Mil incidentes pareciam conjurar contra as esperanças de Bolivar e era elle, apesar de tudo, o unico homem resolute e firme na sua vontade, em meio de taes contratempos, capazes de

abalarem as almas mais fortes. E reanimava as tropas com a sua presença e o seu exemplo, invocava-lhes a glória que as esperava e a abundância do paiz que iam libertar. Então os soldados o escutavam embevecidos e multiplicavam os esforços.» Vê-se como, desde os primórdios, soube vencer lutando contra os homens, contra os elementos e até contra os deuses, na formosa expressão de Cornelio Hispano.

Depois de febris combates, como o de Pantano de Vargas, feriu-se, já nas proximidades de Santa-Fé, a decisiva batalha de Boiacá, na qual os realistas, chefiados pelo general Barreiro, de execrada memoria, foram destroçados, podendo o exercito libertador, logo depois, entrar triumphalmente na capital da Nova-Granada, em seguida á evasão do vice-rei Samano (1819). Deante dos soldados exhaustos se desdobrava, a perder de vista, um taboleiro de verdura, com *bouquets* de arvoredo, num clima amavel, entre trigaes e rebanhos—tão plano e dilatado que, em alguns pontos, dir-se-hia confundir-se, na linha do horizonte, com o oceano longinquo. Era a «savana» de Santa-Fé, um dos mais suaves recantos da America do Sul, pedaço da

Bretanha paradoxalmente situado no equinoxio thermico. Os soldados desalteraram, nessa nova paisagem de paz e fartura, violentamente sacudida, na sua serenidade bucolica, pelos clarins de Boiacá, e foram descobrir alli a espiritual cidade que um chronista, mais tarde, em galante imagem, denominaria *la belle au bois dormant*. Bogotá acolheu os libertadores festivamente, abrindo-lhes o coração. Vibrou de entusiasmo a antiga cidade do conquistador Quezada, fria, claustral, romantica, com os seus severos conventos hispanos, as suas rosas incomparaveis, as suas lindas e aristocraticas mulheres.

Bolivar, por volver á Venezuela, deixou o logar-tenente Santander na primeira magistratura da Nova-Granada. A lucta não cessou, contra o despotismo, contra a anarchia, contra as rivalidades dos proprios chefes. O sonho da formação da Columbia era, entretanto, depois da batalha de Boiacá, uma realidade palpitante e Bolivar se sentia feliz ao contemplar os resultados magnificos da sua acção. A criação da Republica da Columbia, sob a presidencia de Bolivar, foi decretada pelo congresso venezuelano, em Angostura, a 17 de Dezembro de 1819,

e ratificada, em 1820, por Santa Fé de Bogotá.

Nesse mesmo anno o governo hespanhol iniciou as negociações de paz, assignando-se um armisticio tendo por base o reconhecimento da soberania columbiana. O novo Estado era recebido com sympathias no concerto das nações. Em Londres havia sido acreditado um plenipotenciario e a Grã-Bretanha apoiava sem rebuços a formação da Republica columbiana. Emquanto isso, Bolivar designava, para a libertação e incorporação da provincia do Equador, o general Antonio José de Sucre, probo e valente soldado, cuja gloria foi a mais pura da epopeia. Circumstancias imprevistas induziram os hespanhoes a romperem a tregua. O resultado foi, na Venezuela, a segunda victoria de Carabo (Junho de 1821) que abateu o inimigo e libertou definitivamente Caracas.

Antes de partir para o Equador, Bolivar enviou agentes diplomaticos ás diversas nações da America, tendo em vista a explanação e propaganda do seu projecto de união continental. Passava ao campo das realidades o sonho maior da sua existencia. Segundo a bella phrase de William Sherwell, historiador yankee, «foi seu sonho

perenne a unidade americana e, se o exito não quiz coroar nunca o seu pensamento, aquella chimera foi, entretanto, a estrella guiadora do seu carro de triumpho.» Despachou ministros para o Chile, a Argentina, o Perú e o Mexico. O plenipotenciario para Buenos-Ayres era portador duma mensagem em que se descobria nitidamente a ideia precipua da convocação do congresso do Panamá.

Bolívar preconizava a formação duma «liga verdadeiramente americana». E acrescentava: «Esta confederação, porem, não deve ser apenas baseada numa trivial alliança offensiva e defensiva; deve ser muito mais intima do que a formada na Europa actual contra a liberdade dos povos. É mister formar uma sociedade de nações irmãs, separadas no exercicio de suas soberanias, mas unidas, fortes, poderosas, capazes de resistirem ás aggressões das potencias estrangeiras. Cumpre encarecer incessantemente a necessidade de lançarmos desde já o alicerce dum organismo amphictyónico ou assembleia de plenipotenciarios, que dê impulso aos interesses communs dos americanos, dirima as discordias suscitadas com o correr do tempo entre povos affins que, na carencia

duma instituição desse porte, podem vir a atear guerras funestas, como acontece em continentes menos afortunados.»

1822 marca o primeiro avanço para o sul, a libertação da antiga Audiencia de Quito. Duas victorias retumbantes assignalam esta campanha: Bomboná, ao sul da Nova-Granada, e Pichincha (aliás Pitchintcha), no Equador, esta ultima consagrando Sucre entre os mais insignes guerreiros. Bolívar, pouco depois, foi triumphalmente recebido em Quito, outra cidade fria e claustral da cordilheira dos Andes, velha capital do reino inca de Atahualpa; constituiu o departamento do Equador e terminou, dess'arte, a expulsão dos ultimos hespanhoes, consolidando militarmente a grande republica dos seus sonhos: a Columbia Maior.



## Nos jardins da Historia

**E**M Quito Bolivar conheceu Manoela Saens, bella equatoriana, cuja paixão se prolongou para alem da morte e passou á Historia. Queremos neste capitulo evocal-a, atravez a leitura dum livro feito de poesia e verdade, abrindo um parenthese, na descripção da epopeia, para a vida secreta do heroe.

A Historia tem os seus jardins, de que fallava com enternecimento o delicado espirito de Emilio Gebhart. *La vérité, elle est, je crois, dans la légende*, dizia Hegel, mirando os factos dum ponto de vista mais transcendente, sem desprezar a obra exhaustiva e fria dos historiographos authenticos, pedindo, entretanto, um pouco da sympa-

thia dos poetas para amenisar com um sorriso a face carrancuda e quasi hostile da sciencia de Herodoto de Halicarnasso. Esse é tambem o pensamento de Cornelio Hispano, o historiador poeta de que se ufana a Columbia: delle extrahimos estas mesmas ideias, emprestadas a Gebhart e a Hegel, e applicadas, com rara fortuna e inexcedivel brilho, á vida triumphal de Bolivar. Hispano, originaria e fundamentalmente poeta, dedicou-se á historia, maxime á historia bolivariana, para communicar a massudos textos antigos um brilho novo, um sentido esthetico não suspeitado, em que se ajuntam e se entrelaçam a tradição e a arte, a historia e a lenda.

Tomando o marmore e o bronze ainda mal polidos e apenas facetados dos monumentos erguidos á gloria de Bolivar, a quem coevos e posteros cognominaram *Liber-tador*, pois foi, de facto, o libertador, por excellencia, de antigas colonias americanas, o unico revestido em verdade de caracteres geniaes, Cornelio procurou recommençar a obra com sentimento esthetico, ennobre-cendo-a e attribuindo-lhe definitivos relêvos de arte delicada, acabada e perfeita. «Ao lado de acontecimentos transcendentés,

que commoveram a humanidade, infatigavel e massivamente narrados por graves e eruditos academicos e professores, occorrem episodios singelos que, fielmente reproduzidos, retocam e fixam, com tintas suaves e ingenuas, o ambiente proprio das epocas, cobrindo duma tersa patina os grandes quadros historicos.»

Foi o que elle fez com o vulto e a carreira do libertador. Não procurou bibliothecas, nem archivos, nem museus, para esmiuçar bagatellas ou corrigir ninharias, ou para restituir á luz meridiana velhos, sujos e carcomidos in-folios. Limitou-se a ler as melhores peças do grande processo historico, com o criterio do analysta que selecciona e purifica, e, recolhendo os mais peregrinos fragmentos, teceu, com o brocado da sua phantasia de helleno, a tela historica de scintillações desconhecidas e imprevistas. Ahi se revela o seu tacto de artista apaixonado, que não vacilla, não tergiversa nunca. O seu criterio, requintado e fino, não se engana na escolha das tradições mais preciosas do heroe. Improbo leitor dos gregos e ledor infatigavel dos francezes, foram os historiadores da Athenas antiga e do Pariz moderno, que lhe propinaram o ensina-

mento dessa suggestiva e bella Historia, que procura, entre acontecimentos idos e passados, um mais veridico tremor de coração humano sacudido por paixões vehementes e bizarros caprichos sentimentaes.

Até agora fôra Bolivar apresentado na fria attitude de guerreiro multiplo e invencivel, genio tutelar da America livre e grande. Mas esse Bolivar, que sabia amar, que tantas vezes explodia em gestos insopitaveis de paixão, de odio e de ternura, esse Bolivar que, sobre ser o heroe immarcessivel, era tambem o homem debil e claudicante, esse Bolivar mais intimo, mais real, mais authenticico, não tinha ainda sido descripto por nenhum dos seus apologistas. Paginas gloriosas, paginas heroicas, embebidas no sangue dos combates, atravez das quaes se distinguia o retinir dos clarins e o trom da artilharia, ou paginas de olympica majestade, com palavras bronzeeas, pronunciadas pelo mesmo heroe em horas supremas, era o que se tinha lido até hoje, o bastante, aliás, para collocar Bolivar no seu alto pedestal insupplantavel. Faltava, porem, o quadro menos solemne das suas attitudes familiares, dos seus gestos affectivos e simples.

Na insipiente litteratura das Americas, essa é justamente uma lacuna que se pode apontar com frequencia. Os nossos grandes homens persistem, sob esse ponto de vista, seja dito de passagem, numa deploravel penumbra que lhes esconde aspectos encantadores de caracter. O nosso immenso Andrada, por exemplo, sobre cuja obra tanto se tem escripto, permanece, embora, mal conhecido, no que diz respeito ás intimas vicissitudes da sua vida. E, por fallar em José-Bonifacio, certo, o historiador á Gebhart não encontraria, na sua brilhante vida, nenhum gesto de luxuria ou de paixão desordenada, como sóe mostrar Simão Bolivar, temperamento de muito diversa contextura. O patriarcha da nossa independencia é sobretudo o sabio, alem do estadista. Não empunha jamais a espada. A sua intelligencia não exhibe, quiçá, rasgos geniaes como a de Bolivar. Permite-lhe, emtanto, construir obra solida, duradoura, vasta, que se traduz em nossa integridade nacional, jamais interrompida. Bolivar padeceu essa dôr immensa de ver, na hora da morte, prestes a desmoronar o bello edificio que elle tinha levantado, como um titan formidavel. A grande patria por elle argamassada

derrue poucos dias depois, prevalecendo, sobre o seu dogma da patria grande, aquillo que os separatistas burlescamente chamavam a «patria chica», a patria pequena. Diferentes nos seus traços geraes, as duas personalidades, do Libertador e do Patriarcha, divergem tambem nos detalhes, que procuram revelal-as menos apparatusamente, na simplicidade dos episodios mais communs das suas vidas. Carecemos, porem, do perfil do nosso Andrada, assim desenhado, entre aspectos intimos e scenas familiares. Pedro II, figura de muito mais extensa projecção, tem biographos amorosos e fieis, que nos relatam os graves e imponentes contornos da sua magnanima e incorruptivel compleição moral, e ainda hoje o insigne conde de Affonso-Celso, completa, com pinceladas de mestre, o quadro esplendido que começou a compôr com o *Imperador no Exilio*. Em verdade, só Pedro I offerece, aos nossos historiadores-poetas, um horizonte semelhante a este agora explorado na Columbia por Cornelio Hispano. Pedro I, muitas vezes caricato, algumas outras sublime, foi sobretudo amante e galanteador, e agitou os insipidos e triviaes dias da côrte do primeiro Imperio, com o

escandalo dos seus amôres com a marquezia de Santos e outras Pompadour de menos estôfo. Tivemos assim, em nossos habitos de colonialismo remanescente nos primeiros tempos da monarchia, alguma coisa versallesca, que lhes empresta um capitoso sabor de fructo prohibido, capaz de tentar expertos belletristas. Volumoso e complexo é o livro de Alberto Rangel sobre a marquezia, mas padece, quiçá, do defeito da extensão. Obra de menos folego, porem, de mais interesse, deve ser a que se annuncia, de Paulo Setubal, ainda sobre esse mesmo romanesco interregno da nossa Historia (1).

E' fóra de duvida que a figura de Bolívar, toda agitada por impulsos passionaes e violentos, presta-se muito mais a essa reconstituição de esquecidas aventuras, e bem o comprehendeu Cornelio Hispano, ao encetar a sua *Historia Secreta*, e o seu *Livro d'Ouro de Bolívar*, recentemente editados em Pariz. Enamorado ou amante, Bolívar requer da Historia uma irrecusavel attenuante ou dirimente. Nunca foi um donjuan vulgar, e a imponencia e a genialidade da sua obra desculpam-no das debilidades

---

(1) Escripto em 1923.

em que tenha incorrido, por fôrça do destino ou mercê da imprudencia. Hispano pinta-o como um heroe grego, quasi um deus do Olympo, e, assim, para todas as suas attitudes, sublimes ou triviaes, busca sempre uma exaltada palavra de elogio e adoração. Não ha como negar o direito desse incorruptivel culto ao libertador, a cuja gloria fascinante ninguem resiste.

Abundante é a serie das amadas de Bolívar, e, para cada uma dellas, o historiador procura uma justa palavra de sympathia. Ignoradas ou conhecidas, as amantes do caudilho desempenharam na sua vida e na sua carreira um papel que a historia agora procura fixar e definir imparcialmente, sem exaggerado pudor, sem inescrupulosa condescendencia. Ainda uma vez Cornelio Hispano relê os velhos e divinos mestres. «Os antigos, com raro instincto, jamais reproduziram nas suas obras as imagens de suas radiantes heroínas. Pouco sabemos dos encantos de Sapho, Lesbos, Lais, Corinna, Aspasia; apenas, que eram encantadoras. *A bella Helena*, diz Homero; *a bella Dido*, diz Virgilio, e enquanto se compraziam em descrever-nos, fina e amorosamente, escudos de guerreiros, batalhas e palacios, ape-

nas distinguiam as deusas com um epitheto: Minerva, *a dos olhos azues.*» E commenta: «Das amadas de Bolivar só sabemos, tambem, que eram bellas, ou, senão, mais espirituaes que bellas, e esses vagos matizes communicam ineffavel encanto ás coisas remotas.» Apezar dessa incerteza e discreção dos documentos antigos, Cornelio, lendo-os com a curiosidade insatisfeita da sua phantasia, consegue recompôl-os e restituil-os, mais ou menos authenticos. E desfila a galleria galante e enternecida. Primeiro, o idyllo nupcial com a fidalga e meiga Maria Thereza Del Tóro y Alaiza, nos paços do Escurial e de Aranjuez, em Madrid. *La dulce Thereza*, assim a denominam commovidos biographos, morreu prematuramente, como as rosas de Malherbe. Viveu apenas os dias da lua de mel na viagem entre as terras da Hespanha e da Venezuela. Viuvo na flôr dos annos, o moço Bolivar viu trans-tornados todos os seus honestos projectos de continuar, na casa solarenga dos arredores de Caracas, a vida patriarchal da sua nobre familia. Foi decisivo esse lance para o seu destino.

Na Italia e na França contemplou, entre maravillamento e repudio, a trajetoria so-

lar de Napoleão, a quem admirava como esplendido heroe, e a quem execrou, ao vel-o, mais tarde, coroadado, trahindo os principios democraticos. Ao seu lado, a figura atheniense e voltaireana do mestre Simon Rodriguez, pobre desherdado philosopho, que lhe incutiu o culto de anhelos sagrados pela liberdade. Do mesmo passo, faz vida sumptuaria e perdularia, de herdeiro opulento que se consome em orgias. Nas capitães da Europa desconcerta por habitos de dissipação. Uma franceza, de origem venezuelana, Fanny du Villars, é a sua primeira amante em Pariz, e tem o raro merito de adivinhar, quando ninguem o suspeitava, o genio dissimulado naquelle character insensato de doidivas. Depois, volvendo á America, a encetar as suas luctas gloriosas, muitas vezes Bolivar se encontra nos braços de mulheres, que buscam o premio de pertencer, embora por dias ephemerros, ao heroe. Entre aventuras com tantas messalinas, mais ou menos disfarçadas, é fôrça destacar o idyllio puro e suave com Annita Lenoit, filha de emigrados francezes, devorada nas chammas de uma paixão louca. E, de todas as suas amantes, destaca-se uma, que o acompanhou nos dias consu-

lares, em batalhas renhidas, e nos interregnos da paz, e foi em verdade a mulher que o empolgou: Manuelita Saens, filha de Quito, cognominada tambem «a Libertadora», por ter salvo a vida a Bolivar, numa noite de Setembro de 1828, em que varios fanaticos conjurados tentaram assassinal-o, e foram burlados pela astucia e a energia da formosa concubina, no palacio presidencial de São Carlos, em Santa Fé de Bogotá.

Cornelio Hispano reserva um capitulo para cada uma das amantes do fundador da Columbia, que influiram, mais d'uma vez, em transcendentés resoluções do «caudilho maximo». Sem ser austera a figura do heroe, é, sem duvida, muito humana, tendo sentido e experimentado intensamente todas as paixões, sublimes ou insensatas, tendo, portanto, vivido intensamente a vida. Eis ahi o thema amavel do *Libro Secreto del Libertador*. No livro *d'Ouro de Bolivar*, Cornelio escolhe os episodios mais brilhantes da guerra da independencia hispano-americana, e nol-os apresenta no mesmo estylo attico e puro que sempre usa. Justifica assim o seu amor á tradição, e as suas preferencias de estheta pelas bellezas lendarias do passado. E per-

corre os jardins da Historia, por cujos vergeis floridos passeiam as amantes de Bolivar, em dias primaveris, ou em noites de luar, na attitude amavel e seductora, a repetirem, com os mesmos amavios e faceirices de todos os tempos, a eterna comedia do amôr.

## ○ delirio do Chimborazo

**A**INDA no Equador, o infatigavel Bolivar resolveu escalar o altissimo Chimborazo, colossal vulcão coroadado de neves eternas, cuja ascensão, ainda hoje, parece um impossivel. Dir-se-hia uma empreza insensata. Elle a realizou, pore, com inquebrantavel vontade, tornando-a, ademais, celebre, por uma pagina de alentado sôpro hugoano, na qual excellen as suas faculdades verbaes, a sua paixão pela grandiloquencia e mais uma vez reponta a estructura romantica da sua mentalidade. Vale a pena destacar num capitulo especial est'outra genial quixotada do libertador hispano-americano. Quixotada...

Creio que foi o notabilissimo mestre hespanhol Miguel de Unamuno, o primeiro a

estabelecer pontos de analogia entre Dom Quixote e Simão Bolívar. Nessa comparação não vae resquicio de motejo. Deve-se, ao invéz, enxergar nella a mais quente e pura das exaltações. Unamuno, com pendores de philosopho, quiz pôr em fóco, na gloria cyclica de Bolívar, alguma coisa característica da raça hespanhola. Dom Quixote de la Mancha, o cavalleiro da Triste Figura, encarna um symbolo nacional e mais do que um symbolo. Atravez apparencias de sarcasmo e ridiculo, descobre-se, no doido paladino de incorruptiveis ideaes, o brio de imaginação e a nobreza de temperamento duma illustre stirpe. Mas a figura tragi-comica do manchego, o cavalleiro encastellado dentro das suas illusões orgulhosas e generosas, projecta-se agora para alem das fronteiras e das edades e o Quixote se converte num symbolo universal, e cabem no parallelo com o heroe de Cervantes todos os visionarios magnanimos e infelizes.

Para Miguel de Unamuno, Bolívar foi um Quixote no sentido symbolico e elevado do nome, com a differença de que não combatia moinhos de vento, por isso que os seus inimigos formavam um valoroso e

aguerrido exercito e os seus ideaes eram tambem os dum continente inteiro em gehennas. Exhibia, de facto, traços de character, notações de temperamento, singularidades de genio, que imprimiam á sua figura um não sei que de quixotesco. O mesmo physico, magro e nervoso, não desvirtuava o paralelo. Assim, póde dizer-se que Bolivar está para a Historia, como o Quixote está para a ficção. Gestos, attitudes, palavras, no insigne venezuelano, assumiam o aspecto de lances e artificios theatraes, que coincidiam, aliás, com a belleza e a grandeza das situações. Aparecia, entre fulgores de apotheose, o visionario, o paladino, o apostolo, o messias, compenetrado duma superior missão, surgindo em face das multidões freneticas, tal como o deviam desejar naquelle excepcional instante historico, na febre dum natural desvairo. O vulto imponente surdia revestido dos caracteres fundamentaes da sua raça e de accôrdo com o gosto literario da sua epoca.

Do temperamento theatral de Bolivar podemos tirar a prova provada pela leitura dos seus documentos publicos, principalmente seus discursos e proclamações. En-

contramos, naquelle sonoro e empolado accento de Castella, o arrogante *panache* do romantismo, redivivo em o Novo-Mundo, a servir de expressão e desafogo a todo um grupo de nações ancioso de liberdade, pelo orgão do seu filho mais dilecto e representativo. Folheando as principaes fallas de Bolivar ao povo e ao exercito, deparam-se adjectivos, epithetos, phrases, apostrophes, prophcias, dum claro sentido divinatorio. Não raro, resvala para a hyperbole, aliás desculpavel em dias assim gloriosos. Na sua linguagem apologetica incide frequentemente em generalizações que só não surpreendem, porque são compatíveis com a amplitude genial da sua visão. Hoje, mais do que nunca, podemos comprehender porque usava tantas vezes a palavra America, abrangendo-a sempre no raio da sua acção. A America estava no seu peito, elle a identificava com o seu destino, mesmo antes de ter libertado republicas inteiras, quando era um simples visionario no prurido de tentativas frustres. Famoso é o episodio do Monte Sacro, em Roma, onde elle subiu em companhia do seu mestre, o peripatetico Simão Rodriguez, um doido generoso e malsinado. Simão Rodriguez,

pela voz dum laureado historiador, reproduz a attitude mystica de Bolivar no Sacrum Monte, e as phrases illuminadas que pronunciou, conscio da propria predestinação, assim concluindo: «A civilisação revelou aqui todas as suas faces, decompoz todos os seus elementos, mas não cuidou de resolver o magno problema da liberdade do homem, preocupação secundaria para Roma, mysteriosa incognita cuja decifração só ha de verificar-se em o Novo Mundo. Juro deante de vós, juro pelo Deus de meus paes, juro por elles, juro pela minha honra e pela patria, que não darei descanso a meus braços nem repouso a minh'alma, emquanto não tiver quebrado as cadeias que nos opprimem!»

Ninguém póde escapar a um fremito de emoção, ao ler essas palavras divinatorias do menino Bolivar em Roma, palavras que, contra a fragilidade de todos os propositos humanos logram, passados tempos, concretizar-se em realidade maravilhosa. Assim era sempre. Eloquencia irresistivel, levada a imaginação pelos mais frementes arroubos, conduzido o pensamento pelos mais ardidos ideaes. Poder-se-hiam respigar, atravez da sua estupenda vida, innumer

phrases do mesmo teor, vibrantes de eloquencia e belleza. Não nos sobra espaço, infelizmente, para recommençar a chronica dessa inspiração condoreira, flôr maravilhosa da alma hespanhola, sublimação divina do Quixote.

Em *Mi delirio sobre el Chimborazo*, depois de realizar a quasi impossivel ascensão á altaneira cumiada revestida de neves eternas, fixou Bolivar um fragmento capaz de photographar a desordenada pujança do seu cerebro, dialogando phantasticamente com o Infinito. É uma página que não deve faltar num elogio do heroe. Eil-a, traduzida de modo imperfeito:

«Envolvido no manto do arco-iris, desde onde o caudaloso Orenoco rende vassallagem ao deus das aguas, depois de visitar as encantadas fontes amazonicas, quiz galgar a atalaia do universo. Procurei as pegadas de La Condamine e de Humboldt. Trilhei-as, ousado. Nada me detinha. Attingi a região glacial: o ether suffocava-me a respiração. Jamais pés humanos haviam tocado a corôa diamantina pósta pela mão do Eterno sobre a fronte excelsa do dominador dos Andes. E disse a mim mesmo: este manto do iris, que me vem servindo de

estandarte (1), percorreu, em minhas mãos, regiões infernaes, atravessou rios e mares e subiu as escarpas dos Andes: a terra se alhanou aos pés da Columbia e o Tempo não logrou parar a marcha da Liberdade. Bellona se sentiu humilhada pelo esplendor do arco-iris e não serei eu capaz de subir pelos cabellos brancos do gigante da Terra? Sim, hei de poder! E arrebatado pela violencia dum espirito desconhecido em mim e que parecia divino, deixei atraz as pegadas de Humboldt e pollui os cristaes eternos que aureolam o Chimborazo.

»Chego impellido pelo génio que me animava, e desfalleço ao roçar com a cabeça a cupula do firmamento. Abriam-se a meus pés os humbraes do abysmo. Um delirio febril embarga-me a mente. Sinto-me incendiado por um fogo extranho e superior. Era o Deus da Columbia que me arrebatava. Subito, eis surge-me o Tempo, com o semblante dum velhinho vergado ao peso das edades, hirsuto, tropego, calvo, a face encarquilhada, uma foice nas mãos...

»—Sou o pae dos seculos; encerro os

---

(1) A bandeira bolivariana da Grã-Columbia, que ainda hoje conserva as côres do arco-iris nos pavilhões nacionaes do Equador, da Venezuela e da Columbia.

arcãos da fama e do segredo; minha mãe foi a Eternidade; os limites do meu imperio se assignalam pelo Infinito; não ha sepulchro para mim, porque sou mais forte que a morte; vejo o passado, contemplo o futuro e o presente escôa pelas minhas mãos. De que te envaideces, creança ou velho, homem ou heroe? Suppões que o Universo significa alguma cousa, e crês que te elevas porque te levantaste sobre um atomo da criação? Imaginas ter descoberto a verdade santa? Acreditas insanamente que teus actos adquirem preço aos meus olhos? Tudo isso é menos que um ponto em face do Infinito, meu irmão.

»Embargado por um santo terror, como, oh Tempo!—respondi—não ha de desvanecer-se o misero mortal que subiu tão alto? Supplantei todos os homens em fortuna, tendo-me collocado acima das cabeças de todos. Domino a terra, a meus pés; alcanço a Eternidade, com as mãos; sinto o refferver de infernaes paixões sob os meus passos; estou contemplando junto a mim astros rutilantes e soes infinitos; olho sem assombro o espaço que encerra a materia, e leio no teu rosto a Historia do passado e os pensamentos do destino.

»—Observa, redarguiu-me elle, medita, aprende, retém na memoria o que viste; pinta aos olhos dos teus semelhantes o quadro do universo physico e do universo moral; nem occultes os segredos que te foram revelados pelo Céu; diz a verdade aos homens...

»E o phantasma desapareceu. Absorto, hirto, permaneci exanime longo tempo, estendido sobre aquelle immenso diamante que me servia de leito. Por fim a tremenda voz da Columbia clama por mim. Resuscito, accórdo, abro com as propias mãos as palpebras pesadas, torno a ser homem, e escrevo o meu Delirio.»

Esta pagina poderia ser assignada por qualquer principe do romantismo. Cornelio Hispano lembra Chateaubriand. Olmedo, o cantor da epopeia, diz que, se Bolivar fosse poeta, teria excedido Pindaro e Ossian. E durante toda a vida, nas horas de triumpho como nos instantes amargos, elle se revela um perfeito romantico, divino Quixote da emancipação da America, redi-vivo á feição do pensamento europeu da sua epoca. Da adolescencia á senectude sobreleva a fagulha do genio, exteriorizando-se em immortaes expressões trans-

bordantes de belleza, assignalando, no quadro da Historia, entre scintillações apotheticas, uma figura dominadora. Lyrico, epico, romantico, hugoano, quixotesco, é sempre um mesmo génio, cujo vôo descreve um largo remigeo.

## ○ canto epico de Olmedo

**L**OGO depois vem o Perú neste desfile de homericas façanhas. Bolivar, fortalecida a Grã-Columbia, encarou o problema da libertação de Lima, onde os hespanhoes teimavam em resistir, com o apoio de illustres peruanos, por demais effeioados á metropole, infensos á quebra da tradição secular. Lima, formosa cidade, predilecta da Hespanha, *ciudad de los reyes tres veces coronada*, no emphatico dizer dos chronistas se formara, desde cedo, com attributos de primazia, nucleo preferido da colonização pelos castelhanos de melhor prosapia. Por isso foi lenta, ahi, a evolução do ideal da independencia e muitas vezes se pensou numa transição menos radical, o estabelecimento duma

monarchia hispana no opulento vice-reinado. Situado no Pacifico, ao meio-dia da America, o paiz dos Incas estava fadado a assistir, em seu territorio, á concentração de esforços communs dos libertadores do norte e do sul.

Parallelamente ao apparecimento de Bolivar, na Columbia, a Historia registrava o advento de San-Martin, no vice-reino do Prata, probo e heroico soldado, paladino dos mesmos ideaes. O theatro militar da acção dest'outro luctador, muito menos vasto e complexo, depois de derrotados facilmente os reinos do Prata, cingia-se na união com o chileno O'Higgins, para a empreza solidaria da emancipação do paiz araucano. San-Martin atravessara os Andes, vencera os hespanhoes em Chacabuco, ferra a decisiva batalha de Maipó, entrara triumphalmente em Santiago e, em despreendido gesto, entregara o poder e a organização da nova republica ao austero O'Higgins. Apoiado pelo almirante Cockrane, San-Martin venceu logo depois os realistas do Perú e occupou Lima em 8 de Julho de 1821, tomando as redeas do governo, com o titulo de «Protector».

Por esse tempo a communa de Guaya-

quil, parte integrante do Equador, tinha-se tornado independente e a sua junta provisoria vacillava em adherir ao Perú ou á Columbia. Tal circumstancia contribuiu para provocar ahi o encontro dos dois caudilhos admiraveis, Bolivar e San-Martin, cujo aperto de mão assignala, na Historia, um passo de largas projecções. É este, seja dito de passagem, mais um ponto em que se extremam depoimentos columbianos e platinos, resvalando ingratamente para o parallelo de dois vultos divergentes nas tendencias intellectuaes e no facies moral. Não nos tenta essa indiscreta analyse. Basta-nos a belleza do episodio que approximou os dois pro-homens em cordial entrevista e decidiu Bolivar a prestar ao Perú a coadjuvação do seu genio. Foi o dia mais feliz da minha vida, dizia o argentino de volta a Callau, esse em que tive a satisfação de abraçar o heroe do norte. Depois de graves revezes, San-Martin resolveu abandonar o Perú, emquanto o vice-rei hespanhol reassumia o poder em Cuzco, a cidade relicario do imperio Inca, escudado num exercito forte de 23 mil homens, das melhores tropas peninsulares.

Bolivar, de novo em Bogotá, decidiu

marchar em soccorro dos peruanos, cujo congresso constituinte appellava para a sua poderosa ajuda. Chegou a Callau em Setembro de 1823, investido logo do poder supremo, com amplissimas faculdades e prerogativas. Deante das tergiversações peruanas, acendrou o seu sentimento republicano e affirmou, em memoravel banquete a que assistia, entre outros proceres, o insigne O'Higgins, que «os filhos da America não deviam levantar nenhum throno em seus territorios, porque, assim como Napoleão tinha sido desterrado para mares remotos e Iturbide expulso do Mexico, qualquer usurpador dos direitos soberanos do povo havia de succumbir e nenhum permaneceria em o Novo Mundo.»

Em 1824, desalentado e doente, em meio dos azares da lucta, dizia-lhe alguém: «Que pensa V. fazer agora?» E o Quixote da Liberdade, numa suprema concentração de energias, dava esta laconica mas vibrante resposta: «Vencer!» E venceu. Venceu em Junin e Ayacucho (Aiacutcho), duas estu-pendas jornadas culminantes da epopeia. Ante funestos dissidios fraticidas, o congresso do Perú nomeou Bolivar dictador. Elle estabeleceu o quartel-general em

Pasco, num dos pontos dominadores da cordilheira dos Andes, na mais alta cidade do mundo. Em 6 de Agosto de 1824 dois formidaveis exercitos se avistaram nas planuras de Junin, outro dos apices do immenso drama, cujos lances capitaes foram, de facto, Boiacá, Carabobo, Bomboná, Pichincha, Junin e Ayacucho. A derrota do hespanhol Canterac foi das mais terri- veis que pódem flagellar um chefe de exer- citos. O effeito moral foi decisivo, ao cahir, assim esphacelado, um forte sustentaculo do inimigo. De Junin os libertadores passaram a Ayacucho, quando se feriu, em 9 de Dezembro do mesmo anno, a ultima das grandes batalhas da liberdade do conti- nente. O venezuelano Succre foi o vence- dor, o granadino Cordova foi o heroe dessa tremenda peleja, na qual capitulou o ultimo exercito hespanhol, pela assignatura de quinze generaes prisioneiros. Succre rece- beu immortal galardão, com o cognome de «marechal d'Ayacucho». Essa jornada re- presentou praticamente o fim da guerra da independencia da America, iniciada, se- gundo a bella synthese de Sherwell, nos Estados-Unidos, em Lexington, a 19 de Abril de 1775 e culminada em 1824 em Aya-

cucho. Nesse encadeiamento de feitos gloriosos não havemos de esquecer, nós brasileiros, embora num plano menos cruento, a nossa Pirajá, a 8 de Novembro de 1822.

Ainda perduravam os echos da tragedia e já no Equador, em Guayaquil, um delicado poeta empunhava a lyra para que, á gloria de Bolivar, não faltasse a exaltação epica dum novo Pindaro. Era José Joaquim de Olmedo o cantor bolivariano, para cujas altisonantes rimas queremos abrir aqui um parenthesis de commovido elogio. Vivia Olmedo inebriado da amorosa paisagem do seu rio equinoxial, o Guayas, na moldura duma natureza pujante e bravia, e se deixava seduzir tambem pelo olhar quente e penetrante das suas patricias morenas. Depois de Venus, lembrava-se dos poetas amaveis que entretinham e deleitavam a sua imaginação espicaçada pelo ambiente dionysiaco do equador. Conjugava ardente inspiração epica a um lyrismo terno e passional, de tal sorte que, entre as duas modalidades da poesia, adejava constantemente o seu espirito de estheta e patriota. As victorias de Junin e Ayacucho constituiram irresistivel incitamento para um enamorado assim da belleza e da gloria. O

drama da independencia sacudira, como vimos, as colonias hespanholas, cançadas de oppressão e aviltamento. Deante da resistencia endiabrada dos reinos se impuzera a estupenda revelação do heroismo hispano-americano, conduzido pelo soberano querer de Bolivar. Prestes a ser coroada pela Victoria a sangrenta tragedia, o vulto legendario subia ao mais nobre pedestal da Historia para immortalizar-se em bronzeos relevos. Olmedo, homem illustre, humanista, belletrista, republico, partilhava das vicissitudes, das esperanças, das maguas e dos jubilos da guerra, e privava, na sua terra natal, com alguns personagens que por alli passavam naquelles agitados dias. Assim, conheceu de perto o super-homem, cedeu ao magnetismo do seu genio. Em missões militares e diplomaticas, como participe da epopeia, foi-se identificando com os destinos do heroe. Transbordou a impetuosa seiva do lyrismo do tropico, como o caudal do rio Guayas nos calidos dias da estação pluviosa e começou Olmedo, na plethora da inspiração, a construir um vasto monumento classico, de linhas harmoniosas e dominadoras, chamado *La victoria de Junin, Canto a Bolivar* (1825).

Pela atmospherá resoavam ainda os accentos da lucta titanica. Sob a impressão das formidaveis refregas, Olmedo inventa uma fabula de rasgos homericos e começa a decantar o «raio de Junin»:

Y el rayo que en Junin rompe y ahuyenta  
La hispana muchedumbre  
Que más feroz que nunca amenazaba  
A sangre y fuego, eterna servidumbre:  
Y el canto de victoria  
Que en ecos mil discurre ensordeciendo  
El hondo valle y enriscada cumbre,  
Proclaman a Bolivar en la tierra  
Arbitro de la paz y de la guerra.

Pinta, depois, o scenario perturbador e desmedido da cordilheira dos Andes, theatro da guerra, e pergunta, em symbolica interrogação, se não repousará no peso da grande montanha o equilibrio da terra com as massas differentes dos dois hemispherios. Acompanhando o modelo de Pindaro, sua diuturna leitura, tendo evocado o raio da guerra e descripto o panorama dos feitos legendarios, começa a esculpir vigorosamente o vulto de Bolivar e o perfil se destaca exalçado por mão de mestre:

Piñada en tempestades le rodea  
Nube tremenda; el brillo de su espada  
Es el vivo reflejo de la gloria:  
Su voz un trueno: su mirada un rayo.  
¿Quién aquel que al trabarse la batalla,  
Ufano como nuncio de victoria,  
Un corcel impetuoso fatigando  
Discurre sin cesar por todas partes...?  
¿Quien, sino el hijo de Colombia y Marte?

A proximidade da batalha agita o acampamento. Os chefes dirigem aos soldados palavras frementes. São cohortes de bravos columbianos, peruanos e argentinos. A cada grupo o poeta consagra verbos de louvor. Mostra como os filhos de Lima, comparados, não raro, aos de Capua, apesar de galantes e epicuristas, sabem também ser spartanos no campo da lucta. Mas os combatentes, embora tivessem dormido na véspera em braços da delicia e da volupia, despertaram para o heroismo e a bravura e a todos, peruanos, granadinos, chilenos, venezuelanos, argentinos, equatorianos, reunidos em torno do mesmo estandarte, tocou igual quinhão de gloria. Os maiores guerreiros merecem o paralelo de vultos lendarios da antiguidade. O canto se transforma numa orchestra de incomparavel

força e sonoridade. O quadro de Junin se amplia e agiganta e o poeta o colloca ao nivel dos outros degraus immortaes do templo da gloria bolivariana. E de envolta com os clamores da trompa heroica, resoam os cristaes de delicadas rimas, a partitura symphonica a evoluir em harmonia calculada dos accents vibrantes para as notas suaves. Os vencedores celebram, finalmente, a victoria contra o castelhano rude e collocam num throno luminoso a Liberdade. Quando a Victoria, com os seus clarins jocundos, annuncia o termo apotheotico da jornada, o poeta faz surgir no horizonte, em *mise-en-scène* de allegoria, a sombra imperial de Huaina-Capac, o ultimo rei inca, cujo reinado pode cumprir-se livre das vicissitudes da conquista.

Olmedo entrelaça, dest'arte, numa formosa synthese historica, os dois maiores dramas do continente colonizado por Castella: a destruição dos imperios pre-columbianos, e a epopeia da independencia. O Inca resurge para affirmar que a espada de Bolivar é o gladio vingador da raça americana malsinada. Os deuses, as tradições, as liberdades, o poderio do Inca, usurpados pelos conquistadores, pediam o famoso

desforço. Em Junin estava perpetrada a vindicta e consumado o castigo. O velho imperador rejubila, invoca os seus desgraçados filhos, os reis Huascar e Atahualpa, e, fallando tambem em nome de Montezuma e Guatimozim, irmãos de sangue do longinquo e poderoso paiz azteca, fulmina com a colera de Deus, Filho do Sol, o maldito dominio da Hespanha, e celebra a liberdade, e incita á lucta, e garante a certeza da victoria, predizendo famosos destinos para os seus descendentes. Avulta Bolivar com os epithetos de predilecto, filho, amigo e vingador do Inca. As trompas da Fama correm aos grandes rios e os grandes rios annunciam aos oceanos e ao mundo a transfiguração do scenario politico americano:

Y las bullentes linfas de Apurímac  
A las fugaces linfas de Ucayale  
Se unen, y unidas llevan presurosas  
En sonante murmullo y alba espuma,  
Con palmas en las manos y coronas  
Esta nueva feliz al Amazonas.  
Y el espléndido rey al punto ordena  
A sus delfines, ninfas y sirenas  
Que en clamorosos, placidos cantares  
Tan gran victoria anuncien a los mares.

Finalmente o Inca reclama para o seu Deus, acima de Bolívar, a victoria sobre-humana. Ao Sol competem os louros, Sol, deus do imperio extinto, Sol, pae do Imperador, e os pendões das hostes triumphadoras, seculos passados, conservam ainda o emblema da imagem solar aureolada pelas côres do arco-iris. Sem desprezar a belleza da lenda e o quadro titanico da lucta assim realçados por um famoso poeta, queremos citar-o ainda, noutro excerpto, em que mostra comprehender, ademais, as miras pan-americanas de Bolívar:

Será perpetua, ¡oh pueblos!, esta gloria  
 Y vuestra libertad incontrastable  
 Contra el poder y liga detestable  
 De todos los tiranos conjurados,  
 Si en lazo federal de polo a polo,  
 En la guerra y en la paz vivís unidos.  
 Vuestra fuerza es la unión. Unión, ¡oh  
 [pueblos!

Para ser libres y jamás vencidos.  
 Esta unión, este lazo poderoso  
 La gran cadena de los Andes sea,  
 Que en fortísimo enlace se dilatan  
 Del uno al otro mar...

Depois das decisivas victorias immortalizadas pelo canto epico de Olmedo, feriram-

se ainda algumas acções secundarias no Alto-Perú. Conquistado o Potosi, por intermedio do grande Succre, Bolivar presidiu á fundação do novo Estado, que adoptou o seu nome: a Bolivia, originariamente filiada ao vice-reino do Prata, erigida em republica independente. Em outros capitulos veremos como se caracterizou por acontecimentos transcendentés a passagem de Bolivar pelo Alto-Perú. Desenvolvendo o thema das suas relações com o Imperio, estudaremos nas melhores fontes a famosa entrevista do Potosi, quando os buonai-rensens foram sondar a possibilidade duma alliança formidavel contra Pedro I.



## No Potosi

**D**EPOIS das jornadas victoriosas de Junin e Ayacucho, Bolivar se dedicou á organização da Republica peruana, preoccupando-se, porem, mais do que nunca, ainda e sempre, com o seu amado projecto de união pan-americana. Redigiu uma famosa circular aos governos do continente, cuja leitura é imprescindivel, para a comprehensão ampla dos objectivos do congresso do Panamá. «Já é tempo (preconizava elle), já é tempo de que os interesses e relações das republicas americanas encontrem uma base fundamental para eternizar, se possivel, a duração destes governos. Crear um novo systema atravez a consolidação do poder dum grande organismo politico, será funcção da autoridade

sublime que se incumba de dirigir a politica de nossos governos, cuja influencia imponha a unidade dos nossos principios e cujo prestigio baste para amainar as nossas tormentas. Uma autoridade assim respeitavel só póde existir numa assembleia de plenipotenciarios, escolhidos por todas as nossas republicas e reunidos sob os auspicios da victoria obtida por nossas armas contra o poder hespanhol. Quando os nossos plenipotenciarios effectuarem a troca de poderes, ha de fixar-se, na historia diplomatica da America, uma data immorttal. Depois de cem seculos a posteridade irá descobrir ahi a origem do nosso direito publico e recordar os pactos que consolidaram o destino commum, registrando, desvanecida, os protocollos do isthmo. Nelles surprehenderá o plano das primeiras allianças conductoras das nossas relações com o universo. Que parecerá então o isthmo de Corintho comparado ao de Panamá?»

Do mesmo passo Bolivar proclamava, pela centesima vez, em documento publico, o seu desprendimento democratico e a repugnancia que lhe inspirava a dictadura. O congresso peruano pediu-lhe para conti-

nuar com as redeas do poder. Elle accedeu, a contragosto, repetindo a clara affirmação dos seus principios de ordem republicana.

Depois que Sucre derrotou os ultimos restos do exercito realista em Tumusla (1° de Abril de 1825), Bolivar visitou as cidades de Cuzco, La Paz e Arequipa, expedindo, nesta ultima, o decreto de criação da republica do Alto-Perú, que viria a formar logo o toponymico do sobrenome do heroe. De La Paz foi a Potosi, onde permaneceu varias semanas, passando a Chuquisaca (Tchuquissaca) e voltando a Lima a 1° de Janeiro de 1826. Foi quando se pensou seriamente em coroa-lo Imperador dos Andes, desregrada phantasia a que voltaremos. Bolivar desdenhou a ideia corruptora e regressou á Columbia. A passagem em Potosi ficaria gravada na Historia por memoravel episodio, no qual, de novo, repontam nexos com o Brasil, que importa recapitular meudamente.

A transcendencia do thema parece sobrelevada pela magia do nome: Potosi. Representa na America a paraphrase de Ophir e de Golconda, suggerindo á imaginação electrizada outro maravilhoso thezouro de

pedrarias e metaes preciosos, desta vez em pleno continente novo, replica das riquezas inexauriveis do oriente. A argentea serrania dá ao viajante que lhe aborda os flancos a illusão duma montanha recamada de prata, illusão que muitas vezes mentiu aos conquistadores hespanhoes, quando se approximavam das neves eternas, noutras latitudes dos Andes, aqui, alli, acolá, induzindo-os á fabula doentia do eldorado, que ninguem encontrou jamais. O Potosi, porem, não engana os forasteiros, e o branco metal que parece scintillar nas suas encostas, se é ficticio, corresponde, em compensação, entretanto, a real, authentica, mirabolante riqueza das entranhas da terra. Colossal patrimonio, em verdade, offusca os outros do tempo antigo, de Golconda e de Ophir. Aos pés da montanha de prata, a pouco mais de quatro mil metros de altitude, repousa a pequena villa do mesmo nome, pobre, triste, morta, como quasi todas as cidades da grande cordilheira, transidas de frio, muito recolhidas nas suas tradições, mixto e paradoxo de civilização hispano-arabe e paleo-americana.

Se o Potosi se ufana dos seus filões de argento, outr'ora os mais ricos do mundo,

orgulha-se tambem, e por certo mais, duma emocionante lembrança historica. Ella perdura viva e symbolica na imaginação dos habitantes, lembrança de ha um seculo, que, com o curso dos annos, em vez de perder relevo e actualidade, ganha, pelo contrario, mais brilho, e dilata o raio dos seus reflexos pelos destinos da America. Essa recordação tão commovente para os que a evocam, é a da visita do celebre luctador, no termo das suas jornadas bellicas, ao concluir a sua immensa obra. Visita apothetica, reveste caracteres immortaes e encerra infinita philosophia. A excursão ao Potosi, sobre a qual os escriptores hispano-americanos tanto têm discorrido, merece estudada detidamente no Brasil, por isso que, naquelle momento culminante da sua gloriosa vida, Bolivar, mais do que nunca, projectou a mirada d'aguia pelo continente inteiro e meditou alguns instantes na sorte do Imperio. Bolivar attingia o zenith da grandeza, para usar duma expressão preferida de O'Leary. Elle, libertador maior que todos os outros libertadores das tres Americas, acabava de esmagar, em quinze annos de fragorosas batalhas, do Orenoco á Argentina, mil exercitos caste-

lhanos, compostos de bravos soldados e insignes generaes acostumados, na península iberica, a levar de vencida as mesmas aguias imperiaes de Napoleão. Daquelle esforço jamais egualado nasciam, para a vida democratica do Novo Mundo, cinco republicas. A Bolivia, segregando-se do Perú e deixando de unir-se ás provincias do Prata, constituia um Estado á parte, e o campeador, contente da sua obra, percorria os derradeiros recantos da ultima patria forjada aos effluvios do seu genio. Quiz conhecer o monte famoso, deante de cuja imponencia os viajantes se extasiam.

O general Miller, prefeito provincial, preparou a villa para a recepção que deveria constituir, nos seus modestos annos, immorredouro padrão de gloria. No instante da triumphal entrada, contam os chronistas, estouraram simultaneamente vinte e uma formidaveis bombas, que produziram o effeito de seis morteiros cada uma; e o echo daquelle violento estrondo, reboando de quebrada em quebrada, deixou attonitos os mesmos habitantes, que suppunham escutar os trovões duma incrível tempestade, estalando subita e imprevistamente, no alto das cumiadas. Não importa

rememorar o programma de festas exceptionaes que então se realizaram, no pequeno burgo andino, em homenagem ao libertador. O que importa sobre tudo o mais e sobreleva no triumphal passeio, o que celebriza a excursão de Bolivar ao Potosi, é a subida que elle realizou ao pin-carro do monte, como bom andinista que sempre foi, e acostumado estava a galgar ainda maiores altitudes, como quando escalou o cone altissimo do Chimborazo e, do alto do colosso, escreveu portentosa pagina de sublimes hyperboles.

Acompanhavam-no figuras eminentes da guerra. Buenos-Ayres acabara de nomear ministros plenipotenciarios, para saudarem o grande libertador, e esses ministros, pro-homens tambem da independencia, chegaram justamente naquelles dias a Potosi e se entrevistaram com Bolivar. Eram Velez e Alvear, dois nomes muito conhecidos dos nossos historiadores. Na missão que os levava ao Alto-Perú, comprehendiam-se graves instrucções allusivas ao Brasil. Os historiographos bolivarianos recapitulam sem refólhos, sem sombra de duvida, essa missão. E o que nos interessa nestes apontamentos é justamente fazer o

reconto fidedigno das entrevistas celebradas entre o libertador e Velez e Alvear. Os commentarios muitas vezes tergiversam e se contradizem. Não será aqui o momento propicio da analyse. Buscamos, ao envez, accumular depoimentos, para estudo mais sereno. Desde logo, importa pôr em foco, mais uma vez, o contraste entre plumitivos argentinos e columbianos, que se extremam em opiniões não raro contradictorias, girando em torno do culto aos dois maximos heroes, Bolivar, o Libertador, e San-Martim, o Protector. A respeito da entrevista de Potosi, deparam-se duvidas e lacunas que desorientam e confundem. Vamos tentar o seu estudo, e, para começar, pedimos a conspicuos historiadores a relação prolixa e exacta dos acontecimentos, que tanto e tanto nos empolgam, porque por elles, quiçá, decifraremos o enigma de Bolivar com o Brasil, Bolivar instado para combater o Imperio, resistindo á tentação da nova empreza, apoiando, assim, tacitamente o nosso destino historico. Publicistas brasileiros de alta envergadura têm, por certo, abordado o assumpto, mas não será demasia tentar reunir aqui elementos novos, detalhes expressivos, que permittam

um juizo imparcial e sereno, e facilitem, numa esphera mais ampla, a interpretação do papel historico do Imperio na America. O General O'Leary, o irlandez alistado nas hostes bolivarianas, por longos annos ajudante de campo do libertador, escreveu, quiçá, como temos repetido, o mais austero e minucioso relato da gígantesca epopeia. A sua copiosa e honesta obra é fonte inesgotavel de consulta para quem quer que deseje orientar-se acerca da vida de Bolivar. Ainda neste ponto, a consulta a O'Leary é primordial e fundamental, por elle temos que começar, procurando a mais completa, fiel e directa narrativa da excursão ao Potosi, rememorada por notavel testemunha presencial.

Foi a 5 de Outubro de 1826 que Bolivar chegou á cidadezinha das minas de prata, e poucos dias depois, descreve O'Leary, cujas palavras vamos rastrear mais ou menos de perto, poucos dias depois, em companhia de Succe, marechal de Ayacucho, de Miller, general peruano e prefeito do departamento, dos plenipotenciarios do Rio da Prata, bem como do seu Estado Maior, visitou o aspero monte. A subida, muito íngreme, quasi perpendicular, póde ser

feita em mula até dois terços da altura, e d'ahi em diante é forçoso seguir a pé, com a maior tenacidade, pela natureza abrupta e hostil do terreno, e pela difficuldade de respiração, em semelhante altitude. Attingida a cumiada, desdobra-se a vista d'um paramo gelado, agreste e solitario (1). Não se descobre uma unica planta capaz de amenizar um pouco a sublime monotonia daquella paragem deserta. Só mesmo a communicativa alegria dos notaveis excursionistas lograva tornar supportavel, pela evocação de gratas lembranças do passado, o triste desamparo daquelle ermo desherdado de todos os mimos da natureza. Sobre o pincaro famoso, o Libertador desfraldou as bandeiras da Columbia, do Perú e do Rio da Prata.

Olhando na direcção do Norte, (escreve O'Leary) recapitulou em mente o destino glorioso que vinha cumprindo, os soffrimentos padecidos e a immensa obra concluida; quinze annos de provações, alternativas, derrotas, victorias, as vicissitudes

---

(1) Paramo, palavra de origem hespanhola, é um campo solitario e raso. Tem, nos Andes, um significado bem caracteristico, de altos plateaux deshabitados, chuvosos, frios, estereis, perpetuamente varridos pela ventania.

dos desenganos e a satisfação das esperanças realizadas. Quinze annos de luctas incessantes, durante os quaes as decepções ou os sorrisos da fortuna não alteraram nem soffreamos o ardor e a perseverança d'aquelle genio, cuja actividade sem rival vencera obstaculos tremendos e attingia afinal o pinaculo da gloria, cingida a fronte pela corôa da immortalidade.» São d'um poeta apologetico essas palavras, escriptas, entretanto, pelo mais sisudo e exhaustivo dos escriptores, que, chegando a um ponto culminante da narrativa, busca a linguagem adequada ao quadro estupendo a que imprime amorosamente os ultimos retoques. «Quando Bolivar começou a sua carreira publica (prosegue o historiador) o continente estava dividido em numerosas provincias, submettidas á escravidão colonial. Foram timidos os primeiros arrancos para sacudir o jugo, só conseguindo augmentar e multiplicar calamidades publicas e privadas. Mas Bolivar desembainhou a espada e, breve, adquiria a ascendencia que não se podia negar ao verdadeiro merito. Sob os seus auspicios, uma consideravel porção de povos recobrou a dignidade perdida. Era-lhe, portanto, licito, ao pousar os pés

sobre o niveo cimo de Potosi, sublimar-se na contemplação ideal da America livre, gloriosa, tranquilla, humilhados os oppressores, fundado o progresso, abroquelado nas hosannas d'uma nova humanidade democratica.

«Esse deve ter sido o dia mais ditoso da vida de Bolivar, o dia celebre em que escalou a famosa cumiada dos Andes gigantes-cos, com cuja grandeza competia agora quem tambem vinha de attingir o zenith da gloria. Contemplae-o, pois: ahi está o heroe, arbitro da paz, deus da guerra, sob a égide da victoria, norteando o destino de nações inteiras, recebendo a homilia dos Estados que o cercam, alvo das esperanças de alguns, terror d'outros, admiração de todos. A ambição já não lhe acenava com a perspectiva d'outros louros. Mas os emis-sarios do Rio da Prata, solertes, ao escu-tarem suas graves reflexões a respeito dos acontecimentos idos, evocaram ainda a glo-ria immensa que estaria reservada ao seu nome, se apagasse do oeste da America o Imperio do Brasil. Embora, deante dessa proposta, crepitassem no seu animo os im-petos latentes de velho cruzado da liber-dade, sómente poude, afinal, abafal-os com

um suspiro, ao attentar nos dois obstaculos que se lhe antepunham: da prudencia e da sã politica.»

Novo parentese nesta alentada e imaginosa pagina, para insistir no que antes ponderamos. É forçoso não esquecer, esta é a narrativa dum general columbiano, que se divorcia, não raro, do ponto de vista de Mitre. É um incorruptivel apologista de Bolivar, e, por isso, sem se afastar sensivelmente da verdade historica, póde incorrer em demasias, que queremos imparcialmente devassar. Agora, porem, reproduzimos com toda a fidelidade o seu relato, documento da maior relevancia, que não sabemos se já terá sido traduzido antes no Brasil. O seu valor não diminue, merece ser sempre relido e meditado. O'Leary fala da prudencia e da sã politica, razões de Estado que sem duvida estiveram presentes na intelligencia de Bolivar, e, relativamente ao Brasil, têm um significado muito real, porque elle respeitava a nossa finalidade historica e as nossas credenciaes americanas, de Estado soberano embora monarchico, mas parte integrante da comunidade continental, por cuja harmonia e união sempre quebrou lanças. Dahi, sem

duvida, a suspicacia e a discreção com que recebeu a insinuante proposta, de destruir o unico throno da America.

«Todavia (continua O'Leary), como se as inclinações romanticas do soldado pugnassem por sobrepôr-se á cordura do politico, assaltou-lhe a memoria um pensamento generoso, capaz de arrastal-o ainda ás jūstas da fama militar. Lembrou-se de que o illustre Bompland, amavel amigo da sua mocidade em Pariz, e scientista de renome, carpia a prisão nas masmorras do Paraguay, e, por um instante, concebeu a esperança de ir livral-o, e, ao mesmo tempo, pensou na restituição daquella provincia á confederação do Prata, para, uma vez lá, ameaçar directamente o Imperio. Concebeu outro projecto mais arrojado ainda, bem proprio do seu temperamento: atacar as possessões orientaes dos hespanhoes e fundar, no Oceano Indico, com as ilhas Filippinas, uma nova Republica... «Serenados os pensamentos do guerreiro, permanecia insatisfeito o politico. Aspirava, com todo o ardor de sua alma de fogo, enlaçar mais estreitamente, numa vasta confederação, as republicas que tinha emancipado, e fazer com que resurgissem as filhas dos seus

triumphos, segundo authenticas palavras, não como nações, mas como irmãs, unidas indissolavelmente pelos mesmos laços que as prendiam desde antes, apenas com a differença de que antes estavam submettidas a um mesmo tyranno, e deviam agora desfructar d'uma mesma liberdade, *embora sob leis e governos diversos, se assim preferissem; cada povo de posse da propria soberania e livre de accôrdo com a propria consciencia*». Para a prosperidade da America, no seu sentir, era imprescindivel a realização desse projecto, e os que o ouvimos discorrer, naquella hora, sobre os beneficios da confederação, difficilmente discordariamos de seu plano, tal a solidez dos argumentos e a brilhante eloquencia com que os emittia.»

Qual a lição, entretanto, que os argentinos recolhiam? Completada a independencia do Alto-Perú, chrisrnado com o nome glorioso, acabava de installarse, nas provincias do Prata, o Congreso Constituinte. O presidente Rivadavia era infenso a Bolivar, mas a maioria daquella assembleia admirava-o e applaudia-o. Por isso, deliberou enviar uma missão diplomatica que testemunhasse ao libertador o seu entusiasmo

e a alegria com que o viam approximar-se do territorio platino, e, alem disso, aproveitasse o ensêjo para ajustar quaesquer discordancias sobre os limites das novas republicas. Os argentinos levavam a missão, claramente demonstrada por O'Leary, de excitar os brios guerreiros de Bolivar, com a invocação dos dois pseudo-crimes do Imperio, que estudaremos a seguir—a Cisplatina e Chiquitos—para lançal-o na duvidosa aventura duma nova epopeia de vastas proporções. Bolivar fingiu ouvir o canto da sereia, mas escapou habilmente á machiavelica tentação, obedecendo, de facto, á prudencia, á razão e á sã politica. Honra lhe seja feita, portanto. E repassando, em capitulos seguintes, esses acontecimentos, veremos porque, no dia mais fausto da sua vida, no alto do Potosi, repelliu a ideia d'uma guerra contra o Imperio, guerra que, sobretudo, transtornava o seu projecto de liga das nações americanas, crystallizado, depois, na convocação do Congresso de Panamá.

## ○ falso rebate de Chiquitos

**A**LVEAR e Velez, os plenipotenciarios portenhos, argumentando com o caso da Cisplatina, que sobretudo os interessava, procuraram porfiosamente, por outro lado, excitar os brios patrioticos de Bolivar com o incidente de Moxos e Chiquitos, occorrido, mezes antes, na mesma Bolivia, exhibindo-o como insoffri-vel insulto ás armas vencedoras de Ayacucho e razão mais que poderosa para a America republicana mobilizar-se em peso contra o Imperio. Foi um trabalho de tenebrosa persuasão, desenvolvido com astucia e pertinacia, para, em verdade, no fundo, oppor o bloco hispano ao colosso luso da America do Sul, em proveito da unidade platina, pela resurreição do vice-reino transformado em forte republica.

Durante dias e mezes os perseverantes diplomatas voltaram á carga, com um pretexto de apparencia solida, mas em realidade fragil. Bolivar não os escutou, mercê de claros motivos faceis de descobrir. Antes de proseguirmos, porem, na evocação exhaustiva das *démarches* desta diabolica embaixada, queremos recordar, em breves traços, o argumento manejado pelos buenaireses em apoio de vesgos designios. Tornaremos ao estudo da frustrada missão Alvear, documentando-a e analysando-a. Por agora, seja-nos licito indagar que incidente foi este, capaz de escudar semelhante iniciativa anti-brasileira.

Chiquitos (ou Tchiquitos, á hespanhola), eis o theatro do famigerado episodio. Preferimos denominal-o rebate falso, tão despercebido passa elle em nossa Historia, que, para conhecel-o, precisamos recorrer ás fontes hispano-americanas. Lembra-nos, a proposito, o aphorismo inglez de pittoresca intenção: *much ado about nothing*. Uma tempestade num copo d'agua... O movel real era a Cisplatina, o interesse egoista era o de Buenos-Ayres. Provincia boliviana confinando com o Brasil, até Chiquitos tinha chegado a commoção da

epopeia da independencia, que sacudia a America Hispana, tendo por polos ao norte o genial Bolivar e ao sul o austero San-Martin. Perduravam ainda os echos de Ayacucho e, a dois passos dos grandes capitães hispano-americanos, um ousado commandante brasileiro praticara a temeridade duma offensa, que merecia encarada, na opinião alheia, como um desafio.

E o desafio, junto á usurpação da Cisplatina, merecia provocar as iras de Bolivar, tal o raciocinio de Alvear. O pretexto era digno do heroe: a conveniencia de extirpar do continente o unico throno discrepante entre tão copiosas republicas, e só essa ideia seria capaz de commover aquelle fanatico da democracia e da liberdade. Passeiando, no alto do Potosi, pelo paramo frio e deserto, o venezuelano e os argentinos se entretinham e enthusiasmavam, levando a imaginação por campos fascinadores. Bolivar, porem, reprimia os primeiros éstos soffregos e apparentava uma perfeita calma, desta vez calculada e intencional, querendo fugir a enganosas tentações, no proprio insuspeito phrasear de O'Leary. Alvear e Velez offereciam a dictadura em Buenos-Ayres, se quizesse chefiar a nova

colossal empreza bellica e democratica contra o Imperio. Nem assim o heroe sahia da quietude e da serenidade em que mergulhara. Era evidente que semelhante projecto, para elle, esbarrava contra reluctancias invenciveis, alem dos obstaculos que naturalmente se lhe antolhavam ao espirito sagaz e previdente. A prudencia e a sã politica, de facto, tinham que pesar muito e muito na balança. Bolivar, depois de consumir obra tão vasta e grandiosa, não iria tomar sobre os hombros uma empreitada passivel de critica, por diversos aspectos. Mostrava-se, por isso, retrahido e discreto. Nem se deixou illaquear, como veremos, pelos cantos da sereia.

Mas, dos argumentos dos dois diplomatas, o de Chiquitos sobreleva entre os mais. Querendo procurar um caso concreto, uma razão mais immediata e positiva, para que os exercitos bolivarianos se empenhassem na lucta, os ministros de Buenos-Ayres lembraram a recente offensa, aliás pseudo-offensa, feita no Alto-Perú, pelas autoridades brasileiras, aos exercitos da independencia. A incursão de Chiquitos e Moxos assumia, aos olhos desvairados daquelles homens, as proporções duma affronta e

ameaça expansionista do imperio portuguez da America. Assim como Buenos-Ayres se sentia irritada com o nosso proceder em Montevidéu, a Bolivia, e com ella todas as republicas libertadas por Bolivar, deviam tambem sentir a injuria e ameaça que, no seu dizer, haviamos perpetrado em Moxos. Pedimos, ainda neste lance, o subsidio precioso do general que nos transmite uma narrativa daquelles distantes successos, na qual, se ha alguma erronia, apparece tambem, em paginas finaes, o reconhecimento do decoro e correcção do nosso proceder. A citação exhaustiva se impõe para maior relevo da nossa defeza, como se vae ver. O'Leary refere o episodio com detalhes que só servem para arrancar a mascara dos actores desta comedia quasi degenerada em tragedia. Passemos aos factos essenciaes.

Quando o coronel boliviano Sebastian Ramos commandava, em Chiquitos, perto da fronteira de Matto-Grosso, um troço do exercito libertador, teve, inesperadamente, as communicações cortadas com o seu quartel-general. Nessa emergencia—e tomamos authenticas palavras do militar irlandez—, nessa emergencia Sebastião Ramos pediu a protecção das autoridades

imperiaes de Matto-Grosso, e com ellas ajustou um accôrdo, em 28 de Março de 1825, em virtude do qual, submettendo-se ao dominio de Pedro I, annexava ao Brasil o territorio sob a sua jurisdicção. Araujo e Silva, commandante das forças matto-grossenses, atravessou a fronteira, para tornar effectiva a annexação. Segundo O'Leary, não se limitou a tomar o territorio offerecido; foi alem, invadindo o departamento de Santa Cruz de La Sierra, e intimando o respectivo governador, José Videla, a retirar-se. Nas suas ameaças, segundo o mesmo depoimento, Araujo e Silva não respeitava o nome do marechal de Ayacucho, envolvendo em menospreço e doesto o glorioso Succe. Por equanime que seja o historiador, pôde ter incorrido em exagêro, por isso mesmo que era tambem protagonista da grande scena, exagêro ou deslize facil de desculparse em tão insignie e meritoria figura. Fanatico servidor de Bolivar e testemunha presencial da entrevista do Potosi, relata-a com certa vehemencia, e allude com acrimonia, nesse momento, ao proceder do Brasil, para, paginas adeante, tributar-nos justiça.

Entretanto, os brasileiros que, sem du-

vida, procederam mal nessa emergencia, aliás sem responsabilidade do governo do Rio de Janeiro, poderiam invocar uma attenuante, que deve ser admittida pela Historia—a attenuante de terem sido chamados, que lhes tira o character de aggressores: argumento exposto pelo mesmo Bolivar, segundo o proprio O'Leary. Escreve este ultimo: «Tão extraordinario e injustificavel proceder por parte dos agentes dum governo cujas instituições, por sua propria natureza, infundiam suspeitas aos Estados visinhos, com os quaes, entretanto, estava em perfeita paz, tinha forçosamente que suscitar zelos e diffundir alarmas entre os paladinos da republica. Estrugiu, no seio do exercito columbiano, um grito indignado contra os barbaros aggressores, que chegavam ao extremo de usarem uma linguagem descomedida e perpetraram os maiores desmandos num territorio coberto pelos estandartes de Ayacucho, cujos habitantes tinham de bôa fé confiado o seu destino aos vencedores.»

Estas phrases denotam a excessiva transcendencia attribuida ao episodio de Chiquitos e Moxos. Compulsando os nossos historiadores é facil constatar que seme-

lhante successo, aliás deploravel, passa quasi por completo desapercibido em nossos annaes. Nem parece exacto que as nossas tropas hajam commettido tropelias em territorio boliviano. A sua culpa, aliás punida pelo Imperio, foi apenas a de terem acceito, sem titulos legitimos, a incorporação dum territorio alheio. O facto, longe de constituir para nós macula ou desdouro, representa, ao envez, um padrão de gloria, pela lealdade e honradez com que desautorizamos o gesto desazado de Araujo e Silva e, espontanea e decorosamente, restituimos o territorio annexado. Mais adeante, é o mesmo O'Leary quem, recobrando a habitual serenidade, tributa ao Brasil indefectivel justiça. Em verdade, o que O'Leary escreve em tom irritado, é contra o procedimento pessoal e singular de Araujo e Silva. Pelo direito e pela moral tambem nós profligamos o acto irreflectido e temerario daquelle militar. Não estamos, pois, longe de abundar nas mesmissimas razões de O'Leary, que, aliás, paginas adeante, resalva a correcção do Imperio, mostrando que Pedro I, em vez de solidarizar com a leviandade do commandante de Matto-Grosso, chamou-o á ordem e retirou-o do

posto que occupava. Andou mal Araujo e Silva e mal procederam tambem os bolivianos que, em má hora, foram solicitar-lhe apoio.

Araujo e Silva, tomando muito a serio aquella doida empreitada, dirigiu, em 26 de Abril de 1825, uma nota ao marechal Antonio José de Sucre, o vencedor de Ayacucho, o famoso capitão da epopeia, intelligencia de escol e character impolluto, cujo elogio já temos repetido. O grande Sucre respondeu em termos asperos, impregnados de exaltação patriótica, peculiar, aliás, a todos os documentos daquelle tempo em que os hispano-americanos renovavam, cheios de heroismo e bravura, o tradicional *panache*. A resposta a Araujo e Silva, cujo texto integro é copiado por O'Leary, merece conhecida e glosada. Foi datada de 11 de Março na cidade de Chuquisaca (ou Tchuquissaca, hoje Sucre) e interpretava os acontecimentos do modo que se vae ver. O commandante Ramos carecia de faculdades para negociar com A. e Silva e evidentemente não possuia credenciaes para tratar com um governo estrangeiro. A entrega das provincias de Moxos e Chiquitos constituia, pois, uma

traição e uma perfidia e a sua occupação significava injusta aggração. Pertenciam ao territorio da Boliviã e, collocadas, como estavam, sob a protecção das armas libertadoras, só podiam receber as autoridades enviadas pelo governo legitimo. Não podia crer que o governo do Brasil tivesse autorizado a invasão; a conducta de A. e Silva, apossando-se *manu militare*, como usurpador, duma parte do paiz, sem precedencia duma notificação de guerra ou qualquer explicação previa, constituia a mais escandalosa violação do direito das gentes e da lei das Nações e um ultraje que merecia ser repellido com energia. O governo boliviano almejava a paz e cultivava a mais estreita amizade com os governos americanos, mas, não temia a guerra, e acabava naquelles dias de humilhar 18 mil soldados dos seus arrogantes inimigos, e os seus exercitos continuavam dispostos a impor o respeito e a castigarem quaesquer iniquidades. Taes eram as palavras textuaes de Succe, assim rematadas: «Comuniquei nesta data ao commandante-em-chefe de Santa Cruz de La Sierra que, se vossa senhoria não desoccupar já a provincia de Chiquitos, deve elle marchar contra as suas forças, varrer as

nossas fronteiras e penetrar, alem disso, no territorio que se nos declara inimigo, levando-lhe a desolação, a morte e o espanto, afim de vingar a nossa patria e corresponder á nota insolente e á guerra atroz com que nos querem ameaçar. Reservome o direito de apresentar ao governo supremo do Brasil uma reclamação sobre estes acontecimentos.»

Ao exprimir-se assim Succre obedecia a um impulso de insopitavel indignação, que ninguem lhe poderia desconhecer. A vivacidade das suas expressões é ainda reflexo do desvaio romantico da epopeia. Ao lado de palavras vehementes diz que a Bolivia almeja a paz e cultiva estreitas relações com os governos americanos, resalvando não acreditar tivesse Araujo e Silva instrucções do governo brasileiro autorizando a invasão. Nem tardou o Brasil em mostrar á Bolivia que nutria os mesmissimos desejos de paz e amizade. Depois de expedir a violenta nota, o marechal de Ayacucho enviou um pequeno corpo de veteranos, sob o commando dum coronel Lopez, para auxiliar a provincia invadida pelas tropas brasileiras, e deu instrucções ao governador Vidella para enviar agentes secretos ao

territorio imperial— «com o fim de revolucionario, preconizando a liberdade e os principios republicanos e democraticos, pregando mesmo a licença, a confusão, a desordem, para que se arrependessem da injusta e perfida aggressão.»

Tomadas essas resoluções, Succe communicou tudo detalhadamente a Bolivar. Este—servindo-nos doutra textual expressão do general O'Leary—sendo mais politico que o seu logar-tenente, encarou o assumpto como homem de Estado, e, por intermedio do seu secretario geral Sant'Anna, respondeu serenamente, desapprovando as medidas violentas. «A conducta de Araujo e Silva—escrevia Sant'Anna em nome e por ordem de Bolivar—, a conducta de Araujo e Silva, occupando, pela força, uma provincia do territorio do Alto-Perú, é injusta, infringe o direito das gentes e merece, sem duvida, que á força se opponha a força, por inalienavel direito; mas essa força *só deve servir para recuperar o que foi usurpado, e jamais para invadir o que não é nosso*. Se nós, por via de represalia, imitassemos a conducta do commandante brasileiro, seriamos criminosos como elle; enquanto que, conservando-nos nas raias da fronteira,

sómente contra elle ha de recahir a censura das nações. Nem é justa, nem está de accôrdo com os principios cardeaes da nossa politica, empregar, para rehver um territorio injustamente occupado, seja um processo de guerrilhas, seja um systema de guerra immoral e barbaro, semelhante ao do commandante brasileiro; é justissimo, porem, utilizar tropas regulares, tantas quantas forem necessarias, commandadas por chefes e officiaes experientes, que, castigando o ultraje irrogado á Nação, mantenham ainda a mais stricta disciplina e puros principios de moral. *O libertador Bolivar não acredita, de accôrdo com informações fidedignas, que a aggressão do Brasil obedeça a um plano premeditado pela côrte do Rio de Janeiro ou seja consequencia de tramoias da Santa-Alliança apoiadas na America pelo imperador; não obstante isso, V., que está mais perto e deve ter noticias mais exactas, conhecendo melhor a extensão da ameaça e sendo responsavel pela segurança desses departamentos, deve tomar desde já as providencias indispensaveis para manter a integridade do territorio e repellir aggressões. Indicando-lhe as razões em que se funda para prohibir*

a invasão do territorio brasileiro, só conservando o das provincias do Alto-Perú, o libertador tem presente que a Santa Alliança poderia de facto aproveitar-se do minimo gesto de violencia dos governos da America; aconselhando a reoccupação das provincias invadidas dentro das mais severas normas de guerra regular, deseja, perante o universo, reafirmar que os independentes, ainda no terreno das represalias, só palmilham os caminhos da justiça e da honra.»

Documento de clara intelligencia, nelle se condensa a politica previdente de Bolivar. Não era só a prudencia que o aconselhava. Era sobretudo o respeito á nossa soberania. Era ainda o seu arraigado e estructural sentimento democratico. Não queria que as suas invenciveis armas se manchassem, enveredando por caminho menos decoroso. Bolivar não acreditou que o Imperio tivesse premeditado o ataque, comprehendeu que a responsabilidade inteira do acto leviano e offensivo devia recahir sobre os hombros de Araujo e Silva. Neste consoante, prohibiu terminantemente fossem violadas as fronteiras do Brasil, não desejando, ainda, que a Santa-Alliança o

suppuzesse, siquer, inimigo do Imperio. Razão teve O'Leary em commentar que, emquanto Succre, respondendo á nota airada do militar brasileiro, agia como soldado, Bolivar, em compensação, ao tomar conhecimento do incidente, procedia como estadista. As suas relações com Pedro I se desenvolviam, naquella mesma quadra, num terreno amistoso e cordial, por intermedio dos plenipotenciarios columbianos e brasileiros em Londres, e Bolivar, nesses agudos momentos, preparava a realização do congresso do Panamá e desejava que, ao lado das republicas hispanicas, tivessem assento o Brasil e os Estados Unidos da America do Norte, membros preponderantes da communitade continental, a despeito da diversa origem.

Embora—ajunta O'Leary—embora desapprovando o excessivo zelo de Succre e mostrando-se cauto nas suas instrucções, Bolivar deu ao assumpto a importancia que merecia. (?) Resolveu preparar-se para qualquer eventualidade e preveniu os governos do Mexico, da Columbia e do Chile, encarecendo a necessidade de oppor um dique á ambição do imperador, indicando, de novo, a urgencia de reunir-se um con-

gresso federal em Panamá, que, no seu entender, seria o melhor arbitro para dirimir esses pontos. Talvez O'Leary não tenha querido revelar todas as inquietudes do foro intimo de Bolivar, divisadas atravez o documento referido. Descubrem-se perspectivas para outras theses, que tentaremos devassar algum dia. As ultimas palavras querem mostrar, á luz meridiana, que um dos motivos de convocação do congresso se referia ao Brasil e á sua situação singular no continente. O grande ideal residia na congregação, dentro dos laços indissoluveis duma liga internacional de paz e concordia, de todos os povos, precipuamente todos os Estados da America. Essa era a mola real do seu magnanimo pensamento. Entre objectivos subsidiarios, porem, avultava a conveniencia de attrahir o Brasil ao convivio das demais democracias continentaes. Attrahil-o, aliás, sem forçal-o a mudar de régimen.

Araujo e Silva se intimidou, obedeceu ás ordens do ministerio da guerra e se retirou da Bolivia, segundo o depoimento hispano-americano, depredando, talando, saqueando, incendiando os territorios invadidos. «Sua conducta—diz indignado o ajudante

de campo do libertador—sua conducta no curso da invasão tinha mais apparencias da dum capitão de bandidos, que de chefe de forças regulares.» Deve haver exaggero nesse asserto. O'Leary sabe, porem, tributar justiça. «Mais tarde—acrescenta—, mais tarde a côrte do Rio de Janeiro satisfez amplamente o governo da Bolivia, repudiando a conducta dos seus agentes e removendo-os dos postos de confiança que occupavam.» Isso é o que importa. O Imperio não podia ser responsavel pelos desmandos dum militar isolado em longinqua fronteira. O caso de Chiquitos, longe de macular-nos, constitue para nós incontrastavel padrão de orgulho. É timbre de honra do nosso passado diplomatico. Bem o comprehendeu Bolivar, desde o primeiro instante, com a sagacidade que o distinguia. Segregados, embora, no seio da America republicana, sempre procuramos o caminho da lealdade e da solidariedade em todas as latitudes continentaes, jamais fomentamos felonias ou desavenças, numa inalteravel attitude de pacifismo e concordia. Meditando em tudo isso, e em mais, talvez, o genial Bolivar ouvia com frieza os incitamentos dos ministros Velez e Alvear.



## A missão Alvear

**P**ARA a bôa e perfeita comprehensão da viagem diplomatica de Alvear e Velez á Bolivia, é mister sempre reler a historia deste agitado periodo da independencia nas margens do Prata. Importaria isso em alongar demasiado o capitulo, e, assim, nos contentamos com uma breve referencia ao assumpto. O Brasil vinha intervindo na Banda Oriental movido por varios factores, entre os quaes não seria licito esquecer o temor do contagio subversivo no Rio Grande do Sul e a necessidade de fixar racionalmente as fronteiras meridionaes, assegurando aos brasileiros, naquella região, os beneficios da ordem e do respeito estranho. As Provincias Unidas do

Rio da Prata, desde cêdo, revelaram antagonismo com o ponto de vista brasileiro, embora appellando algumas vezes para a nossa interferencia ordeira e pacificadora. Almejavam essas Provincias a unidade nacional abroquelada na integridade do territorio do extincto vice-reinado. Não podiam, pois, admittir a gravitação da Cisplatina para a esphera das nossas influencias. Depois de tantos lances, que estão na consciencia da nossa generosa Historia, o echo da victoria de Ayacucho veio contribuir, em Buenos-Ayres, para mais exacerbar os animos, surgindo uma corrente favoravel á alliança com Bolivar contra o Imperio nascente. Para muitos, sobretudo para Rivadavia, era Bolivar um indesejado no Prata, devido ás suas ambições, possiveis e provaveis, perigosas para o prestigio e autonomia da Argentina. Afigurava-se a outros um messias providencial, capaz de outorgar a Buenos-Ayres o gladio vingador contra o Imperio.

Depois de ter Lavalleja invadido a Cisplatina, em 9 de Maio de 1825, o Congresso Geral Constituinte das Provincias Unidas do Rio da Prata resolveu enviar ao Alto-Perú a embaixada a que nos vimos refe-

rindo, e designou ministros plenipotencia-  
rios o general Carlos de Alvear e o D<sup>r</sup> José  
Miguel Diaz Velez, e secretario o D<sup>r</sup> Do-  
mingos de Oro. As instrucções, redigidas  
por Las Heras e Manoel Garcia, recommen-  
davam a Alvear, chefe da embaixada, feli-  
citasse em termos calorosos o libertador  
invencivel, e, logo depois se esforçasse  
habilmente em demonstrar-lhe «quanto  
era perigosa para a liberdade da America a  
politica adoptada pela côrte do Brasil,  
aggravada, ainda, depois da dissolução da  
assembleia do Imperio, e a aversão mani-  
festa do imperador pelas novas republicas,  
cuja consolidação desejava solapar.» Deviam  
os diplomatas descrever minuciosamente os  
actos praticados pelo Brasil contra o Uru-  
guay e os esforços feitos pela Argentina  
para recuperar o territorio usurpado. O  
estreitamento de relações entre a Colum-  
bia, o Perú, o Chile e as Provincias Unidas  
seria de capital importancia, para collecti-  
vamente forçarem o imperador a retrahir-se  
para alem das suas fronteiras. Tal collabo-  
ração internacional seria bastante para inti-  
midar o Brasil, sobretudo se revestisse a  
fôrma dum explicito tratado, sob a garan-  
tia, por exemplo, da Grã-Bretanha, cujos

intereses em prol da harmonia continental eram notorios. Na hypothese de acquiescencia de Bolivar—«mais que provavel»—poderia o plenipotenciario combinar uma formula, para a nomeação dum enviado ao Rio de Janeiro, com poderes comminatorios, e, frustrada essa missão, estabelecer desde logo as bases duma alliança militar contra o Imperio com o fim de exigir, pela força, a restituição da Banda Oriental. As instrucções previam todos os detalhes dessa formidavel alliança da America republicana contra a monarchia brasileira.

Chegando a Potosi, os ministros de Buenos-Ayres enviaram uma nota ao secretario geral do libertador, participando-lhe o objecto da missão e pedindo dia e hora para a apresentação das cartas de crença. Corria o mez de Outubro de 1825. Bolivar respondeu ponderando não estar autorizado a receber oficialmente os dois diplomatas, por ser em Lima a séde do governo e residencia do ministro dos negocios estrangeiros. Foi uma solução desconcertante—diz o general O'Leary, cujo depoimento preferimos ao de Mitre, por mais fiel e directo—solução que destruia no nascedouro as esperanças do governo argentino. Avis-

tando-se com o secretario geral, os embaixadores do Prata insinuaram ser provavelmente a má vontade de Bolivar devida a injustos doestos e aggressões da imprensa portenha, obra indirecta de Rivadavia, magistrado pacifista, pregador do que elle mesmo chamava «uma Ayacucho incruenta». O historiador, cujo depoimento testemunhavel vimos acompanhando passo a passo, descreve meudamente os encontros de tão altos personagens. Não ha como fugir á tentação de reproduzir, o mais fielmente possivel, esse capitulo da narrativa, dum interesse real e directo para nós.

Bolivar acolheu os buonaireses com affabilidade e sobretudo com habilidade. Lisonjeou-os, dissuadiu-os de que pudesse estar maguado com as diatribes dos jornaes platinos. Agradecendo a honrosa proposta que lhe faziam, evadiu, porem, qualquer compromisso, sob o pretexto de considerar-se escravo das deliberações dos parlamentos do Perú e da Columbia. Não esmoreceram, nem assim, os diplomatas. O'Leary reconstitue, melhor que qualquer outro autor, quasi palavra por palavra, a serie de argumentos desenvolvidos, o ultimo dos quaes era que o retrahimento do libertador

poderia justificar duvidas sobre a justiça da causa do Rio da Prata na sua lucta com o Brasil. Bolivar não lhes devia negar, por um sentimento de natural solidariedade, diziam, pelo menos uma palavra de conforto e approvação. Com finura e pertinacia foram reiterando as supplicas (*sic*) para que reformasse a primeira resolução ou lhes indicasse, no minimo, algum remedio capaz de conjurar as fataes consequencias que estavam prevendo. Bolivar, de novo, ainda e sempre, fez-lhes ver que a deliberação era irrevogavel. Todavia, por dar prova de longanimidade e bôa vontade, propoz-lhes que a Nota referente á sua incompetencia legal para negociar com a embaixada e decidir dos pedidos formulados, seria retirada e substituida immediatamente por outra em que se silenciasse completamente aquelle ponto: então receberia oficialmente os dois diplomatas, ouvir-lhes-ia as propostas, trocaria opiniões a respeito dellas, e as submetterá depois aos governos columbiano e peruano.

Commenta O'Leary que Bolivar se valia, de facto, dum méro pretexto, pois, em verdade, a autoridade suprema, na Bolivia, residia no mesmo exercito libertador. Mas

Velez e Alvear acceitaram de bom grado a transacção, assumindo, ainda, em nome do governo de Buenos-Ayres, o compromisso de guardarem a respeito a mais stricta reserva. Offereceram dar amplas satisfações que o insigne homem não exigiu. Trataram então abertamente da hypothese da guerra contra o Brasil, declarando estar o seu governo prompto a custear todas as operações militares. A conversa passou a girar em torno dos perigos da monarchia na America e das ambições de Pedro I. O episodio de Chiquitos constituia, segundo elles, um novo insulto ás bandeiras republicanas, e justificava, por si só, qualquer declaração de guerra. Evocaram a perspectiva triumphal que estaria reservada a Bolivar se voltasse á Columbia passando antes, como vencedor, pelo Rio de Janeiro, eliminando o unico throno da America, ligado ás dynastias europeas, permanente perigo e espantallo de todas as republicas.

Essas reflexões, segundo a informação do chronista, impressionaram o libertador, para quem a palavra gloria constituia talisman irresistivel. Mas, accedendo na apparencia áquellas insistentes insinuações, su-

bordinou-se sempre ao beneplacito do Perú e da Columbia. Queixou-se então da politica de Rivadavia, que repellira anteriormente o projecto duma alliança offensiva e defensiva com a Columbia, e devia, agora, arrepende-se duramente da sua conducta. Comtudo, examinando com cuidado o vasto plano, suggeriu a vantagem de atacar-se primeiro a tyrannia de Francia, no Paraguay, como passo strategico e preliminar para chegar ao Imperio. Diz O'Leary que essa proposta não consultava os desígnios de Buenos-Ayres, duplices nesse como outros pontos, pois, alem do mais, tinham solicitado a mediação da Grã-Bretanha em nota dirigida por Manoel Garcia, ministro dos estrangeiros, a Sir Charles Stewart, em 12 de Setembro de 1825. Graças á sua admiravel prudencia e circumspecção—pondera o historiador que nos serve de guia—salvou-se Bolivar do laço que lhe armavam, apesar dos astutos ardis empregados para apanhal-o. Pediram, por fim, os plenipotenciarios, a modificação, num sentido favoravel ao Prata, da pauta alfandegaria da Bolivia, e não foram attendidos. «Assim concluiu a entrevista, em que os plenipotenciarios argentinos não puderam, apesar

de tudo, negar um tributo de admiração aos elevados objectivos, ao criterio firme e á eloquencia extraordinaria de Bolivar.»

Apezar das negativas reiteradas, os plenipotenciarios não se sentiram decepcionados, e voltaram á carga, sem resultado satisfactorio, em entrevista realizada logo depois. No dia 16 apresentaram, por fim, as credenciaes. O discurso protocollar estendeu-se em considerações mais amplas. Depois de celebrar os triumphos communs da guerra da independencia, disse Alvear que «o solo sagrado da patria fôra profanado pelos pés dum impio estrangeiro». E acrescentou: «O imperador do Brasil, violando todos os direitos, atreveu-se a provocar os livres de Colombo e o governo peruano com a aggressão inesperada ás provincias do Alto-Perú, escudadas na protecção destas illustres republicas. Já é tempo de que a honra americana se commova, e o libertador da Columbia e do Perú se constitua braço potente para dirigir o espirito nacional e obrigar a côrte vizinha a desistir duma conducta tão pouco leal e contraria aos seus mesmos intereses.» Finalizou com palavras amaveis, protestando a adhesão incondicional da Argentina

á gloria de Bolivar. Este respondeu em termos cordiaes, e não poude, afinal, fugir ás allusões anti-brasileiras dos embaixadores. Era inevitavel depois de tão porfiosa insistencia, em que tinham feito appello ás nobres virtudes democraticas do heroe. É preciso não perder de vista, porem, que Bolivar, não raro, se derramava em dema-sias verbaes, que não devem ser julgadas isoladamente. Incidiu algumas vezes em contradicções, desculpaveis nelle como em todos os genios. Neste caso as suas palavras, de apparencia aspera, encobriam um jogo de astucia diplomatica, fingindo uma satisfação aos argentinios e escondendo, de facto, o firme proposito de não attendel-os. «Não desejaríamos mencionar nossas sensiveis maguas—disse Bolivar; mas, uma vez publicadas pelo escandalo, porque escondel-as? Em verdade ninguém ousaria negar-nos o direito de ficarmos surprehendidos vendo um principe americano, recém emancipado da Europa, envolver-se em nossa nobre insurreição, elle, que não levantou o seu throno sobre frágeis taboas, mas, sim, sobre indestructiveis bases da soberania popular e da soberania das leis; principe que parecia destinado a ser o

amigo das suas visinhas republicas, é o mesmo que continua occupando uma provincia e uma praça forte que lhe não pertencem e domina uma das nossas nações mais benemeritas. Por outro lado, suas tropas acabam de invadir a provincia de Chiquitos, para assolal-a e ameaçar-nos de modo barbaro; postas em fuga, pelo espanto das nossas armas, arrebatam-nos propriedades e cidadãos. Esses insignes violadores do direito das gentes ficaram impunes, e nossos povos humilhados, e nossa gloria offendida.»

Muito de industria reproduzimos, sem mutilal-as, essas palavras, pelo empenho que nos anima de defender Bolivar. Nesse momento, ao hostilizar-nos, obedece ao tenaz e infatigavel incitamento dos dois diplomatas, que parece haverem conseguido convencel-o de que, de facto, o Brasil commettera offensas contra as republicas hispanicas. Bolivar, duvidando, a principio, da responsabilidade do Imperio no attentado de Chiquitos, cede afinal aos argumentos capciosos e infundados. Mas, *verba volant...* É essencial não esquecer as suas affirmações, que desvendam, em parte, o seu foro intimo: elle não ignora que o throno de

Pedro I se abroquela na ordem constitucional; extranha, por isso, que o imperador se erga como espantalho das jovens republicas fronteiriças. Mais tarde, ao conhecer a nenhuma importancia do incidente de Chiquitos, Bolivar comprehendeu o *guet-apens* que lhe estava sendo armado, e a que soube, em bôa hora, escapar, para maior lustre da sua gloria. As palavras citadas não bastam para elucidar o seu pensamento intimo. Cumpre ler, ainda e sempre, a longa narrativa de O'Leary, na qual se attenuam as expressões injustas do discurso official. Bolivar procurava contentar Alvear com palavras enganosas, para mais facilmente fugir aos seus desejos e desattender o objecto da sua missão.

Depois de tantas contra-marchas, porfiavam ainda os embaixadores nos vesgos propositos. As clavas com que esgrimiam eram a Cisplatina e Chiquitos. Acabaram por propôr formalmente as bases de varias resoluções communs, a serem tomadas contra o Brasil por todas as republicas sul-americanas. As bases eram: exigir de Pedro I, em nome da America Hespanhola, uma satisfação pelo ataque de Moxos e Chiquitos, e intimal-o a abandonar Montevidéu

ao seu natural destino, ameaçando o imperador, em caso de negativa, com uma formidável coalizão militar. No mesmo consoante o Brasil devia celebrar com todas as republicas um tratado de garantia, sob os auspicios da Inglaterra, emquanto a America Hespanhola formaria uma alliança offensiva e defensiva.

Bolivar respondeu lamentando que os seus compromissos politicos com a Columbia e o Perú o impedissem de prestar a Buenos-Ayres um apoio efficaz, mas reconhecia a procedencia das reclamações argentinas, e preconizava tambem a união de todas as republicas, para a mutua defeza. Promettia, afinal, interpôr os seus bons officios em favor da causa platina, perante os governos de Lima e Bogotá e junto ao congresso do Panamá. A 1º de Novembro Bolivar deixou a cidade de Potosi, dirigindo-se a Chuquisaca. Quer durante o longo percurso, quer na capital boliviana, os plenipotenciarios continuaram a martellar os argumentos, renovando-os, repetindo-os, variando-os, multiplicando-os até o exaggero. Bolivar resistia passivamente. «Propunham-se aquelles diplomatas (commenta O'Leary), a molde de desforra

pelos esforços frustrados, palpar os soffrimentos duma grande alma, que vacillava entre os dictamens da prudencia e os incitamentos á gloria, soffrendo as proprias paixões; e invocavam incessantemente bellas imagens para deslumbral-o, para excital-o em suas tendencias guerreiras, para conquistar-lhe a intelligencia.» Conclue o historiadore: «A circumspecção do estadista sobrelevou o ardor bellicoso do soldado. O triumpho foi tanto mais meritorio, quanto excepçoes eram as circumstancias. Rodeado de militares avidos de distincções, com um exercito affeiçoado á sua pessoa e ensoberbecido pelas victorias recentes, tendo repousado bastante para poder recommear com novo ardor, sem que a curta tregua houvesse corrompido ou relaxado a disciplina, tudo se reunia, num feixe de poderosos estimulos, para instigal-o a tomar o partido mais conforme ás suas tendencias. Mas prevaleceu o respeito aos compromissos do Perú e da Columbia e não houve argumento ou lisonja que o induzissem a descuidar ou esquecer os seus deveres.»

Os diplomatas mudaram então de tactica, esforçando-se por lograr, desta vez, uma simples alliança entre o Prata e a Bolivia.

Bolivar, firme nos seus propositos, permanencia inabalavel, a despeito da dialectica de Alvear, que encarecia os seus planos «com o zelo dum cortezão ancioso por conseguir um favor.» (*sic*) Entrou em scena a Inglaterra: Alvear dizia que nada se devia temer por esse lado, e que a Grã-Bretanha, segundo declaração expressa de Sir Charles Stewart, não sancionaria a annexação da Cisplatina ao Imperio. Decepcionado, mas não desilludido, Alvear formulou ainda, em nota confidencial, uma serie de perguntas a Bolivar, sobre a possibilidade da alliança dual ou multipla contra o Imperio, e de fazer-se conjunctamente a reclamação diplomatica a respeito de Montevidéu e Chiquitos, e ainda sobre o auxilio militar á Cisplatina. Bolivar respondeu, em caracter privado, corroborando a necessidade da alliança, mas encontrando obstaculos para a eventualidade duma collaboração militar.

Só restava a Alvear o partido de retirar-se, não tendo logrado nenhum dos seus objectivos, a despeito do extenuante e habil esforço desenvolvido. A despedida foi solemne, em casa do Grande Marechal de Ayacucho, em 1° de Janeiro. Vicente Lecuna nos transmite o rascunho do discurso

de Bolívar: «A despedida do senhor plenipotenciario para a capital da Republica Argentina constitue motivo de pezar, porque nos priva da satisfação de ver um dos personagens mais eminentes da sua gloriosa patria. Embora o ministro Diaz Velez seja muito digno de supprir tão sensível auzencia, eu, por meu turno, tenho que voltar a Lima para dar conta aos representantes do povo do meu mandato no governo da Republica peruana. O Grande Marechal de Ayacucho fica, porem, encarregado do mando supremo, e o ministro D. Velez poderá celebrar com elle, quando julguem conveniente, quaesquer transacções que, em sua sabedoria, considerem uteis para a estabilidade das novas republicas. Podeis, entretanto, garantir ao governo argentino, minha cordeal adhesão a essa Republica irmã, que deve continuar a ser uma das partes mais interessantes do conjuncto americano. Desejo que suas divergencias com o Brasil logrem uma solução gloriosa, pois a justiça ha de, afinal, prevalecer.»

Assim terminou a missão Alvear, com um absoluto insuccesso, em ôcas expressões protocollares. O curso dos acontecimentos iria justificar Bolívar em sua conducta de

nobre abstenção. Segundo O'Leary, elle «teve mais tarde ampla razão para considerar-se sobradamente satisfeito da circumspecção adoptada em relação aos negocios do Brasil. O governo imperial desaprovou os actos dos seus agentes com applauso dos governos de Lima e Bogotá e ainda do grande homem que naquella epoca estava á frente do gabinete britannico.» Canning, de facto, ao reconhecer a independencia da Columbia, felicitou Bolivar por intermedio dum plenipotenciario inglez, pela sua abstenção na guerra contra o Brasil. O famoso estadista, que exerceu, na formação dos Estados americanos, uma influencia salutar e tutelar em prol da paz e da concordia, reconheceu o quanto se devia, nesta emergencia, ao tacto, á providencia, ao bom senso de Bolivar, quando, com tão nobre firmeza moral, resistiu á tentação de immiscuir-se nas contendas do Prata. Foram estas palavras memoraveis a mortalha da missão Alvear.



## Factores favoraveis ao Brasil

**A**s palavras, na entrevista do Potosi servem, a nosso ver, para pôr a nú os ingratos intuitos dos emissarios de Buenos-Ayres e escondem, por outro lado, o sentimento intimo de Bolivar em relação ao Brasil e á Argentina. O libertador parece, em 1825, suggestionado pela rhetorica dos diplomatas, mas a sua obediencia ás torvas insinuações é só apparente. No fundo, resistiu ás tentações. Achava injusta a politica do Imperio, esquivando-se, porem, de tomar parte nas luctas do Prata e não attendendo ao pedido de soccorro que lhe era dirigido com tanta pertinacia. Só d'elle dependia a collaboração militar contra o Brasil, nem é licito pensar outra coisa depois do testemunho eloquente

dos chronistas da epoca. Só a elle se deve a abstenção, mercê da qual se evitou um pasmoso encontro fraticida entre lusos e hispanos da America meridional. Queremos crer, e nos empenhamos em demonstrar, que os seus intuitos foram os mais nobres, pelo arraigado sentimento pan-americano que o empolgava, o sonho da sua vida inteira, o fio de ouro que entrelaça numa cadeia de coherencias inilludiveis todos os seus actos e iniciativas, desde a mocidade, desde os albores da epopeia. Outros preferem enxergar motivos subalternos: o temor de melindrar os poderosos da epoca, o receio de contrariar o sentir dos seus agaloados tenentes, como o granadino Santander. Buscaremos expor e julgar multiplos argumentos, verificando dess'arte porque foi a missão Alvear condemnada a definitivo e inglorio insuccesso.

Importa repetir, desafortunado foi Alvear como diplomata e como guerreiro, tão infeliz em Potosi, como mais tarde o seria no Passo do Rosario. Ingrata a tarefa desse illustre argentino, trabalhando, com uma porfia digna de melhor causa, contra o Uruguay e contra o Brasil, procurando solapar no nascedouro os ideaes da inde-

pendencia cisplatina e intrigando o Imperio com o resto da America Hespanhola. Em Potosi, como vimos, nada conseguiu de Bolivar, a não ser inexpressivas palavras e nenhum apoio concreto; em Ituzaingó, ferindo uma batalha indecisa, não conseguindo enfrentar o nosso exercito, empavando-se depois com falsos trophéus, recebeu a desapprovação do seu proprio governo, ao ser destituido do commando. Devemos agradecer ao imparcial e conspicio Daniel Florencio O'Leary a veridica reconstituição da entrevista historica, fixando o odioso papel dos nossos adversarios e a inquebrantavel resistencia de Bolivar ás enganosas seduccões.

Porque razão o libertador, chefe dum grande exercito victorioso e arbitro dos destinos de varias republicas, solicitado pela Argentina para dirigir a guerra contra o Brasil, illudiu os objectivos da missão Alvear e conservou-se neutro, á margem do conflicto esboçado na Banda Oriental? Porque fugiu elle ao aceno de Buenos-Ayres, dourado pelas perspectivas triumphaes duma guerra que formaria a cupula da sua obra republicana, congregando, num solido feixe democratico, toda a America

do Sul? Taes os termos da pergunta cuja solução vem tentando a curiosidade dos historiadores aquem e alem dos Andes. Para recapitular e resumir os diversos prismas encarados, classificamos os argumentos justificativos da abstenção de Bolivar e preferimos os mais consentaneos com a homogeneidade e belleza dos seus ideaes.

Seguindo multiplas opiniões, ás vezes contradictorias, verifica-se que o patriarcha hispano-americano podia ter tido os seguintes motivos para não se immiscuir na lucta: a) o temor de provocar as iras da Santa-Alliança, cuja reacção poderia redundar em proveito da Hespanha; b) a certeza de descontentar a Inglaterra de Canning, amiga da monarchia brasileira, e, sobretudo, partidaria decidida da paz continental, da harmonia entre todos os novos Estados; c) o receio de não ser apoiado pela Columbia e o Perú em a nova empreza, de vastas proporções e graves consequencias; d) a consideração da divergencia de interesses entre a Columbia e a Argentina, importando mais á Columbia a paz com o Brasil, a fixação das fronteiras e até uma alliança; e) a hostilidade ás Provincias Unidas do Prata, o desforço por antigas des-

lealdades de Buenos-Ayres, o desejo de cercar a expansão argentina; f) por despreendimento, nobreza e fidalguia; g) o generoso interesse de não susceptibilizar o Brasil, separando-o do resto da America em vespas de promover a união continental, no congresso do Panamá.

Mostram os dois primeiros argumentos que Bolivar receiava a reacção da Europa, na hypothese de semelhante aventura militar e politica. A Santa-Alliança continuava efficiente, á espreita do primeiro pretexto para dar mão forte á Hespanha, e ninguem sabia se o Brasil entraria nesse jogo, dadas as ligações dynasticas dos Braganças. Varias vezes, de facto, Bolivar alludiu a isso. Temia, segundo Blanco-Fombona, que a Santa-Alliança se servisse de Pedro I para attentar contra as instituições liberaes e impôr o principio do direito divino, como se fez na Italia, por meio da Austria, e na Hespanha, por meio da França. Esta ultima potencia parecia resolvida a apoiar a Hespanha para recuperar as colonias perdidas. A Inglaterra, por outro lado, embora amiga de Bolivar e dos novos Estados, não queria a guerra com o Brasil. Bolivar se preocupava em não desattender os magnanimos

conselhos de George Canning e ninguém ousaria increpar-o por essa fidelidade e obediencia ao insigne estadista britannico. Soubera sempre admirar com fervor a nobre Albion, muitas vezes pedira inspiração á historia das liberdades inglezas, apreciando, sobretudo, aquelle incomparavel chefe de governo, Canning, generoso paronympho da independencia latino-americana.

Quanto ao terceiro item, importa indagar que interesse antagonico levava a Columbia a contrariar assim a missão Alvear, dificultando uma solução affirmativa de Bolivar. Para Fombona não era a Columbia, era o general Francisco de Paula Santander, seu presidente, que, por picuinha, negava assentimento aos desejos de intervenção no Prata. Seja dito de passagem, Santander, primeiro magistrado da Nova-Granada, insigne estadista, patriarcha da Republica, passa hoje ao ról dos mais puros creadores da alma americana independente, apesar de divergir de Bolivar nos crepusculos da epopeia, por fomentar a fragmentação da Grã-Columbia. Seu papel historico mudou de rumo, da mesma arte que Paez, na Venezuela, e Flôres, no Equador. Inclinando-se para o esphacelamento da Columbia

Maior, Santander dissentiu do libertador. Era, alem do mais, um civilista arraigado, e, depois da grande guerra da independencia, almejou a organização pacifica e constitucional da Republica, oppondo-se, systematicamente, ás soluções militares, combatendo, dentro da Nova-Granada, as dictaduras, e profligando quaesquer guerras externas. No caso do Brasil, mais uma vez se destaca este latente antagonismo. Bolivar transmite a Santander as propostas argentinas; Santander desenvolve argumentos em desfavor da intervenção. Em fins de 1825 escrevia ao libertador, textualmente, «ser um ponto muito grave e delicado declarar guerra ao Brasil, sobretudo tomando Bolivar parte nella». «Não deveis em absoluto dirigir pessoalmente essa lucta, não só porque vossa presença na Columbia é imprescindivel para a consolidação da republica, como tambem por não ser consentanea com a vossa honra semelhante especie de guerra...» Em Dezembro insistia: «Não variei de opinião relativamente aos auxilios solicitados por Buenos-Ayres.» Em Janeiro de 1826, de novo, recusou. *Semelhante especie de guerra*, no expressivo phrasear de Santander, não quadrava com

a honra de Bolívar e Bolívar nada contestou a ponderação de tão claro sentido. A Columbia não tinha porque marchar em favor da Argentina, nem via com bons olhos o glorioso libertador invadir um paiz estrangeiro, onde a sua presença passaria a ser odiosa, mesmo redourada pelas lantejoulas do pretexto republicano. Ninguém duvidará: esse pensamento estava na propria consciencia do campeador e foi decisivo para a sua abstenção.

Passemos a outros paragraphos da argumentação, desdobrando o mesmo raciocinio. Bolívar, e com elle a Columbia, tinham presente a conveniencia de definir as fronteiras com o Imperio. O secular litigio entre as corôas hespanhola e lusitana, erichado de difficuldades diplomaticas desde as Tordesilhas, assumia particular relêvo nas vastas e impenetraveis terras da Amazonia. A Hespanha e Portugal legaram aos novos Estados o problema sem solução. Bolívar, desde 1821, pensou em entabolar negociações com o Rio de Janeiro, enviando-nos os primeiros plenipotenciarios, e só não o fez por difficuldades de outra ordem, por ter o espirito absorvido pela campanha libertadora do Equador, Perú e

Bolivia. Os seus temores não foram vãos, as difficuldades não diminuíram com o correr do seculo, e o ultimo tracto de fronteira, a linha historica de Apaporis-Tabatinga, só em nossos dias encontrou o cordial reconhecimento columbiano pelo tratado de limites assignado no Itamaraty, em 1928, pelos ministros Mangabeira e Ortiz.

No mesmo consoante, o Sr. Michel Vaucaire levanta o véu duma outra ideia, transparente em varios documentos da epoca, apoiada por intimos tenentes de Bolivar: duma alliança com o Brasil. Como se vê, o desencontro de depoimentos é desnorteador. No copioso epistolario de Bolivar e dos proceres da guerra, descobrem-se horizontes para a devassa das correntes mais antagonicas. Neste caso, não é mais a guerra contra o Brasil que obceca os bolivarianos; é precisamente o inverso; é nada menos que uma alliança com o Imperio. *On l'accuse* — diz Vaucaire — *on l'accuse d'avoir traité secrètement avec l'empereur du Brésil pour partager l'Amérique du Sud.* Não foi bem assim, mas os rastros do pensamento se descobrem sem difficuldade. Para muitos acolytos de Bolivar, o Brasil daquella epoca era o paiz organizado e forte do continente.

Larrazabal diz que «tendo a Columbia chegado a um alto grau de respeitabilidade entre as nações, tinha sido reconhecida não só pela Inglaterra e pelos Estados-Unidos, como pelo Imperio do Brasil, a primeira potencia da America do Sul.» Pouco mais tarde é o proprio O'Leary quem escreve ao libertador, em carta datada de Quito: «Oxalá Vossa Excellencia fizesse uma alliança offensiva e defensiva com o imperador, pois não ha como duvidar que, se Dorrego cahe, como é provavel, as provincias do Prata e o Chile se unirão ao Perú para prejudicar os interesses da Columbia. Uma intima alliança entre esta ultima republica e o Brasil constituiria terrivel e salutar ameaça para os turbulentos governos do sul.» Seja como fôr, todos os factos indicados se conjugam para demonstrar que Bolivar, em defeza dos mesmos interesses vitaes da Columbia, não devia e não queria intervir contra o Brasil.

Resta-nos examinar a hostilidade latente ás Provincias Unidas do Rio da Prata, o desforço por antigas deslealdades de Buenos-Ayres, o desejo de cercear a expansão argentina. Bolivar, segundo Fombona e outros autores, detestava os argentinos obe-

dientes ao aceno de Rivadavia, contrario, este ultimo, ás allianças militares, ás soluções sangrentas, amigo decidido das combinações de chancellaria. Por inspiração desse insigne procere buonairense os jornaes platinos viviam desde muito assacando injurias a Bolivar, cujas possiveis tendencias imperialistas Rivadavia parecia temer. Esboçava-se, diz Mitre, o choque de duas hegemonias na America Hespanhola, a da Columbia bolivariana e a da Argentina de Rivadavia. «Neste contacto e neste choque a politica bolivariana se gasta e é vencida». Fombona se oppõe com vehemencia a esta these, sustentando que nem Bernardino Rivadavia representava a opinião argentina, nem Buenos-Ayres dispunha de poder militar e politico digno de confrontar o da Grã-Columbia. Dois pontos de vista irreconciliaveis. O facto é que muitos personagens eminentes da Argentina, anhelando a solução militar do probléma uruguayo para a reconstrucção, depois dum esmagador triumpho, do extincto vice-reinado transformado em republica unitaria—appellavam una voce para Bolivar, como demonstrou o mesmo Fombona, transcrevendo phrases irritadas de Guido, Necocheá, Dorrego,

Velez, Las Heras, Lavalle, Alvear, este ultimo o mais tenaz e implacavel. Gravitam todos para a esphera de Bolivar e vão pedir-lhe apoio e conselho em Potosi. Estamos com Fombonna em que a discreta attitude de Bolivar se deveu a altas razões de politica americana, mas não podemos subscrever os tortuosos meandros do seu raciocinio nessa ingrata devassa de sympathias e antipathias argentinas. Preferimos ficar com Cornelio Hispano ao lobrigar no gesto bolivariano impulsos de nobreza e fidalguia. «Em certo momento a fortuna lhe prodigalizou os mais raros favores e elle soube desdenhal-os com um desinteresse de que poucos homens, em situação analogá, seriam capazes.» E accrescenta: «Bolivar dispunha então de 25 mil homens aguerridos, orgulhosos de cem victorias. Unido esse exercito ao buonairense, a campanha contra o Brasil teria sido um passeio triumphal. Então, sim, seria o Libertador da America. Nem foi a ambição o movel das suas façanhas durante os vinte annos em que desempenhou o primeiro papel no scenario americano.»

Em guerra com o Brasil, perdida ficaria a esperança da união continental, fallido,

antes de reunir-se, o congresso do Panamá. A demonstração desse escrupulo póde ser tentada atravez palavras precisas do mesmo luctador. Antes de receber Alvear, dizia elle em carta ao general Thomáz de Heres: «o convite formal para fazermos guerra ao Brasil, no intuito de recuperar a Banda Oriental, constitue negocio gravissimo, e não me deixarei arrastar nem pela gloria, nem pela Europa.» Em 16 de Março de 1826 escrevia a Succe: «Tenho para mim que a Columbia sente repugnancia em intervir na querella entre o Brasil e Buenos-Ayres. Eu sempre fui da mesma opinião a respeito da Columbia e por isso mesmo me revelei tão reservado nas conferencias com Alvear.» Em Abril reiterava identicos sentimentos, alludindo a Canning, que preconizava o entendimento cordial entre a Columbia e o Brasil. «Devemos ficar persuadidos de que a Inglaterra se oppõe de coração a que os demais Estados americanos, sobretudo a Columbia, tomem parte na guerra contra o Brasil; se a isto se ajunta que o governo columbiano, longe de desejar nossa intervenção nessa guerra, recommenda a maior circumspecção, devemos proceder com tacto e delicadeza para não

contrariar o nosso governo, nem desgostar a nossa amiga. Santander diz não ter motivos para queixar-se, como magistrado, do imperador, e, embora persuadido de que elle é inimigo das republicas, não quer julgá-lo por suspeitas sobre suas intenções, mas pelo que possa revelar contra a Columbia, e aconselha, como solução menos perigosa, a união dos Estados americanos, protegidos pela Inglaterra, para reclamarem a Banda Oriental. Santander, em resumo, não deseja ver-nos como belligerantes e, longe de querel-o, pensa nomear o general Heres ministro junto a côrte do Rio de Janeiro.»

Bolívar moderava, dess'arte, os impetos guerreiros de Succe contra o Brasil. Em Novembro dirigia ao grande Canning estas palavras de clara intelligencia: «São eminentemente sabios os conselhos de vossa excellencia sobre a paz que devemos guardar e as bôas relações que devemos manter com o Brasil. Sua Majestade Britannica, ao adoptar propositos conciliadores entre o Brasil e Buenos-Ayres, estendeu sua benevolencia a todos os povos da America, pois uma guerra dentro do Novo-Mundo causaria transtornos difficeis de remediar.

Antes que vossa excellencia tivesse confiado em meus sentimentos favoraveis á tranquillidade dos novos Estados, já tinha eu iniciado passos conformes com a politica britannica. Com rara confiança me externei sobre os negocios do Brasil e de Buenos-Ayres, temendo que os acontecimentos do rio da Prata não fossem bem interpretados na Bolivia e no Perú, e, ainda mais, por saber que a tendencia das republicas é para a anarchia e o systema de ordem implantado no Brasil pelo governo imperial não me inspirar receios.»

E em 1827, terminada a guerra do Brasil com a Argentina, escrevia Bolivar a Dom M. de Ezeta, abrindo ainda mais o seu coração: «Asseguro-lhe que a Columbia jamais foi hostile ao imperador. Pelo contrario, procurou sempre manter amistosas relações com a côrte brasileira, onde actualmente reside um agente nosso. Pelo que me toca, reaffirmo que sou partidario dessa mesma harmonia e, emquanto estiver á frente do governo, não permittirei que nada se faça contra o Brasil...»



## Congresso do Panamá

**R**ETIRANDO-SE do Perú, em viagem para a Columbia natal, Bolivar palpou, no seio das populações freneticas que o desejavam dictador, fermentos de temerosa anarchia atravez das tres provincias federaes do Equador, Nova-Granada e Venezuela, sobretudo nesta ultima, onde foi mister acalmar pruridos separatistas de Paez. A presença de Bolivar, salutar, bastou, por si só, para manter a unidade da republica. Passou, assim, entre acclamações gloriosas e fundados temores, de 1826 para começos de 1827. Aquelle anno seria, entretanto, assignalado por uma iniciativa incomparavel, a que muitas vezes nos temos referido.

A finalidade maxima da sua obra, aquella que primeiro foi acariciada pelo seu genio,

desde a juventude, foi sem duvida a realização d'um congresso continental, no isthmo do Panamá. Essa ideia, anelo e esperança de toda a fulgurante vida, nasceu simultaneamente com os seus primeiros passos na senda da liberdade e da democracia, e talvez mesmo antes disso. Antes de iniciar as suas justas revolucionarias, quando era apenas um viajante alegre e um gosador da vida, dissipando a mocidade em desvarios de luxuria, como perdulario e doido, consumindo-se nas alcovas das messalinas e nas salas de jogo dos casinos, Bolivar, em alguns minutos de meditação e recolhimento, afaçava o pensamento generoso, que, com o curso dos annos, viria a constituir o remate e a cupula da sua magnifica obra. Quando conversava, na Europa, com o mestre e peregrino Simão Rodriguez, enthusiasmando-se em visões de patriotismo e liberdade, depois de pensar na patria, dilatava sempre os seus ideaes pela America inteira, que almejava ver grande, unida, prospera, livre. Era cêdo ainda, porem, para concretizar, d'um modo mais positivo, o seu magno projecto pan-americano. Depois, com as primeiras iniciativas revolucionarias, a ideia tomou corpo e se foi

dilatando, sem apagar-se jamais do seu cerebro, até o dia afortunado, quinze annos mais tarde, em que, cheio de prestigio e poder, poude elle afinal passal-a ao campo das realidades.

A ideia do Congresso do Panamá nasceu, assim, do potente cerebro de Bolivar, e, como tudo a que elle emprestava uma fagulha do seu genio, foi uma ideia que nasceu grande e generosa, e, com o correr dos annos, o desenrolar dos acontecimentos, o maturar dos ideaes, adquiriu consecutivamente mais elasticidade, grangeou amplitude incomparavel. É bem possivel que, ao cogitar pela primeira vez no projecto, attentasse unicamente na confederação da America Hispana, para depois, dilatando o raio do seu pensamento, reportar-se á America inteira, sem exclusão do Brasil e dos Estados-Unidos. Compulsando o General O'Leary, em sua famosa obra, vê-se claramente essa evolução dos desejos de Bolivar, que partiam d'um ponto limitado, ampliando-se em circulos concentricos, até attingir majestosas proporções. A primeira liga amphictyonica comprehendia tão somente os hispanos, por isso que habitavam um mesmo continente, falla-

vam uma unica lingua, professavam identica religião, tinham sido formados dentro d'um mesmo ambiente e estavam submettidos a um mesmo centro de autoridade; entretanto, viviam, mercê do regimen de isolamento hespanhol, em completo alheamento e ignorancia uns dos outros. Dest' arte, Bolivar quiz a principio promover a amphictyonia das antigas colonias hespanholas, segundo o fiel testemunho de O'Leary.

Quando se encontrou proscripto n'uma ilha do mar dos caraibas, alludiu, pela vez primeira, em documento escripto, ao vasto projecto de confederação de todos os Estados componentes da America. «É uma ideia grandiosa (escrevia a um amigo na Jamaica, em 1815, em carta que ficou celebre) pretender formar de todo o Mundo Novo uma nação unica, tendo um só vinculo a unir entre si o conjunto e as partes componentes.» Apparece, nessas lettras, o ideal precipuo do congresso, embora um tanto cahotico. Naquelle tempo era Bolivar um revoltoso derrotado e fugido, e ninguem poderia prever a trajectoria triumphal que iria elle abrir pouco depois. Em 1818 tornou ao assumpto, desta vez dirigindo-se offi-

cialmente ao governo de Buenos-Ayres, representado pelo órgão de Juan-Martin Puerreydon: «A America assim confederada—se o céu nos outorgar este ambicionado anheló—poderá denominar-se rainha das nações ou mãe das republicas». Em 1821 enviou como plenipotenciarios, o illustre general Thomaz Cypriano de Mosquêra ás republicas meridionaes, e Miguel de Santa-Maria ao Mexico. Iam convidar aquellas nações a se unirem á Columbia contra a Hespanha, e a enviarem delegados ao Panamá, para um congresso geral; tendo já sido celebrada cousa identica entre a Columbia e o Perú, unidos por um tratado de alliança contra a Hespanha, e comprometidos a enviar representantes ao Isthmo. Mosquêra foi primeiro ao Chile. O'Higgins recebeu-o bem. Era um typo acabado de *vir probus*. Assignou-se um tratado semelhante ao columbo-peruano. Partiu logo para Buenos-Ayres. O governo do General Rodriguez, aconselhado pela politica de Rivadavia, não accedeu aos desejos de Bolivar, e, por isso, assignou-se apenas um tratado de amizade, que não tinha a amplitude dos anteriores.

Até aqui não se vê o magno projecto

pan-americano revestir os relêvos que de facto o celebrizam. Bolívar parte de ensaios e tentativas parciais, para cuidar depois de uma união menos limitada. Achava-se elle na cidade de Cali, ao sul da Nova-Granada, quando, entre fatigantes deveres da guerra, occupou-se definitivamente do projecto, em toda a sua vasta e complexa urdidura. Seu estado de animo era favoravel á empreza, por isso que a Columbia prosperava, livre dos inimigos. Tendo trocado ideias com membros influentes do governo e do parlamento decidiu convidar, por meio de enviados especiaes, todos os governos da America, como já tinha procedido com o Mexico, para se reunirem no Isthmo de Panamá, formarem uma confederação e estabelecerem uma assembleia, ao molde da liga amphictyonica, «que serviria de conselho nos grandes conflictos, de ponto de contacto nos perigos communs, e de interprete fiel dos tratados publicos, no caso de occorrer alguma duvida, e poder conciliatorio nas disputas que se levantassem.» Mosquêra foi immediatamente acreditado, para o effeito, junto ao governo de Lima. Ás margens do Rimac, quando soavam os clarins de Aiacutcho, Bolívar se entretinha com

o mesmo projecto e escrevia aos governos da Columbia e do Mexico, de cuja adhesão já tinha, aliás, segurança. De modo que, em seguida áquelle triumpho, que foi o ultimo e o mais glorioso dentre todos os que se vinham alcançando na America desde a batalha de Lexington, em 1775, nos Estados-Unidos, podia Bolivar contemplar a sua obra e afagar o seu projecto com firmes esperanças. Sabia da adhesão incondicional do Chile, do Perú, da Columbia e do Mexico. O documento referente á America Hespanhola, do proprio punho de Bolivar, tem a data de 7 de Dezembro de 1824, quasi, portanto, nas vespervas da famosa batalha. Preconizava elle, em linguagem alcançadora, a immediata reunião da assembleia internacional, sob os «auspicios da victoria alcançada contra o poderio hespanhol». Em seguida mostrava a privilegiada situação geographica do Isthmo do Panamá, ponto de convergencia mais ou menos equidistante de todos os altos poderes convidados, e discorria com o mesmo impetuoso lyrismo politico, traço immanente ao seu genio.

Panamá foi a séde eleita por Bolivar para o Congresso. Seja-nos licito intercalar aqui

algumas phrases de saudade, lembrando a commemoração do centenario de 1826, quando, naquella mesma amavel cidade, competiu-nos, como chefe de delegação, a honra de representar o Brasil. Nenhuma outra cidade parece, de facto, para o fim collimado, tão adequada, tão propicia, tão symbolica, tão desejavel. Já o disseram brilhantes espiritos, a mesma geographia a propinava imperativamente para esse fim. Esta maravilhosa America, harmonica na sua variedade, grande pela somma das suas parcellas dilatadas ou modestas, senhora e dona dum destino uniforme e solidario, dividida em duas grandes porções que se completam e se conjugam, dois continentes de variados climas porem de identica mentalidade, foi enlaçada pelo Creador numa predestinada faixa de terra, que a anthropogeographia tornou uma estrada real de commercio e progresso. Nessa faixa de terra o genio civilizador abriu um sulco d'agua, um estreito artificial, para, atravez do traço de união das Americas, deixar circular o commercio do mundo. Ponto, pois, bem-fadado para a confraternização da humanidade, Bolivar, com a sua vista d'aguia, o descobriu e assignalou desde os primeiros

tempos. Panamá, aliás, sempre despertára o entusiasmo dos maiores sonhadores, desde os remotos dias do descobrimento, surpreendidos e inspirados pela excepcional situação do isthmo, ponto de convergencia de todos os caminhos mundiaes. Depois, o canal inter-oceanico veio corroborar, tornar palpavel e effectivo o sonho ardido dos visionarios. Concebeu-o o genio francez, encarnado na gloria sem macula, embora villipendiada, de Lesseps; realizou-o o genio americano, com as energias indomaveis da sua raça. A fatalidade historica impoz a criação alli d'uma pequena republica, que bem pode aspirar a ser, no futuro, um campo neutro da solidariedade humana. Não dispõe de fortes exercitos, nem pretende a ascendencia da força physica. Em compensação, procura dignamente grangear uma preponderante situação moral, como convem ao seu papel de seio hospitaleiro da fraternidade das nações. No seu solo se immortaliza, com o deslúbramento, a grandeza, a magnificencia, a opulencia d'um dominador engenho, a energia norte-americana, estereotypada na mais colossal empreza do capital e da sciencia.

Voltando ao documento de 1824, de admi-

ravel superioridade e firmeza, nota-se nelle a falta de alguma cousa essencial e precipua, que era, em verdade, o que se pode chamar a integração do pan-americanismo, com a entrada do Brasil e dos Estados-Unidos. Não vacillando mais em estender o seu projecto ao continente todo, deu instrucções aos representantes columbianos na Casa Branca e em St. James, para formularem o convite por intermedio da Legação do Imperio em Londres, e, directamente, em Washington, pelo órgão do plenipotenciario Salazar. Este, dirigindo-se ao Governo norte-americano, e devidamente autorizado, não se limitou a formular o convite; fallou na possibilidade de se concertarem medidas efficazes de resistencia a qualquer tentativa de colonização estrangeira no continente americano, e discutir-se a applicação dos principios de legitimidade aos Estados americanos em geral. A parte final d'essas instrucções dizia muito de perto ao Brasil, que não podia naturalmente tolerar a discussão do seu regimen politico. Por isso, talvez, não pudemos estar presentes na grande assembleia. Era, no fundo, o phantasma da Santa-Alliança, obcecando os promotores do Congresso.

Entre os artigos que a Columbia propoz ao Perú, para servirem de base ás discussões no Congresso, uns se referiam aos belligerantes e outros aos neutros na guerra hispano-americana. Os primeiros não nos interessam, no caso vertente, por dizerem respeito á situação domestica das republicas irmãs. Os demais encerram medidas de alcance maior. Merecem transcriptos e meditados: I. Adopção de medidas para tornar efficaz a declaração do presidente dos Estados-Unidos, para frustar, no futuro, qualquer tentativa de recolonização do Novo-Mundo (Doutrina de Monröe). II. Estabelecer principios fixos de direito internacional com o fim de evitar choques sobre pontos controversos. III. Fixar as relações politicas e commerciaes que devem existir entre as partes contractantes e os Estados que, como o Haiti, se declararam independentes da metropole sem terem sido reconhecidos. IV. Abolir o trafico de escravos africanos. V. Adoptar um plano de hostilidades contra a Hespanha. (Este paragrapho envolveria toda a America numa politica de represalias contra a Hespanha). VI. Procurar a fixação dos limites entre os novos Estados, sendo adoptado o criterio

do «uti possidetis», na ultima revolução. VII. Condições de soberania de cada Estado. VIII. Estabelecido o anterior, será declarado que os Estados Americanos, longe de fomentarem e auxiliarem os planos dos descontentes e dos ambiciosos, deverão, ao contrario, cooperar em prol da manutenção dos Governos legitimamente constituídos, por todos os meios ao seu alcance. IX. Ao serem ratificados por todos os Governos os tratados celebrados pelo Grande Congresso Federal dos Estados Americanos, declarar-se-ha que esses tratados constituem o Codigo do Direito Publico Americano, obrigatorio para todos os Estados que formam o Congresso.

O Chile e o Perú concordaram «in limine» com essas condições. Mas o Chile atravessava um periodo difficil de agitação intestina e, por isso, não promettia nomear immediatamente os seus plenipotenciarios. A Argentina, inspirada por Bernardino Rivadavia, revelou menos sympathia pelo projecto e prometteu designar representantes, com a reserva de restricções fundamentaes. O convite foi acceito pelo Brasil e pelos Estados-Unidos, tambem com uma restricção natural: da mais stricta neutrali-

dade com as partes belligerantes. Convem determo-nos um pouco na parte relativa ao Brasil. Em nota dirigida ao nosso plenipotenciario em Londres, visconde de Itabayanna, o Sr. Manoel José Hurtado, ministro da Columbia, recapitulava os objectivos essenciaes do Congresso, que eram, como já vimos, alem da consolidação da independencia das Republicas hispano-americanas, a regularização de alguns pontos controversos de direito internacional, e o estabelecimento, por meio de tratados geraes, das bases d'um direito publico americano. Itabayanna respondeu em tom muito cordial e apressou-se em communicar ao Rio de Janeiro o convite. A 30 de Outubro de 1825, o nosso diplomata, devidamente autorizado pelo Ministro dos Estrangeiros, Carvalho e Mello, enviava ao plenipotenciario Hurtado uma resposta definitiva, documento historico da maior importancia. «O Imperador, diz elle, teve a bem acceitar o convite que lhe foi dirigido pelo Governo Columbiano, para que o Brasil se associe aos demais Estados da America, que se vão reunir no Panamá, para regularem de commum accôrdo as suas relações mutuas e fixarem seus respectivos systemas politico

e commercial. A politica do Imperador é tão generosa e bem intencionada, que estará sempre prompta a contribuir para o repouso, a felicidade e a gloria da America; e logo que as negociações relativas ao reconhecimento do Imperio sejam honrosamente concluidas no Rio de Janeiro, enviará um plenipotenciario ao Congresso, para tomar parte nas deliberações de interesse geral, compatíveis com a stricta neutralidade que mantem entre os Estados belligerantes da America e a Hespanha». A linguagem do Imperio, como se vê, era de molde a satisfazer amplamente os desejos de Bolivar. Pedro I se revelara á altura do momento historico. O Brasil desejava colaborar lealmente na vasta obra, que devia ser penhor de honra do continente. Pouco depois nomeavamos o conselheiro Theodoro José Biancardi nosso delegado perante o notavel congresso.

De Biancardi pouco ou nada se conhece. Era official-maior da secretaria de Estado dos Negocios do Imperio. Queremos, porem, abrir um parentese para lembrar a homenagem que lhe tributamos em 1926, no congresso pan-americano commemorativo do de Bolivar. Naquella occasião, por

proposta nossa, secundada pelo columbiano Dr. Eduardo Posada, unanimemente approvada, o congresso «registrou nos seus annaes uma lembrança piedosa e tributou um preito de veneração á memoria dos delegados da America designados para assistir ao congresso de 1826 e que, por circumstancias independentes das suas vontades, não puderam comparecer ao isthmo, sendo, entretanto, fieis interpretes dos sentimentos pan-americanistas dos governos que responderam ao convite de Bolivar. Nesse numero figuram os representantes da Bolivia, dos Estados-Unidos e o do Brasil, conselheiro Theodoro Biancardi.»

Justificando a proposta dissemos que: «poderia parecer extranha a citação do nome esquecido de Biancardi, não registrado pelos principaes historiographos do congresso. Entretanto, a moção que tinhamos a honra de submeter ao voto da assembleia encerrava um indirecto significado, um sentido cordial, desejando comprehender naquellas festas em que parecia quiçá pouco interessado o nome do Brasil, a sua adhesão historica ao pensamento do homem de genio. Dentro da nossa orbita autonómica de evolução politica, os brasi-

leiros também acalentávamos desde os primeiros tempos idénticas esperanças generosas, sentindo-nos, em corpo e alma, parte integrante desta América indivisível e eterna, sentindo as pulsações dum mesmo coração dentro do nosso organismo. O primeiro imperador, príncipe generoso e impulsivo, heroe theatral do grito do Ypiranga, europeu de origem, foi comtudo dos que mais intelligentemente se adaptaram ao ambiente americano, título de benevolencia que não pode ser disputado por nenhum outro mandatario das antigas colonias da América. Ao seu lado o claro e formoso espirito de José Bonifacio, patriarcha da Independencia, concebia também pensamentos e aspirações de caracter americanista. Por isso Itabayana poud responder em Londres ao ministro da Columbia, Hurtado, revelando perfeita idéntidade de vistas com Bolivar, ampla e sincera adhesão ao seu credo. O Imperio se sentia dentro da corrente pan-americana e podia, sem vacillações ou cavilidades, collaborar em prol do vasto projecto de Bolivar. Comprehendia em these e accetava em plenitude a idéia mater do congresso, porque a politica de Pedro I (Nota

de Itabayana) «generosa e bem intencionada, estaria sempre prompta a contribuir para o repouso, a felicidade e a gloria da America». A unica restricção se referia aos deveres neutros, por estarmos em paz com a Hespanha; em tudo o mais, queriamos dar testemunho da nossa convicta e desprendida adhesão. N'este consoante o Imperio nomeou Theodoro José Biancardi para a delicada e importante missão de representalo no seio da America republicana, que entretanto dava mostras de desejar receber a nossa monarchia de braços abertos, com espirito acolhedor. Biancardi não chegou a partir para o Isthmo, e este é um ponto não completamente elucidado pela curiosidade historica, mal esclarecida a respeito. Talvez o escrupulo dynastico suscitasse a unica incompatibilidade capaz de arredarnos do Panamá, uma vez que a legitimidade, segundo annunciou em Washington o plenipotenciario columbiano Salazar, seria uma das delicadas questões ventiladas no congresso. D'ahi, quiçá, a suspicacia do Imperio, que antes da indiscreção de Salazar esteve dispôsto a entrar francamente no caminho da collaboração continental. O nosso plenipotenciario, d'ess'arte, ficou

alheio á brilhante iniciativa, como alheios ficaram outros, por motivos fortuitos e imprevisíveis, taes os norte-americanos e os bolivianos. Faltam-nos aqui dados biographicos do conselheiro Biancardi, e bem os desejaríamos recordar, por melhor definir as intenções do voto propôsto. Queremos enxergar n'elle, porem, pela força persuasiva da sympathia, o vulto capaz de dizer, no plenario da America de 1826, algumas palavras convincentes sobre a sinceridade com que praticavamos desde a primeira hora as mesmas doutrinas de concordia americana. A homenagem proposta, no tocante a Biancardi, deseja ser sobretudo um symbolo capaz de traduzir o nosso entusiasmo pelos ideaes de Bolivar, cuja gloria, desde aquelles memoraveis dias, já sabiamos apreciar e amar, e hoje, mais do que hontem, podemos proclamar com vibrante sinceridade.

Retomando o fio da exposição, é força insistir no benefico influxo do grande Canning, em prol da harmonia de toda a America. Folheando o *Archivo Diplomatico da Independencia*, constata-se o conselho sensato e constante do velho estadista aos nossos insignes plenipotenciarios em

Londres, Itabayanna e Barbacena. O general O'Leary quer acreditar que o escopo primordial da Inglaterra fosse sustentar o unico throno da America. «A Inglaterra, diz O'Leary, abrigava suspeitas. Temia que o Congresso de Panamá proscrevesse a monarchia da America e propagasse exagerados principios de liberdade.» «Mas (acrescenta adeante o mesmo historiador) não eram essas as intenções dos que n'aquella epoca regiam os destinos dos novos Estados, embora tambem seja certo, por outro lado, que nem Bolivar, nem a Columbia, teriam consentido no estabelecimento de governos monarchicos na America».

A mór parte dos hispanos era, de facto, infensa á monarchia. Algumas vezes, porem, pensaram n'ella, havendo mesmo projectos positivos e O'Leary dil-o em outro fragmento: «Cançada da guerra e convencida da sua debilidade, a America Hespanhola teria gostosamente consentido em sacrificios parciaes, e sem duvida seriam estabelecidos novos systemas adequados á sua anterior educação e á indole dos seus habitantes.»

Canning, ainda segundo O'Leary, manifestou os seus temores ao ministro da

Columbia, e só se considerou tranquillo quando Hurtado lhe garantiu que a Republica, longe de abrigar os designios que lhe eram attribuidos por inimigos europeus, tinha convidado o Imperador do Brasil a tomar parte nas deliberações do projectado congresso, como, egualmente, veria com o maior gosto a nomeação d'um enviado britannico. Pouco depois o plenipotenciario columbiano, cumprindo instrucções do seu governo, ia adeante e propunha uma alliança offensiva e defensiva com a Grã-Bretanha. Em face do nosso *Archivo Diplomatico da Independencia*, comprehende-se o duplo jogo de Canning, com os representantes da Columbia e do Brasil. Pouco mais ou menos na mesma epoca, chamava elle Gameiro Pessôa e lhe expunha receios de que o Imperio nutrisse sentimentos hostis a Bolivar. Gameiro Pessôa, por desfazer esse temor, serve-se do mesmo argumento de Hurtado, a *contrario sensu*: o Brasil, dizia elle, acabava de acceitar o convite para o Congresso do Panamá, e, assim, mantinha as mais cordiaes relações com a Columbia. Em verdade, o objectivo intimo de Canning, ao interpellar d'ess'arte o columbiano e o brasileiro, era provocar-

lhes justamente a declaração de que não pensavam em quebrar a harmonia e a paz da America. A Inglaterra aceitou com summa cautela o convite de Bolivar. Enviou, como seu representante, sir Dawkins, «apenas para ouvir as informações que tivessem a bem communicar-lhe, abstendo-se de tomar parte nos plenarios, e apenas dando conselhos quando lh'os solicitassem.»

O Congresso de Panamá, a formosa ideia acalentada pelo genio de Bolivar, durante toda a sua gloriosa vida, estava destinado a fallir. De facto, só chegaram ao Isthmo os delegados do Perú, da Columbia, de Guatemala e do Mexico. Os primeiros foram os peruanos, Pando e Vidaurre, que aportaram a Panamá a 13 de Junho de 1825. Os columbianos arribaram seis mezes depois! Os guatemaltecos chegaram a 18 de Março do anno seguinte, e os mexicanos, generaes Michelena e Dominguez, a 4 de Junho: um anno depois dos peruanos. A assembleia foi, pois, installada, com assistencia dos quatro paizes, a 22 de Junho de 1826. As discussões se encetaram sob maus auspicios, com rivalidades domesticas de peruanos e columbianos, de mexicanos e guatemaltecos. Os congressistas chegaram afinal a con-

certar um tratado de união, liga e confederação perpetua, entre os quatro Estados representados, e dispuzeram sobre questões somenos de alliança militar, fixando os contingentes a serem fornecidos, em caso de necessidade, pelos contractantes.

Das outras nações convidadas por Bolivar, Buenos-Ayres e o Chile não quizeram sequer nomear delegados. A Bolivia correu pressurosa, mas os seus representantes não chegaram ao Panamá. Dos norteamericanos, Richard Anderson e J. Sergeant, o primeiro morreu em caminho e o segundo não chegou a tempo. O nosso Biancardi não partiu para o Isthmo. Essa foi a grande magua de Bolivar. Depois do insuccesso de Panamá, o illustre caudilho entra em declinio, como se um mau fado quizesse inspirar os seus ultimos dias. Elle mesmo o disse, em horas amargas, escrevendo, de Guayaquil, aos seus amigos da Nova-Granada: comparava-se áquelle grego doido que pretendia, do alto d'um rochedo, dirigir os barcos que navegavam no mar largo... Immensa, inenarravel dôr, feriu o peito anciado do grande homem, vendo dissipar-se o mais formoso escopo de toda a sua obra.

Foi um desastre o congresso de Panamá, muitas vezes se tem dito, e os factos, apontados friamente, o confirmam. Mas dentro desse insuccesso ficou alguma cousa grandiosa, que não se sepultou, e renascerá, entre esplendores do futuro, para grandeza da America, para immortalidade de Bolivar. As resoluções adoptadas não assumiram o porte alevantado e transcendente que só poderiam revestir em verdade com a assistencia d'outros. Alguns escriptores, entre o pessimismo e a displicencia, chegaram mesmo a classificar de fracasso o congresso. Preferimos, porem, ficar com o insigne Clay, quando o considera «marco milliarario d'uma nova era na historia do mundo». 1826, não ha duvida, foi a semente lançada á volubilidade dos ventos, para encontrar, algum dia, no seio da terra amiga, o *humus* propicio á germinação. Utilizando aquelle mesmo molde de Bolivar, servindo-se de ideias parallelas e affins, renovando identica aspiração, os posteros americanos foram aos poucos dando corpo e alma á semente perdida. Para proval-o singelamente ahi está a historia dos congressos e conferencias continentaes. Em 1847 em Lima, em 1856 em Santiago, em 1864 e

1878, de novo, em Lima, em 1888 em Montevideo, e, de 1889 a 1927 em Washington, no Mexico, no Rio de Janeiro, em Buenos-Ayres, em Santiago, em Havana, nas cinco conferencias pan-americanas, lenta, mas seguramente, a America foi desenvolvendo e concretizando o ideal de Bolivar em seus diversos aspectos e cada vez mais o direito publico americano, adivinhado pelo Libertador, vae se convertendo em realidade proficua e brilhante, até chegar algum dia á meta final, quando a arbitragem tenha attingido uma illimitada e firme efficacia, quando o direito seja crystallizado no texto d'um codigo de sancção perfeita, quando, emfim, o sonho dos visionarios, sobretudo do maior dos visionarios, transpareça no esplendor da vida futura, em todas as espheras das relações internacionaes, juridica, economica, social, intellectual, scientifica, administrativa, politica.

Caminhando na direcção dessa bemdita e fecunda realidade, ninguem poderá esquecer aquella data immortal de que fallava Bolivar, nem o congresso que, frustrado na apparencia, encerrava de facto, no fundo, o germen de todas as verdades e conquistas do futuro.

## ○ sonho de Natividade Saldanha

**E**M fins de 1827 chegou Bolivar a Bogotá, havendo palpado os perigos da desintegração do territorio da Republica em todas as suas provincias. Intacta a sua energia, forte no seu optimismo, concebeu uma nova organização politica para fortalecer e consolidar os vinculos nacionaes. Estabelecida a dictadura na Grã-Columbia, atravez dess'outro systema seria possivel salvar do naufragio certo a obra patriotica a que se vinha dedicando de corpo e alma desde a mocidade. Latentes os sentimentos regionalistas das provincias, seguindo as circumscripções administrativas do tempo colonial, com o apoio efficaz de tres dos mais celebres

tenentes de Bolívar, mal podia elle conter a maré montante da dissolução nacional. Baseado em nova carta politica, termo de transição entre a republica e a monarchia, pela copia de poder concentrada nas mãos do chefe de Estado— reassumiu o governo, entre protestos dum numeroso partido, contra elle formado agora no seio da propria patria.

Foi nesse sombrio momento da sua vida, quando o implacavel destino ia mostrar-lhe a inanidade do esforço de tantos annos de gloria, quando a America tinha deixado perecer á mingua o sonho do Panamá e a Grã-Columbia, trahindo o ideal da sua criação, se preparava para o esphacelamento— foi nesses aziagos dias que um poeta brasileiro, batido pela desgraça, chegou a Bogotá com a esperanza de encontrar em Bolívar um oraculo para a implantação da republica no Brasil. Em longos annos de residencia diplomatica na capital da Columbia moderna, procuramos recolher os restos perdidos do espolio de José da Natividade Saldanha, e a essa obra piedosa voltaremos algum dia, para render justiça a um patricio infeliz, cuja sina amarga ainda não logrou, apezar do tempo

decorrido, uma voz de reabilitação e carinho. Quem era Saldanha, quaes os motivos da sua frustrada missão em Santa Fé?

Elle apparece em nossa Historia como um daquelles moços patriotas, activos e idealistas, que sonharam com a republica, no primeiro quartel do seculo passado, nos agitados dias do Reino-Unido e do primeiro Imperio, querendo renovar a generosa aventura do precursor Bernardo Vieira de Mello ou do protomartyr Tiradentes. Em 1817 estalou no Recife um movimento republicano e a monarchia facilmente dominou a audaciosa arrancada. Não soube ser generosa, afogou em sangue aquelle punhado de moços visionarios. O filho e homonymo do celebre Padre Roma, uma das maiores figuras de 1817, preso e conduzido á Bahia, obrigado a assistir ao supplicio do proprio pae, impressionou-se de tal sorte pela terrivel tragedia, que alli mesmo jurou, sobre o cadaver daquelle que lhe dera o nome e a honra, consagrar a vida ao ideal da liberdade do continente. Evadiu-se, depois de varias vicissitudes conseguiu chegar á Columbia, ainda a tempo de tomar parte na homerica acção de Quezeras del Medio. Foi José Ignacio de

Abreu e Lima, general de Bolivar, cujo heroico perfil, assignalado em quinze annos de batalhas na America Hespanhola, teremos ensejo de estudar em capitulo seguinte. Emquanto Abreu e Lima revelava as suas inexcediveis qualidades de bravura, em Pernambuco voltava á tona a ideia da republica, originando a nova revolta de 1824. Ainda desta vez a monarchia suffocou com crueldade o movimento subversivo em que se contavam moços de talento e patriotismo innegavel. Muitos dos chefes de 1824, porem, conseguiram escapar ao carrasco e puderam refugiar-se no estrangeiro. Assim, pediram o amparo de extranhas consciencias o ephemero presidente da confederação do Equador, Manoel de Carvalho Paes d'Andrade, o secretario de Estado José da Natividade Saldanha e o governador d'armas, Falcão de Lacerda.

Tomemos, pelo que nos interessa, a figura do secretario, e, antes de examinarmos a sua calumniada acção politica, procuremos, em breves traços, saber do logar que lhe compete na historia litteraria. Poeta do arcadismo, os mestres da critica não quizeram reconhecer os fóros da obra de Saldanha, demasiado humilde. Roméro, Veris-

simo, Araripe, Coelho Netto, Ronald de Carvalho, apenas mencionaram aquelle nome obscuro em meio duma luzida turba de versejadores... Entre tantas sombras gloriosas, de destemidos paladinos da nossa independencia politica e litteraria, o logar menos brilhante tocou justamente ao protagonista deste drama. Não merece elle, contudo, tanto menospreço. Na maxima parte, as suas rimas conhecidas representam, na realidade, cantos da meninice, devaneios da adolescencia: aquelle meigo e selecto engenheiro que tanto promettia, não chegou a accumular o summo de indispensavel experiencia para dignificar a sua emoção artistica. Certo, viveu o bastante para elevar a sua obra a uma mais lidima situação; aos trinta annos todos os grandes poetas já revelaram o genio que os immortaliza; mas, quando a intelligencia de Saldanha hauria alento para o largo remigeo, foi que o destino lhe apontou o caminho do mais ingrato dos exilios. Desde então, o soffrimento afoga o seu lyrismo, a miseria estrangula o seu idealismo. O pouco que se conhece da sua modesta vida em Santa Fé de Bogotá mostra, no emtanto, que, apesar da desdita, as suas faculdades rythmicas se aprimoravam

nos últimos annos, nem se deve esquecer que a dôr é a grande mestra da poesia... Remontando ao Natividade dos primeiros tempos, vê-se que, mau grado o diuturno manuseio dos arcades lusos, elle sempre sabia escolher, na sua palheta, côres deliciosas para a paisagem do amado Pernambuco. Ahi estão, como prova evidente, as suas odes anacreonticas, ahí está, sobretudo, a metamorphose de Meliso e Bogary. Nos seus versos se surpreendem, não raro, os gorgeios do sabiá, descortinam-se as claras águas do paiz natal, margeadas de ingazeiros, o vaporoso beija-flôr sugando o nectar da alva bogary... aspectos impregnados do perfume tropical, e com tintas luminosas... Depois, em Coimbra, é a fascinação da paisagem europeia, e quasi esquece a natureza americana. Seguindo o exemplo de tantos outros, vê no contraste das estações o espelho da sua psychologia. Mas, ainda servindo-se de alheios matizes, não disfarça o substractum da sua esthesia; na vehemencia dos seus amôres, na intensidade da sua melancholia, no brasileirismo transbordante, vislumbra-se alguma coisa muito nossa... Se não consegue uma absoluta autonomia dos modelos reinôes, por

outro lado vive a proclamar, com frenético desvairo, o seu patriotismo. Do primeiro ao ultimo verso, do seminário de Olinda ao Pequeno Parnaso de Santa-Fé, exalta os nossos feitos guerreiros e, ademais, diz até que extremos de abnegação e sacrificio sóe conduzil-o o amôr da patria.

Por fim, em Santa Fé de Bogotá, não cessa de evoluir o seu claro espirito. Vive sete annos na cidade remota, em constante convivio com a mocidade intelligente e patriótica da Nova-Granada. Exerce o professorado, diffunde a semente do seu ideal e da sua erudição. Em livro que esperamos publicar algum dia, buscamos recolher as provas palpaveis do seu influxo na mentalidade de moços poetas que com o tempo viriam a ser celebres. José Joaquim Ortiz, reputado principe dos vates granadinos, eis o grande amigo e discipulo de Saldanha. João Francisco Ortiz, segue-lhe as pegadas. No generoso espirito desses dois poetas irmãos a *empreinte* do brasileiro é indelevel. Lembram-no até os extremos dias de gloriosas carreiras, com a emoção duma saudade que não se extingue. Luiz Vargas Tejada, patriota granadino, inspirado lyrico, fundador do theatro da Columbia, obedece

a intimas suggestões do exilado. Admiram-no, estimam-no em Bogotá o argentino Miralla, o venezuelano Baralt, tambem filhos da bohemia, afastados dos patrios lares, e tambem malsinados pela dôr. Esses e muitos mais, *j'en passe et des meilleurs*, o poeta José Euzebio Caro, o juiz Auza y Ximenez, o escriptor catholico Garcia Tejada, o celebre caudilho bolivarista Leocadio de Guzman, attestam, em fórmula patente, as gentilezas do coração de Saldanha, a seducção da sua intelligencia imaginosa e apaixonada, a actividade dos seus ideaes, mesmo em ambiente extranho. Com essa sensibilidade quasi doentia, expulso do Brasil e condemnado á morte, o pernambucano tinha ido a Bogotá magnetizado pela estrella offuscante de Bolivar. Se não, vejamos.

Quer em 1817, quer em 1824, os republicanos de Pernambuco tinham olhos fitos na epopeia da independencia hispano-americana. Nem se póde duvidar que conheciam e amavam a figura de Bolivar, paladino da liberdade e da democracia. Num parallelo de facil erudição, consideravam o libertador um novo Washington. Lembrando as jornadas de febre e desvairo de

1817, o commendador Antonio Joaquim de Mello, sobrevivente, explana, em estylo alambicado e ingenuo, os moveis que ferviam na cabeça ardorosa dos insubmissos: «Já os povos conterminos, ao sul e ao poente do Brasil, derramaram em mil batalhas o seu robusto sangue, para sacudir o jugo colonial e constituir nações independentes e livres. Não acompanhál-os est'outra parte da America, o Brasil, em tão generosa e sublime empreza, seria prova indeclinavel de atrazo intellectual e moral, de submissão e vil frieza ante os ferros da tyrannia absoluta e embrutecedora. Livrou-a, porem, desse opprobrio, a provincia de Pernambuco.» Os democratas pernambucanos procuraram imitar o exemplo dos seus confrades do resto da America. Os vencidos de 1824, asylados em Londres e Pariz, obedeceram ao mesmo pensamento. O presidente Manoel de Carvalho teve a fortuna de encontrar na fuga a protecção da bandeira ingleza. Em Londres, Canning assegurava a sua liberdade, não attendendo a reclamos de Pedro I, fingindo dar explicações, mas, de facto, deixando em paz o rebelde. Itabayanna, em linguagem enfurecida, como ferro em braza, estigmatizava a

personalidade de Manoel de Carvalho, chamando-o monstro e facinora... Canning sorria e archivava aquellas notas diplomaticas com resaibo de diatribes. Informavam o marquez de Barbacena e o visconde de Itabayanna ao chanceller Carvalho e Mello que o governo inglez parecia indifferente, emquanto «o protervo Carvalho» fazia inserir, a molde de acinte, nas columnas do *Times*, uma carta de agradecimento dirigida aos commandantes das fragatas inglezas *Tweed* e *Brazen*, que o tinham livrado das garras do Imperio. Os dois insignes representantes de Pedro I seguiam com interesse e emoção os passos de Paes de Andrade, conspirador de viseira erguida: «O malvado Carvalho está aqui fazendo alarde da sua criminosissima rebeldia, e leva tão longe a sua impudencia e arrojo, que diz ter o desígnio de passar aos Estados-Unidos ou á ilha de São-Domingos, armar alli duas escunas e, com ellas, infestar as costas do Imperio.»

Tramava, sem duvida, uma expedição de largos recursos, perigosa e audaz. Acolytava-o, ainda, o ex-commandante das armas do Recife. Encarava com astucia o lado pratico da aventura, esperando realizar na In-

glaterra ou em Hamburgo uma vultuosa remessa de pau-brasil, que lhe proporcionaria amplos recursos monetarios. Mas os ministros do Imperio tomaram providencias e precauções para frustrar o negocio e impedir que o culpado recebesse o quantioso lucro. Do mesmo passo, Manoel de Carvalho se entendia com outros correli-gionarios refugiados em Londres e Pariz, e parece ter tido mesmo, sobre o assumpto, mais duma entrevista com o illustre Canning. Expoz-lhe um plano phantastico, e fallou da hostilidade de Bolivar ao Imperio, suspeito na America pelas tendencias ambiciosas dos Braganças. Nem será afoito admittir que na conferencia de 24 de Junho de 1825, no Foreign Office, Canning, alludindo ás relações do Brasil com a Columbia, tenha interrogado Itabayanna sobre os propositos dos revolucionarios de Pernambuco. Mas Canning, tranquillizado pelo plenipotenciario brasileiro, repetiu, ainda uma vez, considerar a nossa monarchia uma alliada natural da Grã-Bretanha em o Novo Mundo. Paes de Andrade, portanto, apesar de ter assegurada a liberdade de agir, não encontrou nenhum apoio no gabinete britannico. Foi quando as suas vistas se

voltaram definitivamente para Simão Bolívar, imaginando a possibilidade de obter do grande lutador a ajuda dos seus exercitos invenciveis para democratizar o Brasil.

O nucleo principal dos conjurados era em Pariz. Tambem na capital franceza o Imperio dispunha da infatigavel vigilancia do visconde da Pedra-Branca. Os diplomatas brasileiros daquelle tempo viviam lobrigando sombras e phantasmas de temerosos inimigos do throno... O conde de Villèle prestava-se de bom grado á espionagem, e, em Janeiro de 1825, a legação do Brasil sabia que «tinha chegado ao Havre, procedente dos Estados-Unidos, com passaporte portuguez, um tal Natividade Saldanha, que dizem negro, secretario do negro governo de Carvalho...» Dias depois Pedra-Branca, menos assustado, enxergando os horizontes menos negros, sabia que Saldanha recebera ordem de retirar-se de Pariz. Colhiam-se, ao mesmo tempo, os fios da conspiração, que era real. Os brasileiros se congregavam numa especie de sociedade secreta, sob o patrocínio de Bolívar, para dar em terra com o sceptro de Pedro I. Para esse effeito deliberaram enviar á Columbia um emissario secreto. A informação dos esbirros do

conde de Villèle, datada de 16 de Junho de 1825, afasta qualquer duvida. Vale a pena relel-a. « Il n'y a plus de doute sur l'existence de la société créée pour exterminer la monarchie au Nouveau Monde, nul doute aussi que le foyer est dans la Colombie, et que des ramifications sont partout dans l'Amérique, à Londres, où les séances se tiennent chez l'agent de la Colombie, et dernièrement aussi à Paris. Nul doute encore que les affidés de Carvalho attendent que Bolivar, ne sachant que faire de son armée, et pour distraire les esprits, se porte à Buenos-Ayres et attaque le Brésil. Des émissaires de ces messieurs ont été envoyés en Colombie, et vous en aurez la preuve dans la copie de la lettre originale que je vous ai montrée et que je vous envoie d'après votre demande. »

Pois o enviado dos bolivaristas brasileiros existia. Era exactamente o visionario Saldanha, que da Inglaterra partiu rumo á Columbia, em Maio de 1825, segundo se verifica duma carta de Manoel de Carvalho, datada de Liverpool, de 4 de Junho seguinte, contando os factos. O mesmo ministro da Columbia em Londres, Francisco José Hurtado, sabia dos fins secretos dessa

viagem. E o nosso meigo poeta vinha á America Hespanhola com propositos definidos. O seu biographo e dilecto amigo Antonio Joaquim de Mello não ignorou essa missão, embora desconhecesse o alcance do projecto dos conjurados bolivaristas de Londres e Pariz, muito numerosos, figuras de maior ou menor relêvo na Historia. É mister ajuntar, na Europa, outros indiçados da policia de Villèle, assim o irlandez naturalizado O'Hili (O'Leary?) e o duque de Sussex. Os conjurados tiveram a audacia de solicitar o apoio do proprio José Bonifacio. Saldanha, em Pariz, tinha sido acolhido com sympathia por estudantes pernambucanos, que viriam a ser, mais tarde, nada menos que Olinda, Itamaracá e Bôa-Vista.

Entre azares duma viagem cheia de peripicias, José da Natividade aportou primeiro a Caracas, capital da Venezuela, em 1826. Acompanhava-o o major Emiliano Felipe Benicio Mundrucú, que no mesmo anno publicou um interessante manifesto aos columbianos, narrando os serviços prestados á republica em Pernambuco, os horrores da perseguição aos vencidos e as difficuldades da fuga, e terminando assim:

«Famosos republicanos, bravos soldados, que soubesteis ganhar e sustentar a liberdade columbiana, vêde aqui um republicano mais, um irmão de armas.» Esse manifesto, que nos foi, pela primeira vez, obsequiosamente revelado pela Academia Venezuelana de Historia, deve ter sido lançado de accôrdo com Saldanha, propinando-lhe um ambiente de sympathia. Não tendo encontrado Bolívar em Caracas, o nosso poeta, para viver, exerceu a advocacia, grato á protecção do general venezuelano Escalona, a quem elle se refere affectuosamente em cartas datadas do exilio. Seguindo a esteira do libertador, não se demorou em Caracas e partiu, atravez dos Andes, para Bogotá.

Difficeis de descobrir, os rastros da sua escabrosa missão. É certo, porem, que Bolívar o recebeu, segundo uma referencia truncada do proprio Antonio Joaquim de Mello, o ingenuo Aonio da Arcadia pernambucana. —«O nosso humilde e doce poeta se apresentou ao immortal Simão Bolívar, armado e invencivel conquistador da independencia da sua patria. O successo foi igual; Saldanha foi acolhido muito benigna e favoravelmente...» Mas o commendador

Mello ignorava a transcendencia dos factos e nada mais esclareceu. Seus dados são extrahidos das cartas do fugitivo dirigidas á sua irmã Maria, em Olinda. O missivista guardava natural reserva em materia politica. Suas lettras eram de puro affecto. Na verdade a missão, naquella altura da carreira de Bolivar, era uma utopia, no conceito exacto de Henrique Otéro da Costa. «Teria sido delicadissimo para a mesma Columbia—acrescenta este abalisado sabedor da Historia columbiana—intrometter-se em questões intestinas dum paiz independente, com o qual a prudencia aconselhava guardar fraternas relações; mas, pondo isso de parte, admittindo que Santander encontrasse motivos para apoiar os republicos brasileiros, ficaria ainda de pé, a ser tomada em conta, a melindrosa situação interna daquella epoca, quando o dragão da dictadura escancarava as fauces pelos meandros da constituição bolivariana... Ninguem podia prestar attenção aos negocios dum paiz longinquo, segregado por milhares de leguas eriçadas de florestas virgens, quando aqui em casa resfolegavam as primeiras rajadas duma ventania de tempestade.»

Atravez das ultimas poesias de José da

Natividade repontam outros indícios vehe-  
mentes. Num soneto composto em Bogotá,  
entre terríveis ameaças de vingança contra  
o Imperio, exclamava:

Sim, a patria perdi, fui desditoso,  
Mas vivo sob as leis dum povo augusto...

Nest'outro soneto, tambem do exilio, ha  
fragmentos eloquentes, mal disfarçando o  
malogrado plano da vindicta:

Se pensas hoje, perfido tyranno,  
Firmar-te, sobre nós vibrando o corte,  
Enganas-te, pois sella a nossa sorte  
Do teu fim o decreto soberano!

.....

.....

Ha-de o sangue que vês tingir a terra,  
Heroes mil produzir a teu despeito,  
A patria libertar, fazer-te a guerra.

*Le patriotisme est une qualité négative  
en art*, disse alguém. A poesia patriotica de  
Saldanha só se recommenda pelo nobre  
sentimento que a inspirava. No exemplo  
citado, o «perfido tyranno» é Pedro I e os  
heroes annunciados deviam sahir daquela  
vasta conjuração bolivariana. Muitos annos  
mais tarde o insigne vate columbiano Ra-

phael Pombo, em lindas rimas consagradas ao brasileiro, podia appellidá-lo «namorado da Columbia heroica»:

Aguila libre, el águila modelo  
Te hizo expiar de tu raza el sambenito;  
Cristiano fiel, te viste allí proscrito;

Enamorado de Colombia heroica  
Y viendo, al culminar de tu carrera,  
Sobrevenir el caos, el cataclismo,

Triste, incapaz de interferencia estoica  
Tu propio ideal, temiéndole quimera,  
Ahogaste del letargo en el abismo.

Pombo, traductor de Saldanha, conhecia pouco o seu doloroso romance, por isso que escutava as lacunosas informações do plenipotenciario brasileiro de 1896, em Bogotá, José Augusto Ferreira da Costa. Emerito pesquisador, escaparam, comtudo, a este ultimo, muitissimos detalhes da vida do pernambucano, que permaneceu sete annos na capital da Nova-Granada, vendo apagar-se, em Março de 1832, segundo verificação nossa, a lampada do seu meigo espirito. Pombo, entretanto, com a divina intuição de poeta, tudo adivinhou sobre o epilogo da amargurada existencia: temendo fosse

chimera o seu proprio ideal, afogou-o em lethal abysmo...

Miguel Antonio Caro, outra figura primordial da litteratura granadina, de fórma impeccavel, linguagem castiça, pensamento austero e limpido, amava o arcadismo e soube apreciar José da Natividade, egresso de fementidos mestres da Arcadia Ulyssiponense e da Arcadia Ultramarina. Compoz Caro dess'arte um magistral soneto, no qual a sombra do desgraçado Josino Pernambucano falava ao seu amigo posthumo, o ministro Ferreira da Costa:

Cruzando ásperas cumbres y desiertos  
Llegas tarde al lugar donde mi vida  
En honda soledad se vió extinguida,  
Astro apagado en piélagos inciertos.

No sobrevive quien de mí te hable,  
Ni una cruz, ni una piedra, que mi fosa  
Indique en la extensión del camposanto...

O astro apagado em pelagos incertos —foi realmente um malsinado da Historia e da Litteratura. Olvidados os seus versos ternos e delicados, pereceu, com a morte de Saldanha, o tresloucado segredo do entendimento com Bolivar. Dos escriptores bogotenses amigos, nenhum faz allusão ao nota-

vel episodio. Nem mesmo os irmãos Ortiz, que tanto o amaram.

Os indícios vehementes que colligimos nessa amavel cidade de altura, Santa Fé, propinados sobretudo por velhas e nobres figuras de historiadores, serão dados á luz publica algum dia, em exhaustivo volume de evocação e piedade. Por emquanto não rasgamos o véu desta pesquisa essencial para a historia dos nossos prodromos republicanos. Natividade ainda hoje soffre pela culpa do seu puro ideal. E' tempo de rehabilital-o. Errada ou não, a sua missão junto de Bolivar merece examinada com respeito. Nem é licito verberar a sua insinuada falta de patriotismo, quando se desconhecem os pontos de detalhe do seu utopico projecto, concebido, aliás, na companhia de outros insignes brasileiros, que iriam occupar posições de realce no segundo Imperio, absolvidos, com o tempo, da tremenda rebeldia, emquanto o infeliz Natividade Saldanha encontrava, como premio, o martyrio e a morte.

## A monarchia na America

**N**ÃO só no Brasil, onde a emancipação politica se fez dentro da formula dynastica, mas em todo o resto da America, a ideia da monarchia precedeu a da republica e só por fortuitas circumstancias historicas deixou de prevalecer. A evolução natural, menos profunda, de mais facil realização, era, de facto, a que procurava transformar as antigas colonias em imperios, reinos e principados. Ellas não estavam preparadas para a republica immediata, careciam dum previo effeioamento. Bolivar, nas horas do declinio e nas vespervas da morte, com o peito alanceado pela amargura, comprehendeu e proclamou que a America Hespanhola soffria o mal da inquietude e instabilidade, justamente por

ter sido tão brusca a transição entre o obscurantismo e despotismo colonial e o mais avançado systema democratico, em que fôra modelada a independencia. Dahi o typo morbido do caudilho, o mal chronico do caudilhismo, turbulento e sanguinario, que caracterizou os primeiros tempos dessas tragicas republicas.

Entretanto, se a monarchia hespanhola desse opportunamente ouvidos ás suggestões do clarividente estadista conde d'Aranda, a sua America teria talvez realizado uma transformação mais lenta e tranquillã, como fizeram os Braganças no Brasil, graças aos bons fados que levaram Junot á velha Lusitania. Aranda, ministro de Carlos IV de Bourbon e plenipotenciario no tratado de paz entre a Hespanha, França e Inglaterra, em 1783, ao voltar a Madrid aconselhou o monarcha hispano fosse de encontro ás inevitaveis aspirações futuras das suas possessões do Novo Mundo, attribuindo-lhes, *sponte propria*, desde logo, uma quasi completa soberania, mediante a creação de tres fortes reinados no Mexico, no Perú, em a Nova-Granada. A America hespanhola, se prevalecesse o projecto Aranda, seria governada por tres reis, infantes da

casa de Bourbon, ficando Carlos IV com o pomposo titulo de Imperador de Todas as Hespanhas.

Godoy, principe da Paz, outra figura de relevo daquelles tempos, suggeriu um plano mais vasto, consistente na substituição dos vice-reis por principes regentes, que seriam tambem membros da casa real. Sabe-se, porem, que um dissidio occorrido logo depois entre Carlos IV, e o principe herdeiro, infante Fernando (mais tarde Fernando VII), dissidio provocado á sorrelfa pelo mesmo astucioso e ladino principe da Paz, veiu favorecer os manejos napoleonicos na peninsula iberica. Sob o pretexto de passar a Portugal, o marechal Murat occupou toda a Hespanha, e quando os Bourbons deram accôrdo de si estavam de facto manietados pelos francezes. O rei acabou abdicando na pessôa do herdeiro presump-tivo. Induzido este, pouco depois, a ir a Bayonna, encontrar-se com o imperador francez, foi victima do machiavelismo de Talleyrand, especialmente commissionedo para essa perfida empreza, e, afinal, privado do poder, foi substituido por José Bonaparte no throno da Hespanha.

Ora, antes da fementida entrevista de

Bayonna, o mesmo Godoy, principe da Paz, homem matreiro e previdente, dispuzera secretamente a remoção da familia real para o Mexico. Nada menos que isso. Curiosa e notavel coincidencia da Historia. Aos Bourbons estaria assim reservado destino identico ao dos Braganças, estabelecidos no Brasil pelos azares da campanha napoleonica. Os historiadores mostram, com os documentos em punho, que Napoleão não era infenso a esse projecto de evasão, pois uma vez consumado, mais facil seria o dominio da peninsula. O plano não se realizou ainda devido ao futuro Fernando VII, que, por intermedio dos seus asseclas, armou uma cilada a Godoy e a Carlos IV, impedindo-lhes a partida para o imperio azteca. Fernando conspirava contra o proprio pae, em connivencia, parece, com os francezes, como vimos, para usurpar-lhe o throno. A Carlos IV faltou a prompta e efficaz resolução. Nem teve a sorte do futuro João VI de Portugal e Brasil. Timido e inquieto, o rei madrilenho preferiu deixar-se ficar nas commodidades do Aranjuez, junto ao beaterio e á fradaria palaciana. Passou, assim, como phantasia morta no nascedouro, a sua frustrada trans-

ferencia para o Mexico. Abdicando, pela força das circumstancias, na cabeça do filho, este, por seu turno, entregou aos francezes a sorte da dynastia, no caviloso encontro de Bayonna. E a America Hespanhola, pelo imprevisto de tantas combinações frustradas, escapou assim a um destino semelhante ao do Brasil.

Depois, quando irrompe formidavel a lucta da independencia, muitos patriotas tergiversam ainda, e batem-se mais pela restauração de Fernando VII na Hespanha, do que pela mesma republica. Bolivar sobretudo realiza, entre todos os libertadores, prodigios de persuasão para attrahir os rebeldes ao seu crêdo emancipador, baseado na mais absoluta autonomia da antiga metropole. Mas o pensamento monarchico não morre. Annos após, nas horas de triumpho, são os mesmos tenentes de Bolivar que lhe propõem a fundação de uma dynastia. Ao sul da America, San-Martin é um monarchista de conhecidas convicções. O filho de Buenos-Ayres acompanhára seus paes á Hespanha, para cumprir o serviço militar. Affeiçoara o seu espirito ao regimen dos Bourbons. Ao realizar a sua obra na America, tornou-se mesmo intolerante

nas suas ideias, segundo O'Leary. «Agastava-se seriamente com os que divergiam das suas opiniões politicas e queria o predominio do systema preconizado, por não admittir que a maioria dos americanos tivesse capacidade para decidir do que lhes convinha, nem constancia para sustentar qualquer outro regimen». «Quer pelo seu character, quer pelo conceito que formava da revolução do Novo-Mundo, San-Martin estava convencido de que não era possível estabelecer outro systema politico fóra da monarchia. Enviou, nesse consoante, emisarios á Inglaterra, para offerecer o throno a varios principes, como o de Coburgo, depois rei da Hollanda.» E o mesmo sizudo historiador demonstra como no Perú imperava forte corrente em prol da monarchia, enfraquecida talvez pela fórmula impositiva com que queria fundal-a San-Martin.

O pensamento republicano de Bolivar impediu, de facto, a concretização dos varios projectos. Desde a famosa epistola da Jamaica, escripta em 1815, antes de começar a sua ascensão para a gloria, já elle proclamava que a monarchia era incompativel com a America. Mais tarde, no discurso pronunciado ante o congresso columbiano

de 1819, analysou com perspicacia e serenidade os regimens politicos. Fascinava-o a solida e inquebrantavel estructura do parlamentarismo inglez. Discutiou a conveniencia dos varios regimens para o caso vertente da Columbia, cujos males sociaes, como de toda a America, elle conhecia amplamente. Desejava a presidencia da republica revestida da maior autoridade, tendo presente o exemplo dos soberanos da Europa. «Nas republicas, affirmava então, o executivo deve ser mais forte, por isso que todos conspiram contra elle, ao passo que nas monarchias a maior força deve residir no legislativo, porque tudo conspira em favor do soberano. A veneração tributada pelos povos á magistratura real, cerca-a d'um prestigio que contribue para augmentar poderosamente o respeito supersticioso com que a amparam. O esplendor do throno, da corôa, da purpura; o solido apoio que lhe presta a nobreza; as riquezas immensas accumuladas por gerações inteiras numa mesma dynastia; a protecção fraternal que os reis se dispensam reciprocamente—eis ahi algumas vantagens consideraveis que militam em prol da autoridade real e a tornam quasi illimitada. Essas vantagens confirmam a

necessidade de attribuir a um magistrado republicano uma somma maior de autoridade do que a que possui um principe constitucional». Com o correr dos annos se accentuou o sentimento republicano de Bolivar. Ainda em 1819 elle assignalava que «a continuação da autoridade n'um mesmo individuo acarreta muitas vezes o fim dos governos democraticos. As eleições frequentes são da essencia dos systemas populares, pois nada existe mais perigoso do que conservar longo tempo um mesmo cidadão no poder. O povo se acostuma a obedecer-o e elle a mandar, d'onde decorre a usurpação e a tyrannia».

Quando Bolivar coroou a sua obra, dando um estatuto soberano ao Alto-Perú, transformado em republica independente com o nome symbolico de Bolivia, apezar das aspirações territoriaes do Perú e do Rio da Prata, já o seu cerebro soffreu uma evolução profunda. Sabe elle que nas provincias da sua grande patria germina o prurido separatista. Obedecendo á tradição colonial e a imperativos geographicos, a Grã Columbia experimenta a desordem dos partidos regionalistas, no Equador, Nova-Granada, Venezuela. Trabalhado pela experiencia e

pelo desengano, Bolivar concebe então a chamada «constituição bolivariana». Era o consulado vitalicio. Era a primeira transigencia com as suas puras ideias democraticas. Elle, que abominava Napoleão coroado imperador pelo que trahiou os principios republicanos, acaba preconizando um regimen politico que constitue um meio termo entre a republica e a monarchia. Ao apresentar o projecto em maio de 1825, profliga, ainda uma vez, o regimen dynastico, mas, em realidade, aconselha ás novas republicas um estatuto politico que no fundo representa o disfarce do systema monarchico, sob apparencias enganosas de republica. «Olhe-se a natureza selvagem d'este continente (falla Bolivar) que por si mesmo repelle a ordem monarchica; os desertos incitam á independencia. Aqui não existem grandes nobres, grandes ecclesiasticos: nossas riquezas eram quasi nullas e ainda hoje o são. Embora a egreja exerça influencias, está longe de aspirar predominio, contentando-se com a propria conservação. Sem esses esteios, os tyrannos não se tornam permanentes e, se alguns ambiciosos teimam em levantar imperios, Dessalines, Christovam, Iturbide lhes offerecem terriveis

exemplos. (*Note-se que Bolivar não allude a Pedro I*). Não ha poder mais difficil de sustentar-se que o d'um principe novato. Bonaparte, vencedor de todos os exercitos, não logrou fugir a essa regra, mais forte que os imperios. E se o grande Napoleão não conseguiu manter-se contra a liga dos republicanos e dos aristocratas, quem lograria fundar monarchias na America, n'um solo incendiado pelas brilhantes chammas da liberdade, sufficientes para devorarem os tabiques com que se armam esses cadafalsos regios? Não, legisladores, não deveis temer os pretendentes a corôas: teriam sobre as suas cabeças a espada pendente de Damocles. Os brilhantes principes obstinados em construir thronos sobre os escombros da liberdade, erigirão tumulos para as suas proprias cinzas, que hão de clamar aos seculos vindoiros o erro de preferir a fatua ambição á liberdade e á gloria.»

Apezar d'esse romantismo oratorio, Bolivar transigiu, e a prova provada estava na mesma constituição proposta. Aceita pela Bolivia e pelo Perú, encontrou ella reluctancias alhures. Duas consequencias se impuzeram. Por um lado a constituição bolivariana suscitou o apparecimento de-

clarado de ideias monarchistas, e varios dos mais famosos generaes da epopeia propuzeram sem rebuços a transformação, e a criação do Imperio dos Andes. Por outro lado, os espiritos de republicanismo convicto, repelliram qualquer cumplicidade com os innovadores, e abriram campanha contra o mesmo estatuto bolivariano, que para elles representava o inicio da dictadura e o disfarce da monarchia. O general José Antonio Paez, chefe da Venezuela, emquanto o libertador conhecia em Lima dias de apothese e triumpho, concebeu nitidamente o plano monarchico. Enviou o general Leocadio Guzman ao Perú para induzir Bolivar a coroar-se Imperador dos Andes. Os documentos estampados por O'Leary mostram, porem, a repulsa e intransigencia com que o grande democrata recebeu a proposta desvirtuadora da sua obra. Em carta ao general Francisco de Paula Santander, outro puro republicano, Bolivar se referia com inteireza aos emissarios propagandistas do imperio: «Quero tirar-lhes do pensamento um plano assim fatal, absurdo e pouco glorioso. Plano que nos deshonraria ante o mundo e a historia: que nos acarretaria o odio dos liberaes e o

desprezo dos tyrannos: plano que me horro-  
riza por principio, por prudencia e por  
orgulho. Este plano me offende mais que  
todas as injurias dos meus inimigos, pois  
me suppõe animado d'uma vulgar ambição  
e d'uma alma infame, capaz de nivelar-se á  
de Iturbide e outros vis usurpadores. Se-  
gundo esses senhores só se póde ser grande  
á maneira de Alexandre, Cesar e Napoleão.  
Eu desejo exceder a todos em desprendi-  
mento, já que não logro superal-os em  
empresas. Meu exemplo póde servir de  
algo á minha propria patria, pois a mode-  
ração do primeiro chefe echoará até a  
consciencia dos ultimos, e minha vida lhes  
servirá de paradigma. O povo ha de adorar-  
me e enxergar em mim a sua arca de  
alliança.»

E adiante, ao fallar das alternativas  
favoraveis e contrarias ao estatuto boliva-  
riano, e ao seu desejo de conservar-se como  
chefe militar exclusivo, alheio aos primei-  
ros passos de organização politica das suas  
republicas, e ao recusar o commando su-  
premo offerecido pelos argentinos para  
destruir o imperio brasileiro, elle termina  
com esta affirmacão categorica: «Claro está  
que repillo essas tendencias a todo o transe,

porque não se enquadram com os meus objectivos».

Assim, antes, durante e depois da epopeia, sem vacillar, Bolivar se manteve paladino da republica. Emquanto repellia do fundo d'alma o exemplo anti-democratico do imperador dos francezes, ia illuminar a intelligencia e retemperar as suas estructuraes convicções na lição magnifica dada em circumstancias analogas pelo libertador da America Ingleza. Tambem nos Estados-Unidos houve tendencias e velleidades monarchicas nos annos mais proximos á independencia. Jefferson foi, por personificar sobretudo a pureza do espirito democratico, dos que mais solidamente defenderam a obra da federação nascente. Em compensação Alexandre Hamilton, entre outros muitos, declarava, em 1775: «Sou partidario decidido d'uma monarchia exercendo limitado poder e formulo os mais sinceros votos em prol da actual familia reinante». (*Works of Hamilton, Lodge Ed.*) Após a batalha de Yorktown, o exercito parecia vacillar entre a republica e o imperio. Disse alguém que na primavera de 1782 se pensou seriamente em coroar Washington. A resposta de Washington ao coronel Lewis Nicola

deve ter impressionado a mentalidade de Bolívar: «Em vão me interrogo a mim mesmo para descobrir qual foi o passo da minha vida capaz de encorajar essa iniciativa—a maior infelicidade que poderia flagellar o meu paiz.»

Aqui ficam, nas linhas anteriores, as bases d'um vasto inquerito sobre o influxo da ideia monarchica nos prodromos da independencia. Nem precisamos alludir ás duas ephemeras tentativas de imperio no Mexico. Vê-se que, emquanto na America Portuguesa, mercê de multiplos factores e precedentes historicos, a monarchia se implantava, produzindo beneficos resultados, a despeito dos seus vicios essenciaes, assegurando a unidade nacional e a integridade do territorio, e preparando paulatinamente o advento da democracia— nas Americas Ingleza e Hespanhola a republica vencia desde a primeira hora, graças sobretudo á intransigencia dos principios de Washington e Bolívar, maximos campeões da liberdade e da democracia.

## A lealdade de Abreu e Lima

**D**ESAMPARADO pelos proprios patricios e gravemente enfermo, Bolivar renunciou á presidencia da Columbia, dispondo-se a partir para a Europa. Ao chegar ao porto de Carthagena as suas forças claudicaram e cobrou apenas animo para recolher-se ao solar dum amigo na visinha cidade de Santa-Martha. Finou-se na quinta de São Pedro Alexandrino, em 30 de Dezembro de 1830, abandonado e tragico, como um rapido crepusculo tropical, no bello dizer de Francisco Garcia Calderon. «Eu descerei tranquillo ao sepulchro se a Columbia conservar-se unida» —foram as suas derradeiras palavras, de amargor ante a certeza do desmoronamento proximo da sua obra. Em Santa-Martha, pequena urbs de aspecto colonial, res-

peita-se como um santuario, o triste retiro onde o libertador maguado conheceu os contrastes da inconsequencia humana. Pobres paredes nuas dão-nos ainda hoje a impressão do desconforto do infausto scenario. E os governos bolivarianos conservam com mãos piedosas a ultima estancia do heroe pan-americano.

Nas horas do crepusculo, entre a decadencia, a ingravidão e a morte, foi-lhe desvanecedora a lembrança dum bravo guerreiro, o nosso patricio José Ignacio Ribeiro de Abreu e Lima, cuja incorruptivel lealdade queremos recordar em paginas finaes. Revolucionario pernambucano de 1817, amigo de Bolivar, seu companheiro d'armas, seu devotado e fiel servidor dos extremos dias, o filho do celebre «Padre Roma», o impetuoso general das massas, condemnado á morte e fugitivo com a protecção da maçonaria, tinha chegado á Venezuela justamente nas vespersas do feito homerico de Quezeras del Medio. Elle o evocou em memoravel carta dirigida, quarenta annos mais tarde, ao general José Antonio Paez, o famoso caudilho dos llanos: «Eu vi nascer a Columbia nas Quezeras del Medio...» Tendo ao lado Paez e

Bolívar e perto do bravo Soubllette, viu a infantaria inimiga retroceder até os contrafortes da montanha, e o mesmo brasileiro, pouco depois, ás margens do rio Araure, foi incumbido de redigir o boletim duma spartana jornada. «As balas da artilharia inimiga vinham cair-nos aos pés ou passavam rente ás nossas cabeças». Rememorava com orgulho ser dos poucos veteranos de Vargas, Topaga, Molinos, Boiacá, gloriosas etapas da campanha da Nova-Granada. Em Boiacá puderam apreciar á luz meridiana suas singulares qualidades, impondo-se entre os mais arditos combatentes. Assombrou chefes e camaradas ao transpôr, sob cerrada fusilaria, o passo da ponte historica daquelle logarejo onde se mediram como gigantes os hispanos d'aquem e d'alem mar. Francisco de Paula Santander o galardoou, no momento mesmo da refrega, com uma das suas mais caras medalhas, cravejada com uma esplendida esmeralda de Muzo, joia que o procere granadino conservava tambem como um symbolo da patria, em cujas montanhas se encontra a inexhaurivel mina dessas pedras preciosas.

Em 1819 Abreu e Lima conheceu pela

primeira vez a capital da Nova-Granada, em seguida ao memoravel triumpho de Bojacá, e partiu para o norte como chefe do estado-maior de Soublette, batendo-se em Cucuta. No rio Apure, reuniu-se a Paez e, de novo com Soublette, correu ao oeste da Venezuela para coadjuvar a divisão irlandeza ameaçada. O mau clima minou-lhe o organismo, foi recolhido quasi agonizante ao hospital de sangue de Angostura. Mas não tardou em volver ás fileiras de Paez, o intrepido «leão do Apure», a quem devéras se affeçoara, identificando-se com o character franco e indomavel dos legendarios *llaneros*. Portou-se com brio em Carabobo, Savana de la Guardia, Puerto-Cabello, distinguido por Paez com o epitheto de *El Guapo*, o valente, e promovido, sem demora, a tenente-coronel e coronel. Tinha sido admittido como tenente, promovido a capitão pelo proprio Bolivar, em 20 de Fevereiro de 1819, não tardou em galgar postos mais elevados, como se vê. Paez fel-o promover a coronel depois de Carabobo, constatando o seu heroismo em notavel *Autobiographia* editada muitos annos mais tarde. Abreu e Lima serviu sob as ordens doutros generaes notaveis, assim Urdaneta,

Montilla e Succe. Tomou parte saliente no combate de Portete de Tarqui, na guerra entre o Perú e a Columbia. Em dezembro de 1822, dirigiu as manobras da esquadra columbiana contra Maracaibo e aprisionou uma corveta hespanhola. Soldado e marinheiro da Grã-Columbia, faltava-lhe revelar-se noutro terreno, para o qual também estava talhado, pela sua intelligencia e cultura: foi em missão confidencial aos Estados-Unidos, por indicação do general Escalona, adquirir armamentos para os libertadores.

Soldado, marinheiro, diplomata, activissimo e multiplice, pareceria possuir o dom da ubiquidade. A sua carreira, comtudo, se desdobrou ainda em outros horizontes. Foi também um dos publicistas da epopeia. A principio desenvolveu, num terreno pratico, larga acção em prol da maçonaria. Depois, redigiu partes de batalhas, outros tantos documentos para a historia da republica e, sempre que os interesses da politica reclamavam artigos e pamphletos de propaganda e defeza, Abreu e Lima era requestado pelos seus dotes de polemista e argumentador. Grangeou, sob esse ponto de vista, justa notoriedade.

Em 1826 foi incumbido por Santander de escrever minuciosa memoria sobre os limites columbo-brasileiros. Mais tarde o proprio Bolivar o encarregou dum trabalho historico de alto apreço. Era o caso que o abbade de Pradt, arcebispo de Malines, publicara na Europa uma resposta a Benjamin Constant, defendendo Bolivar de fementidas increpações. Bolivar precisava corroborar na America essa defeza e, para isso, dispunha de abalisados plumitivos, alguns delles dignos e conspicuos arautos da sua celebridade. Nesse excepcional ensejo resolveu favorecer o pernambucano com uma prova de estima e confiança, galardoando, tambem, a sua fidelidade e os seus meritos. Abriu, aos olhos solertes e perspicazes do nosso patricio, os segredos do archivo bolivariano, pondo-lhe ao alcance peças de inilludivel transcendencia, que muitos dos seus tenentes desejariam poder compulsar. Confiou na lealdade de Abreu e Lima, revelou-lhe lances obscuros da sua carreira, permittiu-lhe escrever uma obra valiosa, documentada e seria: *Ultima dictadura do libertador Simão Bolivar*. Depois de ter combatido pela causa sagrada da independencia, enfrentou algumas vezes o cau-

dilhismo desenfreado, por defender a ordem republicana. Venceu o rebelde Carujo em Roacha, bateu-se contra os indios guahiros revolucionados e livrou da anarchia a cidade de Santa-Martha.

Quando voltou aos penates, quinze annos depois, tinha o peito coberto de crachás. Quasi todas as medalhas e condecorações mais apreciadas, mais invejadas, eram possuidas pelo *coronel de Lima*, como costumavam chamal-o. Commoedor o carinho com que se referia a esses gloriosos galardões, escoados cincoent'annos, ao dirigir-se ao veterano de Caracas, Paez, fundador da actual Venezuela, que conhecia em Nova-York as agruras do exilio. Falava com enternecimento do diploma de general outorgado pelo proprio Bolívar, honra insigne que nem todos desfructaram. Ufanava-se da cruz de Boiacá, da medalha de Puerto-Cabello e do nobre escudo de Carabobo. Conservava o busto em ouro de Libertador, presenteado pelo mesmo heroe com honroso attestado. A phase final do brasileiro na Grã-Columbia, foi de dedicado amparo ás ultimas iniciativas de Bolívar, tentando manter unidos os tres Estados que pouco depois se constituiriam á

parte. Nomeado, em 1831, chefe do estado-maior do rio Magdalena, publicou, em Carthagena, violentos libellos contra os inimigos da federação.

O extremado partidarismo dessa quadra incompatibiliza o filho do padre Roma com os nacionalistas da Nova-Granada. Bolivar tocava o occaso da vida e do poder. Dentro da Grã-Columbia, como vimos, engendravam-se as tres nacionalidades que até hoje perduram: Columbia propriamente dita, Venezuela e Equador. Abreu e Lima adora Bolivar, abomina os separatistas. Em a Nova-Granada se incompatibiliza seriamente com Santander. Na Venezuela irrompem intrigas soezes que estremecem as suas relações com Paez. Mas o brasileiro não esmorece na defeza do «pae da patria», apesar de ver o seu prestigio minado pelo ideal regionalista. Dissolvida a Convenção Nacional, em 1830, Bolivar, alanceado pelo desgosto e pela doença, resolve abandonar a liça. Ao partir para a Europa incumbe de delicada missão o chefe do estado-maior do Magdalena: a de acalmar os animos hostis atravez das cidades por onde elle deve passar em demanda da costa. O pernambucano livra assim

o seu idolatrado chefe de novos contratemos. Mas a tuberculose cavernava o peito ingente do luctador, que, naquelle mesmo anno, devia fallecer em Santa-Martha. Abreu e Lima pede uma licença para se retirar para o estrangeiro em 1831. A vida ainda lhe reservava, em Pernambuco, dilatados annos de luctas e polemicas. Morreu a 8 de Março de 1869. O canto do cysne fôra aquella impressionante carta de 18 de Setembro de 1868 ao velho confrade dos *llanos* da Venezuela, o general José Antonio Paez.

Conhecida, em traços geraes, a vida e a gloria de Abreu e Lima na Columbia, seja-nos licito esmiuçar a sua acção de pamphletario bolivariano, que o incompatibilizou com os patriotas da Nova-Granada. Caracterizado o antagonismo entre Santander e Bolívar, em certa noite, a 28 de Setembro de 1828, tramou-se e levou-se a cabo, em Bogotá, um attentado contra a vida preciosa do libertador. Pernoitava elle no palacio presidencial de São Carlos e se entregava, na alcôva, aos braços apaixonados da bella Manuelita Saenz, sua amante. A ella, pela intelligencia, pela astucia, pelo dissimulo, deveu a vida o grande

homem, conseguindo escapar por uma das gelosias do palacio, á sanha dos homicidas. Sobre a cabeça de Santander paira a suspeita de responsabilidade nessa tentativa criminosa. Um dos conspiradores principaes foi um gentil poeta, fundador do theatro granadino, Luiz Vargas Tejada. Em *Recordações Historicas*, por elle escriptas mais tarde, hostilizou os pamphletarios bolivarianos, alludindo asperamente ao nosso patricio: «O principal desses escriptores era o irrequieto e malvado aventureiro coronel de Lima, sacerdote apostata do Brasil; elle e seus companheiros escreviam consoante as suggestões de Daniel Florencio O'Leary e outros escravos de Ocana.» Tejada, alma ingenua, obumbrava-se pela paixão politica, convencido de que a salvação da patria dependia da morte de Bolivar e da ascensão de Santander—*el hombre de las leyes*—. Abreu e Lima era envolvido na mesma diatribe com Bolivar e outros pro-homens da epopeia.

Entre os folhetos de Abreu e Lima, editados em Carthagena e Bogotá, cita-se *A torre de Babel*. Todos foram compendiados no *Resumo Historico da ultima dictadura do libertador*. Pulverizam as invectivas de

Tejada e erros de Benjamin Constant, já respondidos, aliás, em Pariz, em começos de 1829, no *Courrier Français*, pelo abbade de Pradt. Benjamin Constant increpava Bolivar de tendencias monarchicas, dictatoriaes, imperialistas. Abreu e Lima deu novas arrhas do republicanismo e da pureza de intenções do libertador, defendendo a presidencia vitalicia, como recurso capaz de manter unidas as partes integrantes da Grã-Columbia. A obra, em larga porção, assume o aspecto monotono dum libello de causidico, mas não lhe falta entusiasmo, ao offerecer o parallelo com Washington, Napoleão e Cincinnato. Nota-se, nas suas paginas, o fragor da polemica, ao envolver em doestos Santander e Paez. Nem assim diminue o merito do depoimento, revelando a sinceridade e a hombridade do autor. Esquecido o original nos archivos do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico de Pernambuco, só em 1922 foi dado aos prelos, por gentilissima e nobre iniciativa do governo venezuelano, como homenagem ao Brasil.

Esclarecida a conducta de Abreu e Lima na Columbia, comprehende-se porque, em seguida á queda de Bolivar, foi o seu nome

riscado do quadro militar. Em 4 de Setembro de 1831 a *Gaceta de Colombia*, órgão official da Republica, publicou a lista *de los jefes, oficiales y demás individuos militares que por desafectos al sistema constitucional, y por sospechosos a la causa publica, han sido expulsados del pais*, lista na qual, ao lado do coronel *J. de Lima*, se incluíam outras individualidades de renome. Para compensal-o e desaggraval-o levava elle, porem, do proprio punho de Bolivar, a promoção ao generalato. Annos depois os historiadores columbianos souberam tributar justiça. Facundo Mutis Duran mostrou como Abreu e Lima, quasi completamente esquecido até 1873, voltava á notoriedade com a carta a Paez, publicada em 1868 na *Revista de Buenos-Ayres* e reproduzida em outros periodicos. Pela primeira vez eram proclamados em Bogotá os serviços do «antigo soldado da guerra da independencia, fundador da nacionalidade, notavel na patria e fóra della». A *Revista de Buenos Ayres* ponderava: «O guerreiro que esteve ao lado de Paez em Quezeras del Medio, Carabobo e Puerto Cabello, e acompanhou Bolivar em Vargas e Boiacá, deve passar á posteridade com elles.» São justos e gene-

rosos os conceitos dos historiadores da Venezuela e da Columbia e se ajustam perfeitamente ao elogio traçado pelo insigne sabedor Sr. Alfredo de Carvalho.

Batalhando na Columbia, fazia questão de não se confundir com mercenários estrangeiros e isso mesmo insistia em carta ao general Santander: sou americano, soldado dum ideal que se confunde, em ultima analyse, com a unidade do destino americano. Lamentava a nossa formação monarchica, mas não esquecia o seu orgulho de brasileiro, patente neste excerpto: «Creio que o Brasil será um dos primeiros estados confederados por Bolívar, seja pela sua situação geographica, no Atlantico, superior ao Pacifico, seja pela força physica e moral de que dispõe, e por ser hostil aos portuguezes e pela conveniencia da vizinhança com Buenos-Ayres, Perú e Columbia, com os quaes confina ao sul, ao norte, ao oeste, e, como estou certo de que o principal objectivo deste plano consiste na independencia geral do Novo-Mundo, ao Brasil deve competir um papel do maior relêvo nos seus resultados.» Isso escrevia quando se encontrava longe dos patrios lares, incompatibilizado com a nossa fórmula de go-

verno, pagando, no exilio, o peccado de ser paladino de nobres ideaes.

Tal foi a collaboração entusiasta de Abreu e Lima, irmão d'armas de Bolivar, seu fanatico evangelista. Um ponto não pudemos devassar: se elle soube do mallogrado intento dos republicanos de 1824, a desventurada missão de Natividade Saldanha, mal conhecida, injustamente profligada, digna de consciencioso estudo. Bolivar acceitou o heroismo de Abreu e Lima, cobriu-o de favores e insignias, mas repelliu as propostas de pernambucanos e buonai-rensens, por temer que se julgasse mal da sua obra, que a guerra ao Brasil degenerasse em pomo de discordia americana, afastando-nos, para sempre, do convivio amistososo daquellas republicas que amorosamente affeçoara para luminoso destino. Queria ver-nos, bem como os Estados Unidos da America do Norte, em propicia harmonia com a America Hespanhola, collaborando na constituição do que elle mesmo denominou o direito publico americano, cujas bases deviam partir do congresso do Isthmo, de 1826.



Falliram os seus magnos projectos, poucos souberam comprehendel-o no amargor do declinio. O terreno, entretanto, não era safaro. A semente em nossos dias prosperou. Já hoje não se discute a sua prodigiosa faculdade de antevisão. Sobrenada a pureza das suas intenções. A America inteira o consagra anjo tutelar das suas melhores esperanças. Cada vez mais voltamos ao puro ensinamento de Bolívar, grande na patria, grande no continente, grande no mundo.

Santa Fé de Bogotá, 1927.

Copenhague, 1929.

## BIBLIOGRAPHIA

(LIVROS E ARTIGOS CONSULTADOS)

ALBERDI, João-Bautista.—*Simon Bolivar.*

ANDRÉ, Marius.—*Bolivar et la démocratie, Entretiens du général Mangin sur l'Amérique.*

ARBOLÊDA, Gustavo.—*El Brasil através de su Historia.*

ARCAYA, P.-M.—*Simón Bolívar.*

*Arquivo Diplomatico da Independencia do Brasil, 5 volumes.*

ARRÁIZ, F. Jiménez de.—*Camino de gloria.*

BOLÍVAR, Simón.—*Cartas, 2 vols.*

*Bolívar, por los más grandes escritores.*—  
Ed. Renacimiento, Madrid.

CABALLERO, Luiz Eduardo Nieto.—*Libros colombianos.*

CALDERÓN, Francisco García.—*Simón Bolívar.*

- CAMPOS, Raul-Adalberto de.—*Relações diplomáticas do Brasil.*
- CARBONEL, Diego.—*Biografia de Abreu e Lima.*
- CARVALHO, Alfredo de.—*Um companheiro de Bolívar.*
- Congresso Pan-Americano de Panamá, 1926, publ. official.*
- COSTA, Henrique Otéro da.—*Los brasileños en la independencia de Colombia.*
- CRUZ, Ernesto de la.—*La entrevista de Guayaquil.*
- DURAN, Facundo Mutis.—*Ricaurte.*
- FOMBONA, Rufino Blanco.—*Bolívar, escritor: Bolívar y la Argentina.*
- Gaceta de Colombia.* Escalafón general de los jefes y oficiales en la guerra de Independencia.
- GALINDO, Aníbal.—*Bolívar en el Perú.*
- GUTIÉRREZ Joaquim Posada.—*Ultimos dias de la Gran-Colombia.*
- HISPANO, Cornelio.—*Diario de Bucaramanga de P. de Lacroix; Colombia en la guerra de la independencia; Bolívar y la posteridad; Historia secreta; Libro de oro de Bolívar; etc.*
- LANZ, Laureano Valenilla.—*Congreso de Panamá.*

- LARRAZÁBAL, Felipe.—*Vida del libertador S. Bolívar*, 2 vols.
- LECUNA, Vicente.—*Papeles de Bolívar*, 2 vol.
- LEVEL, F. Duarte.—*Bolívar y su campaña de 1821*.
- LIMA, J. I. de Abreu e.—*Ultima dictadura del libertador S. Bolívar; Carta al general José Antonio Páez; etc.*
- LIMA, Manoel de Oliveira.—*Pan-Americanismo (Monroe, Bolivar, Roosevelt)*.
- MACKENNA, B. Vicuña.—*Simón Bolívar*.
- MANCINI, Jules.—*Bolívar et l'émancipation des colonies espagnoles*.
- MARTÍ, José.—*Simón Bolívar*.
- MELLO, Antonio-Joaquim de.—*Biographia de J. da N. Saldanha*.  
*Memorial del Estado Mayor del Ejército de Colombia*.
- MONTALVO, Juan.—*Bolívar y Wáshington*.
- MONTEIRO, Tobías.—*Historia do Imperio*.
- MUNDRUCÚ, E. F. Benicio.—*Manifiesto a la Nación Colombiana*.
- O'LEARY, Daniel-Florencio.—*Memorias*, 31 vols.
- OLMEDO, José-Joaquín.—*Canto de Junín*.
- ORTIZ, Laureano García.—*F. de Paula Santander*.
- ORTIZ, Juan-Francisco.—*Reminiscencias*.

- PÁEZ, José-Antonio.—*Autobiografía.*
- PÉREZ, C. Parra.—*La diplomacia de Bolívar.*
- PETRE, F. Lorrain.—*Bolívar.*
- POSADA, Eduardo.—*Apostillas; Bibliografía bogotana; Labatut.*
- PRADT, abbade de.—*Le Congrès du Panama*
- QUIJANO, Arturo.—*La liga de las Naciones (Bolívar, Napoleón, Wilson).*
- RIO-BRANCO, barão do.—*Ephemerides brasileiras.*
- RIVAS, Raymundo.—*Lecturas históricas.*
- RODÓ, José-Henrique.—*Bolívar.*
- SALDANHA, José da Natividade.—*Poesias.*
- SAMUDIO, Rafael García.—*Capítulos de Historia diplomática.*
- SAMPER, Soledad Acosta de.—*Biografías de los héroes de la independencia.*
- SANTANDER, Francisco de Paula.—*Archivo del, 22 vols.*
- SCARPETA, Leónidas.—*Diccionario biográfico de los campeones de la libertad.*
- SHERWELL, William.—*Simón Bolívar.*
- TEJADA, Luiz Vargas.—*Recuerdos históricos.*
- UNAMUNO, Miguel de.—*Don Quijote Bolívar.*
- URIBE, Antonio-José.—*Cuestiones internacionales.*

URRUTIA, Francisco-José.—*El ideal internacional de Bolívar.*

VAUCAIRE, Michel.—*Bolívar el libertador.*

VEJARANO, Jorge-Ricardo.—*Bolívar, legislador.*

VERISSIMO, José.—*Bolívar professor de energia.*

VILLANUEVA, Carlos.—*La monarquía en América; Bolívar y San Martín.*

## INDICE

	<u>Páginas</u>
Bolivar e o Brasil .....	9
Primeiros passos de Bolivar .....	21
Labatut, desaffectedo de Bolivar .....	35
A formação da Grã-Columbia .....	59
Nos jardins da Historia .....	81
O delirio do Chimborazo .....	93
O canto epico de Olmedo .....	103
No Potosi .....	117
O falso rebate de Chiquitos .....	133
A missão Alvear .....	151
Factores favoraveis ao Brasil .....	169
O Congresso do Panamá .....	185
O sonho de Natividade Saldanha ....	209
A monarchia na America .....	229
A lealdade de Abreu e Lima .....	243
Bibliographia .....	258

Formato: 15,5 x 22,5  
Mancha gráfica: 10,5 x 19,5  
Papel: Pólen Soft 80g (miolo)  
Fontes: Book Antíqua, Bookman Old Style, Garamond, Myriad Pro,  
Times New Roman, Wingdings.